

ABCZ

A Revista Brasileira do Zebu e seus Cruzamentos

Ano 1 · Nº 3 · Julho-Agosto/2001

Por que a
aftosa voltou
ao Cone Sul

O bom
desempenho
da raça guzerá

Rômulo
despede-se
com
entrevista-
documento

**Carne zebuína: tesouro do
Brasil, riqueza do consumidor**

Uréia Pecuária Petrobras. É barata e funciona que é uma beleza. Tem tudo que seu gado precisa para continuar engordando mesmo na seca. É a forma mais econômica de suplementação mineral depois do pasto. Dê Uréia Pecuária Petrobras para a sua boiada, seguindo orientações técnicas de um especialista. Você engorda seu gado sem emagrecer o seu bolso.

SAC: 0800-789001 - Fábricas de Fertilizantes Nitrogenados: (71) 642-4260.



DPZ

**Com Uréia Pecuária Petrobras
seu gado está sempre com o peso ideal.**



TRONCO BECKHAUSER 2000

FORTE COMO UM TOURO, ÁGIL COMO UM GARROTE.



VEJA ALGUMAS DAS MUITAS QUALIDADES DO TRONCO BECKHAUSER 2000



PESCOCEIRA e vazieira, com movimentos paralelos, dotadas de pistões autotravantes **Hidra-lock®**.



PISTÕES autotravantes **Hidra-lock®** fazem a contenção perfeita, ágil e segura do animal de qualquer porte ou idade.



BALANÇA TRU-TEST acoplada ao tronco, dá maior rapidez ao manejo e precisão na pesagem do animal. Evita desperdício de medicamentos e ainda economiza espaço no curral.



PROTECTOR DE COICE, acessório importante para que o técnico possa realizar com segurança e tranquilidade todos os serviços.

O Tronco Beckhauser 2000 é fabricado em madeira Cumaru fixada em chassi de aço para receber as Barras HD ou MP 800 e acoplar, assim, a balança eletrônica. Tudo isso o torna forte como um touro e ágil como um garrote.



Beckhauser

www.beckhauser.com.br
e-mail: tronco@beckhauser.com.br

DDG 0800-44 9002

Av. Dep. Heitor Alencar Furtado, 2985
Paranavaí - PR - CEP 87 711-000

Prestação de contas

A terceira edição da revista **ABCZ** é a última a ser publicada na gestão do presidente Rômulo Kardec de Camargos, que deixa o cargo no dia 29 de agosto, quando assume a nova diretoria da entidade. Na página de entrevista desta edição, Rômulo faz um balanço de sua gestão no triênio 1998/2001, e uma análise do atual momento da pecuária no Brasil.

Em outra matéria, a **ABCZ** contesta dados divulgados no programa "Fantástico", exibido aos domingos à noite pela rede Globo de Televisão, sobre o teor de colesterol e gordura saturada da carne bovina. A revista ouviu especialistas em nutrição, que apontam falhas nas informações apresentadas no programa. A entidade enviou na mesma semana, carta de protesto à direção do programa. No quadro **Conversa com a Ciência**, o renomado nutricionista, Ênio Cardillo Vieira, professor da UFMG, fala da necessidade de consumo moderado de carne vermelha pelo ser humano.

No Triângulo Mineiro, uma das principais regiões de pecuária do Brasil, o Instituto Mineiro de

Agropecuária alerta para o perigo da raiva bovina. Em menos de dois anos, o número de focos da doença cresceu muito. Mesmo com os esforços do IMA na caça ao morcego hematófago, sem a colaboração dos criadores fica difícil o combate. É preciso vacinar o rebanho.

O repórter Najar Tubino foi ao Rio Grande do Sul e trouxe uma matéria especial sobre a febre aftosa, que voltou a assolar o Cone Sul, atingindo alguns rebanhos no Rio Grande do Sul depois de quase uma década.

Nem o campo escapou da crise energética. Produtores de leite temem que a produção e a comercialização do produto podem ficar comprometidas, caso o fornecimento de energia seja interrompido. Veja algumas dicas de economia, do professor da UFU, José Roberto Camacho.

Será tendência da revista publicar "hobbies" de pecuaristas, com o objetivo de mostrar um pouco da história de vida do homem que lida com o zebu. Na estréia, registramos a paixão do selecionador de tabapuã Rodolpho Assumpção Ortenblad pela fotografia.

11 Cartas do leitor

Leitores escrevem sobre o segundo número da revista **ABCZ**

22 Sanidade

Aftosa volta a atingir rebanhos gaúchos, depois de quase uma década sem registros no Cone Sul.

30 Mídia eletrônica

O programa Fantástico, da Rede Globo, comprou briga desnecessária com a classe pecuária.

42 Raças zebuínas

O guzerá começa a provar que não é bom só para corte. Um trabalho está em curso para seleção de dupla aptidão.

48 Crise energética

Mercado do leite pode ficar comprometido.

78 Produção integrada

Pecuaristas investem em outras alternativas, junto com a pecuária.

81 Comportamento

Selecionador da raça tabapuã no interior de São Paulo, tem como passatempo, uma atividade nobre: a fotografia.

EXPEDIENTE

Órgão oficial de comunicação da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu—ABCZ

Editor: Jorge Zaidan Jr.

Repórter: Marconi Lima

Revisão: Sandra Regina Rosa dos Santos

Departamento Comercial: Andréia Mesquita

Fotos: Maurício Farias, Ricardo Prieto, Sérgio Teixeira, Pitty

Change e Ilustrações: Peafo

Projeto gráfico: Nativa Propaganda e Marketing

Diagramação/Artes Gráficas: José Anchieta (34) 9994-8369

Fotolito: Print (34) 3316-6769. Tiragem: 11.000 exemplares

ABCZnet: www.abcz.org.br - E-mail: revista.abcz@abcz.org.br

Enviada gratuitamente aos associados da ABCZ - Praça

Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 - Bloco I - B. São Bene-

dito - Cx Postal 6001 - CEP: 38022-330 - Uberaba(MG)

Tel.: (34) 3319-3900 - Fax: (34) 3319-3838

CONSELHO EDITORIAL

Rômulo Kardec de Camargos, João Antonio Prata, Arnaldo Prata Filho, Luiz Humberto Carrião, Luiz Antonio Josahkian e Randolfo Borges Filho.

DIRETORIA:

Presidente: Rômulo Kardec de Camargos, 1º Vice-pres.: João Antonio Prata; 2º Vice-pres.: Alberto Pereira Nunes Filho; 3º Vice-pres.: William Koury

Diretores:

Apriço Lopes Xavier, Arnaldo Prata Filho, Cláudio Sabino Carvalho Filho, Elston Lemos Vergaças, Frederico Cunha Mendes, João Machado Prata Júnior, Jonas Barcellos Corrêa Filho, José Carlos Prata Cunha, Lourival Sales Parente, Luiz Humberto Carrião, Paulo Ferolla da Silva e Rodrigo Musa da Cunha

SUPERINTENDÊNCIAS:

Ger.: Sérgio Cunha Paiva. Técnica: Luiz Antonio Josahkian. Adm-financeira: José Valtóirio Mio. Informática: Eduardo Luiz Milani. Técnica-adjunta de Melhoramento Genético: Carlos H. Cavallari Machado. Técnica-adjunta de Genealogia: Carlos Humberto Lucas. Técnica-adjunta do Depto. de Jurados das Raças Zebuínas: Moacir Duarte Gomes.

ASSESSORIAS:

Jurídica: Gilberto Martins Vasconcelos; Comercial: Andréia Mesquita; Relações Públicas: Márcia Maldonado; Imprensa: Jorge Zaidan Jr.

Impressão: Grande ABC Gráfica(São Bernardo-SP)

Reproduções são permitidas. Pedimos a citação da fonte.

**Tudo começou com um sonho:
criar o melhor rebanho nelore.**



O sonho tornou-se real.

A história da Marca **n** começa em 1951, quando Nenê Figueiredo decide realizar um antigo sonho: formar um plantel com o melhor da raça Nelore.

Nenê traçou um projeto na busca do nelore perfeito. Este animal deveria ter a pelagem Menezes, a frente Torres, a altura Nenê Costa e o posterior Rubico. Seu objetivo era criar uma linhagem aprimorada no tamanho sem perder as características de pureza de raça.

Nenê Figueiredo iniciou seu plantel com 23 bezerras da marca Taça, adquiridas do Sr. Durval Garcia Menezes. Na época, foi muito difícil para Nenê F. comprar estes animais, já que o Sr. Durval vendia apenas os fundos de seu plantel. Mas Nenê tinha um sonho e estava determinado a realizá-lo, sabia que só com trabalho, esforço e dedicação conseguiria.

Em 1960, Nenê adquiriu 2 bezerros do Sr. Torres Homem, sendo um deles filho de Karvadi. Deu início a segunda etapa de seu projeto, constituir a base de Karvadi no gado.

Após 8 anos, Nenê trouxe o sangue Kurupati para o seu rebanho, através de Sinagar, filho de Goti II, adquirido do Sr. Rubico Carvalho.

As 3 etapas do projeto de Nenê Figueiredo estavam completas. Seu rebanho já tinha a pelagem Menezes, a frente Torres e a posterior Rubico. Agora faltava só a altura Nenê Costa para completar a mixagem das quatro linhagens.

O tamanho foi aprimorado com a introdução da linhagem Taj Mahal, através da aquisição e seleção de 10 filhos de Marajá. Na mesma época, também foi utilizado no plantel o boi Ghandari (sangue Karvadi pelo lado materno), várias vezes Grande Campeão. A mixagem das quatro linhagens já estava completa.

Outros touros também contribuíram para melhorar ainda mais a seleção da fazenda Nelore: Himalaia, filho de Amedabad, e Shivá (touro adquirido na Índia).

Alguns animais foram destaque nestes 50 anos de história da Marca **n**:

Preciosa da Nel (13 vezes campeã nas mais tradicionais exposições)

Guaira POI da Nel (detentora de 4 Grandes Campeonatos)

Pirassununga POI da Nel (Grande Campeã 3 anos consecutivos em Barretos e Grande Campeã em S. J. do Rio Preto)

Dracena POI da Nel (23 vezes Grande Campeã)

Bombain POI da Nel (Campeão em presidente Prudente e Rio Preto)

Nenê Figueiredo, através dos grandes criadores Durval Menezes, Torres Homem, Nenê Costa e Rubico Carvalho, cada um lhe fornecendo uma das quatro características que ele considera essencial no nelore, pode constituir sua própria marca, a Marca **n**, de grande significado para a pecuária nacional.

Hoje, a Fazenda Nelore se destaca entre os melhores plantéis de Nelore do país, vencendo vários campeonatos e produzindo animais de excelente qualidade genética.

Mastro da Nel Panagpur x Chance POI da Nel (Iguaçu do Pag.)

Res. Campeão Bezerro na Expozebu 1997

Campeão Bezerro em Barretos, Jales e Fernandópolis 1997

Campeão Júnior Menor na Expo Ipameri 1997

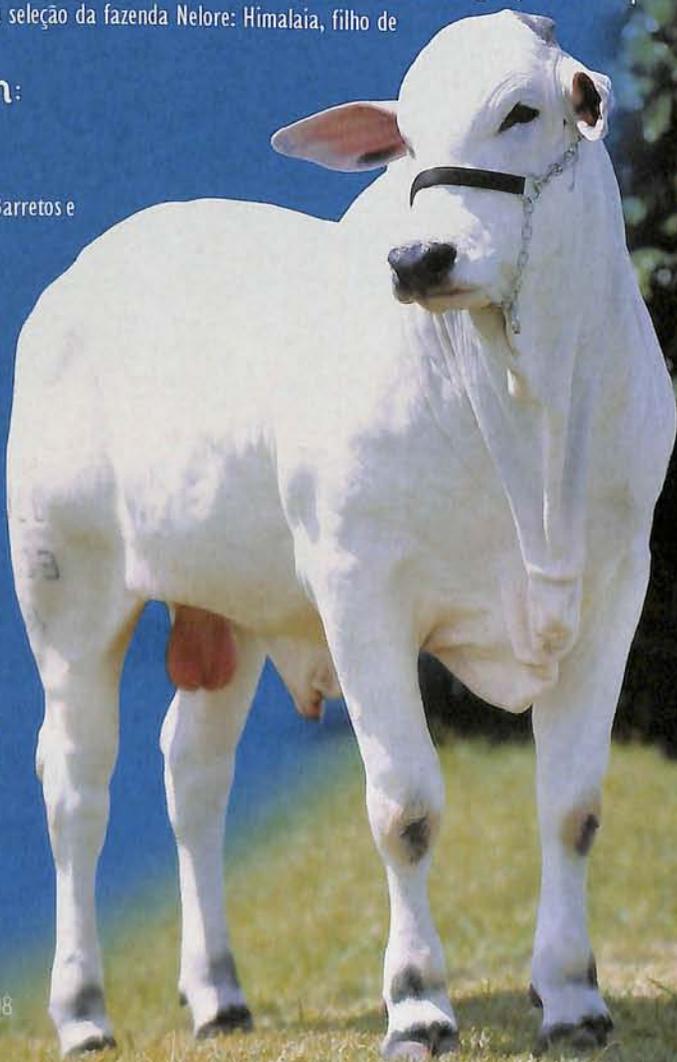
Res. Campeão Júnior Menor na Expoinel 1997

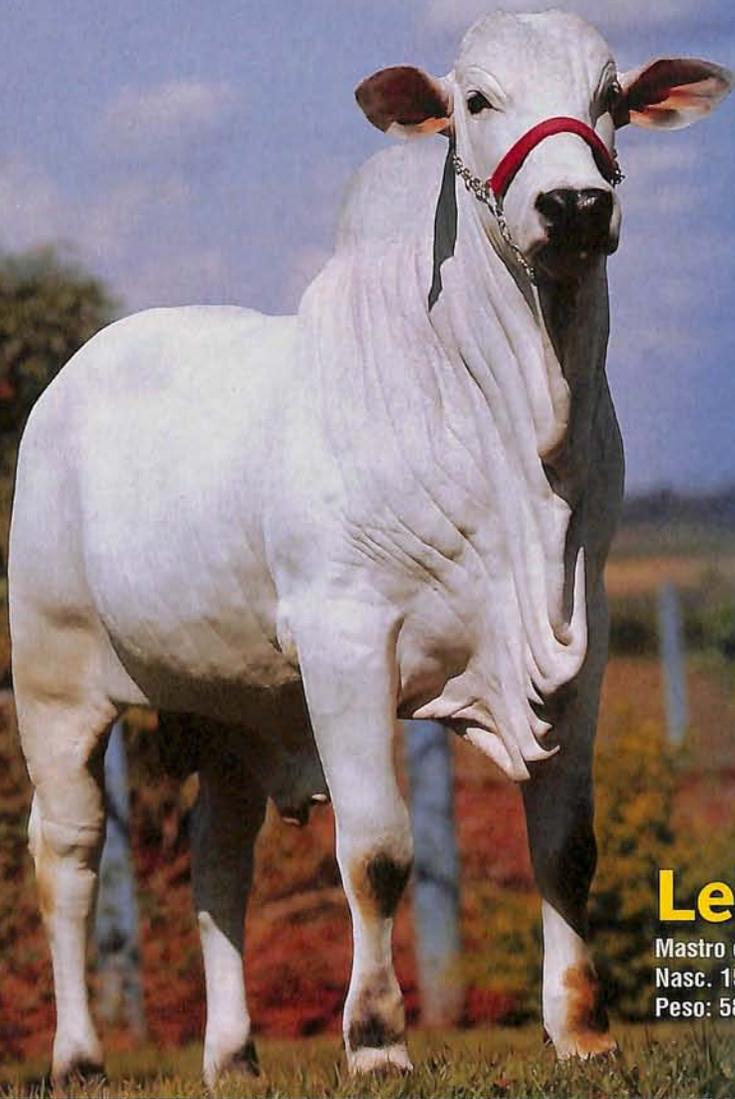
Melhor Macho Jovem no Ranking Nacional 1998

Campeão Júnior Maior e Res. Grande Campeão na Expo Londrina 1998

Campeão Júnior Maior Expozebu - Uberaba 1998

Campeão Júnior Maior e Grande Campeão na Expo Três Lagoas 1998





Lek da Nel

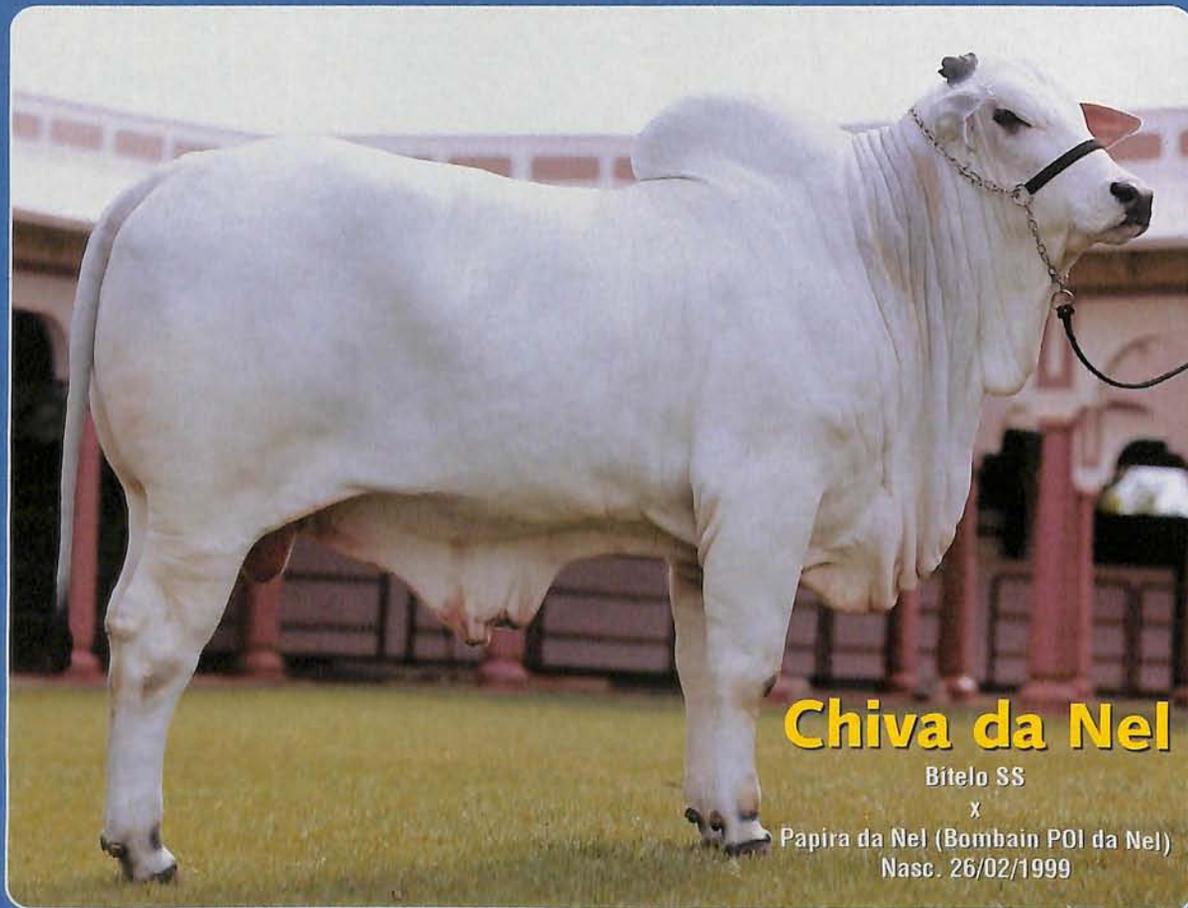
Mastro da Nel x Papira da Nel (Bombain POI da Nel)
Nasc. 15/07/2000
Peso: 586 Kg

Progênie
Mastro da Nel
x
Bilara VIII POI da NI



Marca . Meio Século de Nelore.

Este touro é promessa de prêmios nas melhores pistas do Brasil.



Chiva da Nel

Bítelo SS

X

Papira da Nel (Bombain POI da Nel)
Nasc. 26/02/1999

Aos 26 meses, chegou aos 960 quilos. - Campeão Touro Jovem e Res. Grande Campeão na Expo Barretos 2001
Res. Campeão Touro Jovem na Expozebu 2001

Nenê Figueiredo aguarda sua visita à Fazenda Nelore, para ver as marcas Taça, VR, F e C fundidas em uma nova e única linhagem, a Marca .



Mastro e Chiva da Nel - sêmen à venda



Gabriel Jeronimo de Figueiredo Filho (Nenê Figueiredo)
Rodovia Assis Chateaubrind Km 107
Caixa Postal, 87 - CEP 14.780-690 - Barretos SP
Fone/Fax: (17) 3322-5788 / 9773-2900
www.fazendanelore.com.br - E-mail: gabrielfig@barretos.com.br

Patrocínio



Revista ABCZ

A revista **ABCZ** está excepcionalmente bem articulada

Aníbal S. Felipe da Silva

A revista está maravilhosa. É um importante veículo que nos mantém informados sobre a nossa querida ABCZ. Sucesso nesse novo empreendimento.

Guido Seravalli Bravo

Congratulações pela revista, que com certeza, será de grande valia aos pesquisadores da Unoeste e do Brasil.

Beatriz Helena Azevedo de Castro

Apesar de não entender muito de pecuária, gostei de ler a revista **ABCZ**. Pensei que fosse difícil selecionar matérias e imagens que chamassem a atenção, por ser um assunto direcionado, mas vi que nem isso fez com que a revista ficasse repetitiva. Adorei a coluna "Zebu na Mesa".

Rogéria Cristina Arduini

Raças zebuínas

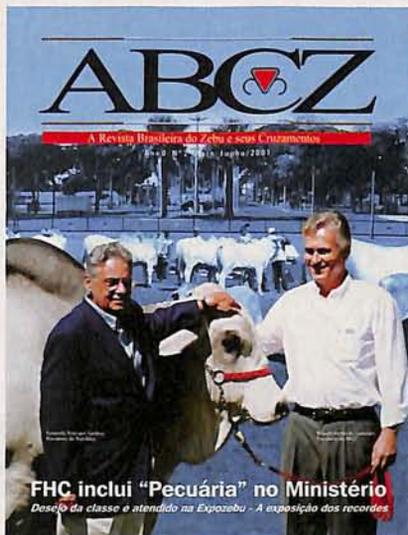
Sou estudante de medicina-vegeterária da UFPB e estou necessitando ter acesso aos padrões das raças criadas aqui no Brasil, principalmente a raça Sindi. Peço que me enviem ou me informe como adquirir estas informações.

Tobias Maia de Albuquerque Mariz

Resposta do superintendente-técnico da ABCZ, Luiz Josahkian: "Você pode fazer o download do arquivo do Prozebu do site www.abcz.org.br ou enviar-nos seu endereço postal para envio do material".

ABCZ – Histórias e histórias

Solicito duas correções a respeito do livro "ABCZ – Histórias e histórias"



rias". O preço atual, após o lançamento, é de R\$60,00 e não mais R\$45,00. De relação à homenagem prestada pelo Museu do Zebu não fui eu a homenageada e sim Eliane, co-autora do livro. Meus cumprimentos pelo segundo número da revista que está cada vez melhor, com artigos que atendem os mais variados interesses.

*Maria Antonieta Borges Lopes –
historiadora*

Fantástico

Com referência aos resultados sobre colesterol, divulgados pela Rede Globo com a grife do CTC/ITAL e aprovação do Sr. Armando Mariante, do Inmetro, no último Fantástico, comunico que existe uma altíssima probabilidade de erro nas análises de colesterol não só da carne bovina, mas também da suína e da de frango. Deve ter havido erro sistemático nas análises e alguém do ITAL, do Inmetro ou o Cardiologista, deveria ter suspeitado disso. A quantidade de gordura saturada não parece incorreta, mas é errado falar em gordura saturada da carne sem dizer a proporção que esta e a monoinsaturada e a

polinsaturada representam (cerca de 40-50% de saturada). Também é errado ou má fé falar em mg de gordura saturada, fazendo parecer um número muito grande, como 2.596mg, quando internacionalmente se diria 2,6g, o que é muito mais lógico e fácil de dizer na TV e é de fato muito pouco em termos nutricionais. Estou certo de que gente séria como os senhores (TV Globo) não têm interesse pessoal em fazer o mal que fizeram a todo o complexo carne (bovina, suína e de aves) do Brasil, que gera milhões de empregos e que por isso mesmo vão pedir desculpas pelo engano no Fantástico.

Pedro Eduardo de Felício

Parabéns para a ABCZ. Também protestei, usando dois contatos que tenho junto à Rede Globo. Vamos ver se eles se retratam, o que seria o mínimo que a ética jornalística exige.

Carlos Arthur Ortenblad

Meio ambiente

Ao professor Renato M. B. Carvalho: fiquei muito feliz ao ler seus artigos na revista **ABCZ** e gostaria de publicar no "Jornal da Cidade", de Bocaiúva, aqui no Norte de MG.

Amanda Braga

N.R. Os artigos e as matérias da revista **ABCZ** podem ser publicados, desde que citada a fonte, exceto se algum colunista se oponha, sobre seu texto, o que não é o caso do professor Renato Carvalho.

Exportações

Com a inclusão da Bahia com área livre de aftosa, o estado credencia-se como potencial centro de exportação de carne bovina. E Itapetinga contribui decisivamente para esse comércio.

Edson Fernandes Teixeira

Presidente despede-se do associado com entrevista-documento

Jorge Zaidan Jr.

Um breve currículo de Rômulo Kardec de Carmagos já foi publicado no início desta edição. É um funcionário de carreira que começou a exercer a função de técnico e chegou, por duas vezes, à presidência da entidade, a maior do mundo em raças bovinas. Houve quem dissesse, muitas vezes, que o presidente da ABCZ tem "status" de ministro da Pecuária, se existisse um. Não há, mas pelo menos, Rômulo conseguiu o feito de incluir



Rômulo Kardec com a esposa Maria da Graça durante as festividades da expozebu 2001

um trecho, fala de realizações que tiveram início na sua primeira gestão, de 1992 a 1995. A conversa aconteceu sem interrupções na sala da presidência, em julho, a pouco mais de um

mês da posse do sucessor. Ficou combinado com o entrevistado que ele não conheceria as perguntas antes da gravação da entrevista, sob o argumento de que as perguntas à queima-roupa teriam respostas mais autênticas. E assim foi feito.

o termo "pecuária" no nome do ministério da Agricultura. Na entrevista a seguir, que é a última, como presidente publicada na revista ABCZ no triênio 1998/2001, Rômulo faz um balanço de sua segunda administração. Em

ABCZ: O que o motivou a voltar a disputar uma eleição na ABCZ?

Rômulo: Foi uma seqüência de fatos. Depois de eleito pela primeira vez em 1992, em uma disputa muito acirrada, estabeleci a meta prioritária de unir a ABCZ. Procurei meus adversários, trouxe-os para a entidade, pedindo a união e ajuda para a minha administração. Com a ajuda de Deus e com a casa unida, tivemos missão cumprida com muitas realizações. Três anos depois, em 1998, fomos procurados por companheiros e até ex-adversários, que nos pediam para vol-

tar. Foi gratificante reconhecerem nosso trabalho, que poderíamos ser úteis novamente, e que poderíamos dar prosseguimento a um plano de trabalho traçado em 1992.

ABCZ: O que mudou na pecuária brasileira de quando o sr. assumiu pela primeira vez a ABCZ, em agosto de 1992, para agosto de 2001?

Rômulo: A pecuária brasileira passou por profundas transformações de uma maneira generalizada. No âmbito da ABCZ, basta rever a regulamentação da Expozebu,

antes de 1992, e de 1993 até 2001. Houve uma guinada total.

ABCZ: Em que sentido?

Rômulo: Na parte sanitária, na alimentação e, principalmente, na ênfase que demos ao melhoramento genético, com profundas modificações no PMGZ e com a Expozebu passando a ter dimensão internacional. Houve mais rigor nas comissões de admissão, nos critérios de julgamento, na informatização da casa, com uso de fibra óptica para transmissão de dados dos animais. Basta rever os

regulamentos anteriores e verificar as mudanças.

ABCZ: E a pecuária nacional?

Rômulo: Passou por uma grande e boa transformação, e passa por uma boa e duradoura fase porque tem sustentação alicerçada em um programa de melhoramento genético praticado pelo ABCZ, que é o maior e mais completo do gênero no mundo, e por outras entidades de classe e centros de pesquisa também. Dou mais ênfase ao trabalho da ABCZ porque tem o significado de representar 80% da pecuária brasileira, através do zebu.

ABCZ: Nos últimos dez anos, o sr. foi presidente duas vezes, e diretor da ABCZ por uma vez. O sr. se sente em parte responsável por estas mudanças?

Rômulo: Não gosto de falar na primeira pessoa do singular. Trabalho em equipe. Se tenho algum mérito nessas mudanças na ABCZ e na pecuária, está na escolha de meus companheiros, não só diretores, mas superintendentes, assessores e funcionários. Todos são responsáveis porque trabalhamos em equipe.

ABCZ: A sua primeira Expozebu como presidente da ABCZ teve 983 animais inscritos. Nos últimos três anos, a média de animais inscritos chegou a 1.300.



Essência, o zebuino mais caro do mundo, vendida na Expozebu

Os leilões de 1993 tiveram uma média de US\$ 3.400. Este ano, a média pulou para US\$ 6.500, quase o dobro, numa economia de inflação perto de zero, a partir de julho de 1994. O que motivou um salto tão alto assim?

Rômulo: Em primeiro lugar, o sucesso se deve à mudança nos regulamentos, que citei acima. Deve-se também à mudança das exposições, à guinada que se deu na condução do melhoramento genético, na condução do zebu no Brasil. Em segundo lugar, acredito que devido a um trabalho sério porque a se-

“Eu sou contra é cruzamento industrial no Brasil, envolvendo reprodutores europeus em monta natural”

riedade traz confiança, e motiva a vinda de investidores de outros segmentos para a pecuária zebuína. O resultado é o aquecimento dos negócios.

ABCZ: Aumentou o número de associados da ABCZ?

Rômulo: Houve um aumento significativo, mesmo sem iniciarmos qualquer campanha. Isso demonstra o interesse pelo segmen-

to zebuino. Nós nunca deixamos de lado o marketing do zebu, no Brasil e no exterior. Fizemos uma administração itinerante, andamos por todo o Brasil, participando de reuniões e mesas-redondas, visitamos exposições, assistimos a leilões, e discutimos problemas. A ABCZ foi ao criador, não esperou que ele visse até ela. O resultado foi espetacular: 876 novos companheiros, o que dá uma média de 1,4 novo sócio por dia de trabalho.

ABCZ: Foi somente a presença de outros investidores que motivou um salto nos preços?

Rômulo: Além da seriedade, outro fator de preços mais elevados foi a qualidade dos animais ofertados. Quando o pregão oferece material genético comprovado, pode-se esperar pelo sucesso nas vendas. Um reprodutor zebuino vendido em Uberaba já traz no currículo a conquista de campeonatos importantes pelo Brasil afora. Aqui, na nossa exposição, é submetido a testes muito rigorosos de admissão e passa pelo crivo apurado dos jurados. Se for campeão de alguma categoria na Expozebu, que eu chamo de “O Oscar da pecuária nacional”, é claro que esse animal terá um preço diferenciado. Ele é uma semente selecionada, como existe na agricultura.

ABCZ: Por isso, os leilões de



Leilão é realizado no Centro de Eventos; a obra marcou a gestão

zebuínos em Uberaba são os mais valorizados do país?

Rômulo: Os leilões homologados pela ABCZ são os que mais arrecadam. Não quero menosprezar outras exposições, mas os números não mentem. O primeiro lugar está em Uberaba, com a Expozebu, e o segundo, também, com a Expoinel.

ABCZ: A Expoinel que o trouxe para Uberaba?

Rômulo: Sim, foi em 1994, com o propósito de fixá-la aqui em Uberaba, justificando que é um lugar estratégico geograficamente, e conta ainda com a estrutura da ABCZ.

ABCZ: O preço individual do zebu também cresceu muito. É possível prever como será o movimento financeiro na Expozebu e em outras grandes exposições do ano que vem?

Rômulo: É difícil prever, mas essa pode ser a tendência. Na preparação da Expozebu de 2001 (cujos leilões movimentaram R\$ 24,5 milhões), trabalhamos com o referencial da versão de 2000 (movimento de R\$ 12,5 milhões em leilões), que já havia sido a "Expozebu dos records". Ninguém previu um recorde em cima de recorde, se bem que quem trabalha com melhoramento genético tem por obrigação melhorar

sempre. E quem promove o melhoramento tem que ser mais bem remunerado. Eu só espero que o zebu continue tendo boa aceitação e liquidez, como está agora.

ABCZ: O aceno do interesse maior do mercado internacional também influencia?

Rômulo: Claro que sim, mas só terá influência positiva se nós cuidarmos, continuamente e em conjunto, do trabalho de melhoramento genético, de sanidade e de nu-

“...se todos os caminhos de importação de material genético dos europeus fossem fechados, nós caminharíamos sem problemas com a nossa pecuária tropical, com o zebu”

trição.

ABCZ: A ABCZ acompanhou esta evolução, na última década?

Rômulo: A ABCZ é responsável por essa evolução, sem querer desmerecer outras entidades de classe de outras raças não zebuínas. Mas, os zebuínos são 80% da pecuária. Se o zebu vai bem, a pecuária tem que ir bem. Não adianta

20% do rebanho irem bem e 80%, mal. A pecuária chegou a ser o segmento que mais cresceu na economia. E é lógico que a ABCZ tem responsabilidade nisso. Ela cresceu junto também.

ABCZ: Em que a ABCZ evoluiu mais? O que ela mais mudou na pecuária?

Rômulo: A regulamentação das exposições e a efetivação e modernização do programa de melhoramento genético. Passamos a ter fêmeas produzindo mais cedo e longevas. Diminuímos o intervalo entre partos e melhoramos a produção, através de manejo, sanidade e melhoramento genético também para os machos. Como consequência, os animais para abate ficaram mais precoces e passaram a produzir carne de melhor qualidade, dando retorno econômico mais rápido.

ABCZ: Que setor cresceu mais na ABCZ?

Rômulo: O crescimento foi generalizado. Todos os setores, como os elos de uma corrente, tiveram crescimento conjunto, os registros genealógicos de nascimento e definitivo, as provas zootécnicas, o número de leilões, de animais em pista, a informática.

Crescemos até na base física, aumentando o Parque Fernando Costa. Crescemos na área



Expoinel, que ficou consolidada em Uberaba durante o triênio



O boi de cupim e do capim, com a marca da ABCZ, o "canranguejo"

construída, com novos pavilhões, nova pista de julgamento e cobertura das arquibancadas, e com a inauguração do centro de eventos e do templo ecumênico.

ABCZ: E no melhoramento genético?

Rômulo: O PMGZ cresceu muito, com a criação de novas ferramentas, como o Programa de Acasalamento Dirigido, o PAD, e o Certificado Especial de Produção, o CEP e outros atrativos a serviço do selecionador.

ABCZ: O centro de eventos é a maior obra da gestão?

Rômulo: Se for obra física, sim, mas a grande obra da ABCZ foi nas áreas de melhoramento genético e informatização.

ABCZ: O melhoramento genético também foi uma marca na sua primeira gestão.

Rômulo: Sem dúvida, foi a "menina-dos-olhos", porque esta é a minha formação profissional. Quando entramos na ABCZ em 1992, prometemos um trabalho sério. E o resultado aí está para quem quiser analisar. Fizemos uma administração voltada para a área técnica, sem abandonar as demais. A ABCZ não "vende" bois. Ela "vende" genética, indicando os animais melhoradores para serem usados também no grande plantel comer-

cial. Assim, a ABCZ auxilia a pecuária brasileira.

ABCZ: E nos outros setores, de que maneira a ABCZ atuou?

Rômulo: A ABCZ nunca se esqueceu dos outros aspectos. Tudo que é de interesse do setor agropecuário, a ABCZ está presen-

“A ABCZ não ‘vende’ bois. Ela ‘vende’ genética, que resulta no benefício da pecuária nacional”

te. Nas questões fundiárias e sanitárias, na cobrança de ações governamentais. Como exemplo, temos a erradicação da febre aftosa. Atuamos no Brasil e no exterior, sugerindo e integrando parcerias. Este é o trabalho da ABCZ, que não é uma entidade que apenas registra zebuínos. O trabalho vai muito além disso.

ABCZ: No seu mandato, os preços da arroba se mantiveram no patamar que sempre estiveram. Há alguma possibilidade de aumento?

Rômulo: O preço histórico está em torno de 22 a 23 dólares. Nós estamos aquém do valor ideal, mas isso não depende somente de tra-

balho interno. Depende de campanhas de marketing no mercado internacional. Se consolidarmos a nossa participação como exportadores, com certeza, os preços serão maiores.

ABCZ: Dá para imaginar para quanto subiria a arroba?

Rômulo: Isso é futurologia, coisa que eu não faço. Mas tenho a certeza de que, com a nossa qualidade, poderemos aumentar o preço e as exportações. É isso que a ABCZ orienta. A idade para um animal chegar a 14 ou 15 arrobas há pouco tempo era de 60 meses. Hoje, aos 18 meses, o animal chega a esse peso.

ABCZ: O sr. está falando de cruzamento industrial? O zebu puro também teve esse ganho?

Rômulo: Não me refiro exclusivamente ao cruzamento industrial. O puro também teve, graças ao melhoramento genético, associado à sanidade, ao manejo e à alimentação, porque não adianta alimentar um animal que não tenha bagagem genética.

ABCZ: Em resumo, é possível ganhar mais aliando esses fatores?

Rômulo: Sim. Já que não podemos diminuir o período de gestação, nem influenciar direto no preço internacional da arroba, o caminho é influenciar o mercado



Lote de animais da raça brahman, em fazenda no interior de SP



Rômulo discursa durante a solenidade que marcou a reunião 1000

externo, oferecendo mais qualidade, com a precocidade e a carne ecológica.

ABCZ: Há muitas entidades hoje no mundo que poderiam coordenar um trabalho como este, da ABCZ?

Rômulo: Existem várias, inclusive com mais tempo de atuação, com centenas de anos de seleção de raças européias. Eles têm trabalho de seleção respeitável, sumário de touros, trabalho em precocidade e em qualidade de carne bastante adiantados. Mas, para o mundo tropical, não há outra associação como a ABCZ.

ABCZ: O sr. é contra o cruzamento industrial?

Rômulo: Sou a favor do cruzamento industrial, principalmente entre duas raças zebuínas, de onde se tem um híbrido. Na prática, o cruzamento industrial no Brasil, envolvendo reprodutores europeus, não oferece um bom resultado.

ABCZ: Por quê?

Rômulo: O problema é que esse animal não funciona em monta natural. Está provado. Ele não suporta o nosso clima de 40 a 50 graus, caminhadas nem atrás de vacas nem de alimentação, de águas distantes. Ele geralmente deixa passar o período da monta fértil.

ABCZ: E o processo artificial?

Rômulo: Eu faço uma pergunta: é esta a realidade brasileira? Não é. A nossa realidade é que menos de 5% das vacas são inseminadas artificialmente, e 95% são acasaladas em monta natural.

ABCZ: O sr. ainda pensa que o Brasil não precisa do material genético de raças européias?

Rômulo: Penso, com certeza, que sim. Eu disse isso mais para

“A ABCZ precisa ser tocada muito mais por executivos bem remunerados”

tranquilizar os selecionadores, quando estourou o incidente do Brasil com o Canadá, por causa da “vaca louca”. À época, alguns selecionadores estavam inseminando, ou usando a monta natural em touros europeus. Então, eu mostrei que não era necessário preocupar-se, alegando que se todos os caminhos de importação de material genético dos europeus fossem fechados, não haveria problemas. Nós caminharíamos com a nossa pecuária tropical, com o zebu, sempre trabalhando com material genético melhorador.

ABCZ: Como seria se fossem tirados os 20% das raças européias?

Rômulo: Nós convivemos muito bem com os 20%. O sol brilha para todos, e nós estamos em um país democrático. Quem investe em pecuária é a iniciativa privada e cada um faz o que bem entende com o seu dinheiro. Seja por hobby ou por fonte de renda. A criação de zebu, de europeus, de equínos ou de avestruz, é de livre iniciativa. Mas, se amanhã, por qualquer motivo, não existirem mais as raças européias no Brasil, nós continuaremos a ser a maior potência mundial de carne. Seremos o maior exportador de carne do mundo, cruzando zebu com zebu e preservando as raças puras para isso.

ABCZ: E se fossem tirados os 80% de zebuínos?

Rômulo: Aí seria uma catástrofe. Nós voltaríamos para a idade da pedra lascada. Basta recordar como era a pecuária antes da entrada do zebu no Brasil. Os números não mentem. Experiências foram feitas. Existe liberdade de ação. A chance das raças européias que entraram no país, mais de 50, em anos de importação —e continuam chegando até hoje— foi maior. O zebu veio apenas com três raças. Assim, teria que haver 99% de européias e um por cento de zebu, mas ocorreu o contrário porque o zebu passou melhor pelo teste de adaptação



Centro de eventos da ABCZ, construído no triênio 1998/2001



Exemplar da raça gir: definição para a aptidão leiteira

e de estabelecimento no Brasil.

ABCZ: O risco de “vaca louca” seria maior?

Rômulo: Não só de vaca louca, mas também de endo e ectoparasitas. Além disso, o animal não reproduz, há problema de fertilidade, pela falta de adaptação ao nosso ambiente.

ABCZ: Por que não reproduz?

Rômulo: A resistência é menor, por isso não reproduz. A prova é que eles não se multiplicaram em proporção ao número de animais importados. Perdemos tempo com esses testes. O zebu veio e deu certo, porque se multiplicou em progressão geométrica.

ABCZ: Uma das marcas da sua primeira gestão foi a autorização, pelo Ministério da Agricultura, para a entrada do brahman no Brasil. Depois de sete anos, a raça já disse a que veio?

Rômulo: Vamos recordar o fato de que, antes da autorização, havia muitos criadores e associações e o próprio Ministério da Agricultura, que insistiam em não permitir a entrada do brahman. A ABCZ fez um trabalho correto e o brahman veio para o Brasil. À época, em 1994, eu disse: “podem escrever: daqui a dez anos, o brahman vai exportar material genético, inclusive para os Estados Unidos, de

onde se originou”.

ABCZ: E quais foram os resultados?

Rômulo: Os resultados das pistas e das provas zootécnicas dos exemplares que estão no Brasil são idênticos aos das mais expressivas exposições do Texas, o berço da raça. Então o brahman provou ser mais uma opção viável para o Brasil, como são as demais raças zebuínas.

*“Um míni-continuísmo
que deu certo, com a
aprovação dos associados,
os donos da entidade”*

ABCZ: O nelore já tem mercado no exterior, mas e o tabapuã, o guzerá, o gir e o indubrasil: eles também vão atingir o estágio de exportar material genético?

Rômulo: Não gosto de fazer futurologia, mas alguma coisa é possível premeditar. Já tivemos o ciclo de outros zebuínos. Hoje é a vez do nelore, que está presente em 77% dos registros genealógicos da ABCZ. O brahman entrou há pouco tempo no país. Mas, é possível prever que a médio prazo ele vai ser comparado numericamente e em

qualidade com as demais raças zebuínas, todas com chances de exportação.

ABCZ: E o gir: para ganhar mais espaço precisa definir se é um produtor de carne ou de leite?

Rômulo: O caminho correto é manter a dupla aptidão, mas sempre testando animais para a produção de leite.

ABCZ: Alguma obra ficou por fazer, ou a gestão termina cumprindo todo o planejamento?

Rômulo: Cumpri todo o planejamento e posso dizer que fomos até além dos compromissos assumidos. Não sou muito de prometer, nem tenho o estilo de muitos políticos. Vim para a ABCZ para trabalhar com amor. Para isso, relevei a minha família e meus negócios a planos secundários. Procurei suprir minhas deficiências com dedicação.

ABCZ: O que foi feito além?

Rômulo: O centro de eventos, o templo ecumênico, e várias parcerias envolvendo, inclusive, a Fundagri/Fazu.

ABCZ: O registro genealógico ainda é importante?

Rômulo: Falar da importância do RG no Brasil é chover no molhado. Hoje a palavra-chave é “rastreabilidade”, e ela já existe a



Bezerros são fotografados no pavilhão durante a Expozdebu 2001 Entrada principal do Centro de Eventos ABCZ, em Uberaba

partir do registro genealógico. O RG é a carteira de identidade do animal, não apenas do zebu. No episódio com o Canadá, quando foi necessário fazer a rastreabilidade dos europeus, o Ministério teve que se valer das entidades que executam o serviço de RG de raças europeias no Brasil.

ABCZ: Se o futuro presidente lhe perguntasse como está a ABCZ hoje, o que diria a ele?

Rômulo: Diria que está unida, sólida financeiramente, e forte, politicamente. A entidade evoluiu muito na área técnica, melhorando o seu programa de melhoramento genético, o PMGZ. Deu cursos de reciclagens para os técnicos, pós-graduação e especialização para os jurados. O futuro presidente vai pegar uma ABCZ enxuta.

ABCZ: Por que tantas autoridades vêm à Expozebu?

Rômulo: Deve-se ao trabalho sério de toda a Diretoria, reconhecido e distinguido em todo o Brasil. Deve-se também à grandiosidade de nossa pecuária na economia nacional. O mais importante é que a Expozebu não mantém apenas uma tradição de grandes presenças de políticos, desde Getúlio Vargas. É, também, um palco de discussões e reivindicações

da classe, porque tem sido de boa repercussão para o presidente, para um ministro ou para um governador anunciar aqui medidas de impacto para a agropecuária.

ABCZ: O sr. acredita que até o final da gestão de FHC o Brasil volte a importar zebu da Índia?

Rômulo: Nós não desistimos dessa reivindicação, que é também da iniciativa privada e daqueles que entendem que se isso não acontecer num futuro muito curto, não haverá mais material genético do

*“Fazer sucessor é fruto
de administração
bem sucedida”*

zebu da Índia. O ministro Pratini de Moraes nos pediu um tempo para tratar da reabertura. Ele justificou que o Brasil vive hoje um bom momento no quesito sanidade animal. Se abirmos o comércio de zebu com a Índia, mesmo com toda segurança, pode não ser bom, aos olhos do mundo, que poderia ficar inseguro.

ABCZ: O sr. pretende voltar a presidir a ABCZ?

Rômulo: Não pretendo, como não pretendia voltar em 1998. Fui incentivado a voltar e já expliquei por que voltei.

ABCZ: As lideranças da ABCZ estão sendo renovadas?

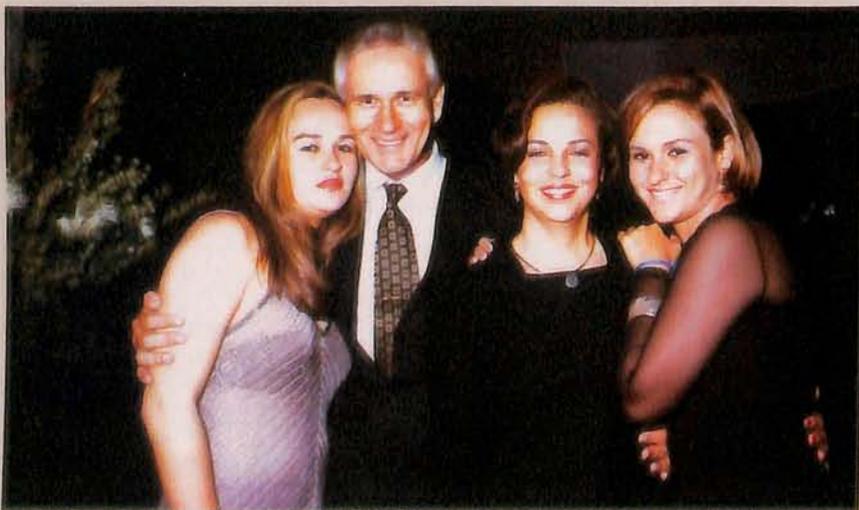
Rômulo: O quadro de associados é renovado, com a entrada de descendentes de associados, e de pessoas de segmentos diferentes da pecuária. Há hoje a constatação de que está mudando a cultura da entidade, com a entrada de colaboradores empresários, que não têm tempo para dedicação plena à Diretoria. Os nossos antecessores, trabalhavam gratuitamente, administrando e executando registro genealógico e julgamento em exposições sem cobrar nada. Chegamos à conclusão de que a ABCZ precisa ser tocada muito mais por executivos bem remunerados, com dedicação integral em todos os departamentos da casa.

ABCZ: Como será a Diretoria?

Rômulo: Será mais social e político-classista. Vai existir sempre para deliberar e traçar metas para os executivos. A tendência é a de que se reúna uma vez por mês. Esse é o meu conceito de entidade moderna. O presidente, ao contrário, deve ser um abnegado. Ele precisa deixar atividades particulares para se dedicar com os executivos. Tem que estar sempre presente e ser, acima de tudo, um relações-públicas. Precisa também tornar a administração itinerante. Deve ser remunerado, como presidentes de grandes empresas, e até como o presidente da República, cada qual no seu nível.

ABCZ: O sr. pretende voltar às pistas de julgamento?

Rômulo: Ainda não decidi, tenho recebido convites, inclusive do exterior. Acho mais viável voltar às assessorias e consultorias zootécnicas, dando mais atenção aos negócios particulares e à família.



Rômulo posa com a esposa, Maria da Graça, e com as filhas Renata(e.) e Roberta



O MELHOR BRAHMAN V8

7BR516 MR. V8 846/3 Reg. 646851



- Touro com excepcional musculatura.
- Corpulento, forte e largo.
- Pigmentado em todo corpo e adaptabilidade a qualquer clima.
- Produtos precoces e pesados.

ABBA - SIRE SUMMARY / 2000

Peso ao Nascer		Peso Desmama		Peso 1 Ano		Leite	
DEP	ACC	DEP	ACC	DEP	ACC	DEP	ACC
2,21 lb	0,90	23,70 lb	0,80	41,1 lb	0,70	3,80 lb	0,90
1,00 kg	0,90	10,77 kg	0,80	18,68 kg	0,70	2,72 kg	0,90

Peso: 1046 kg **Circ. Escrotal:** 38,5 cm

JDH GREGORY R MANSO 386/5

REPUCHO 294

JDH MR. CHARLEY MANSO

LADY BEVO
REPUCHO 609

JDH LDY EQUITO MAN 438/2

MISS BEVO 561

- Facilidade de parto - DEP de peso ao nascer negativo.
- Dorso forte e correto.
- Produtor de garrotes com crescimento rápido.
- Musculoso em toda parte.
- Touro com influências espalhadas pelo mundo.

ABBA - SIRE SUMMARY / 2000

Peso ao Nascer		Peso Desmama		Peso 1 Ano		Leite	
DEP	ACC	DEP	ACC	DEP	ACC	DEP	ACC
-0,60 lb	0,41	10,40 lb	0,39	20,80 lb	0,14	8,20 lb	0,25
0,41 kg	0,41	4,77 kg	0,39	10,60 kg	0,14	3,68 kg	0,25

JDH MR RHA ELY MANSO 615/6

JDH VAN TOGGE MANSO 996

MR. V8 175/3

JDH MISS PAUL MANSO

MISS V8 933/2

PH LADY MANSO 820/0

7BR517 MR. V8 817/3 Reg. 646832



Peso: 948 kg **Circ. Escrotal:** 39,2 cm

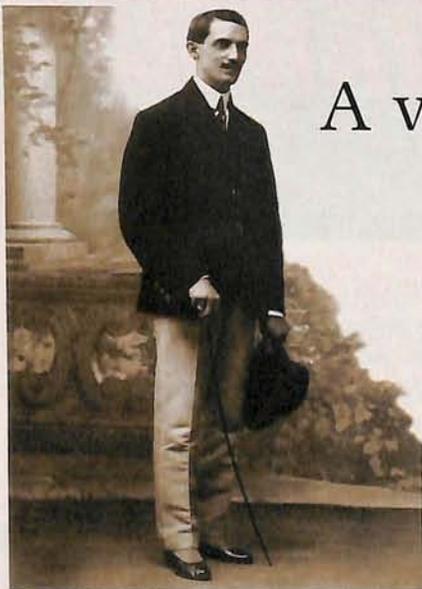
SEMBRA
TÉCNICAS E PRODUTOS DE REPRODUÇÃO LTDA.

FIISIOPATOLOGIA DA REPRODUÇÃO • INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL
TRANSFERÊNCIA DE EMBRIÕES

REGISTRO NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA Nº SP-00018-3

REPRESENTANTES: ALAGOAS - Maceió: (81) 9978-6326 / (82) 221-6032 - BAHIA - Feira de Santana: (75) 623-1583 - CEARÁ - Fortaleza: (85) 9988-4381 / (85) 279-1903 - ESPÍRITO SANTO - Vitória: (27) 345-6658 - GOIÁS - Goiânia: (62) 291-1519 - (62) 233-6471 / 9971-1881 - Jataí: (62) 9996-5976 / 631-3269 - Parangatu: (62) 367-1818 - 362-1940 - Uruaçu: (62) 9956-9282 / 344-1137 - MATO GROSSO - Cuiabá: (65) 321-1000 / 321-9000 - Juara: (65) 556-1737 - Mirassol D'Oeste: (65) 9989-3746 / 241-1794 - Várzea Grande: (65) 684-7333 - 9982-5606 - MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: (67) 9982-9213 / 721-8988 - (67) 726-8584 / 9981-3321 - Paranibá: (67) 668-2404 - MINAS GERAIS - Belo Horizonte: (31) 9955-7937 / 3662-6388 - Bom Despacho: (37) 9985-2699 - Carangola: (32) 9973-0373 - Divinópolis: (37) 9987-0446 / 3212-6291 - Elói Mendes: (35) 3264-1117 - Ibiá: (34) 9985-1527 - 3631-3343 - Itamontes: (35) 9113-8284 / 3363-2164 - Itulubeta: (34) 962-6049 - 3261-4488 - Joalima: (33) 3745-1292 - Lavras: (35) 9979-1254 / 3822-1767 - Passos: (35) 9981-1522 - Poços de Caldas: (35) 9977-5444 - Pouso Alegre: (35) 9977-2471 / 3721-2471 - São Gonçalo do Sapucaí: (35) 9965-2348 / 3241-2348 - Teófilo Otoni: (33) 985-1044 - 3522-1063 - Três Pontas: (35) 9971-6065 / 3265-1107 - Unaí: (38) 9961-3157 - PARA - Marituba: (91) 986-5594 / 256-1723 - São Felix do Xingu: (91) 435-1516 / 435-1132 - PARANÁ - Castro: (42) 9973-1103 / 232-1692 - Cafelândia: (45) 9971-5958 - Maringá: (44) 9973-0999 / 262-2260 - Ragião Oeste: (44) 9972-2042 - PIAUÍ - Teresina: (86) 981-4582 / 232-7816 - RIO DE JANEIRO - Volta Redonda: (24) 9994-0613 / 3342-6610 - SÃO PAULO - Andradina: (18) 9782-7986 / 722-3584 - Catanduva: (17) 9615-0006 / 532-6124 - Franca: (16) 723-6806 - Marília: (14) 9786-2244 / 433-3172 - Ribeirão Preto: (16) 9791-2528 / 629-3049 - (16) 9136-1467 / 624-5132 - São Carlos: (16) 9782-8299 / 271-1528 - São José do Rio Preto: (17) 9771-4330 - 9703-1817 - São João do Boa Vista: (19) 9775-1226 / 624-1179 - Sumaré: (19) 3873-2019 / 9710-6053 - TOCANTINS - Gurupi: (63) 851-1713

Via Brig. Faria Lima, Km 426 - Barretos - SP Tel. (017) 322 2888 - Fax (017) 322 4817 - E-mail: sembra@barretos.com.br



João Martins Borges: visão de mercado

A visão da pena do pioneiro

“Bombaim, 6 de julho de 1914

João,

Recebi ontem o gado. Tendo ele chegado às 3 horas, só às 9 da noite pude acabar de pô-lo na cocheira. Uma vaca que não andava de forma nenhuma, dormiu na rua e hoje cedo trouxe-a. Deixei-a ontem, por já estar tarde e chovia muito, dormindo com ela um homem. Não houve novidade nenhuma no desembarque, felizmente. O que mais deu trabalho foi o boi preto do Abu.

Foi com enorme satisfação que revi o gado de Pangli. Deixaram de mostrar umas vacas fumaça, que tinha lá muito boas, vindo uma da orelha cortada e muito velha, porém boa, que eu não tinha selecionado. As de Narsola estão na balisa das melhores destas, não, porém, como a chifruda grande.

O boi Guzerat grande e a vaca de Pangli caçaram no resto do gado. São dois trens como talvez não tenham ido ainda ao Brasil – como a vaca, garanto. Enfim, já temos umas 10 reses que quase salvam o gado.

Em Uberaba foram vendidas umas 7 reses por 56.000\$.

Recebi uma carta do Nhonhô; deixo de mandá-la por ser sem importância. Depois t’á mostrarei. Pela última mala veio uma sua que fiz seguir no mesmo dia.

O nosso Tobias desapareceu. Não quis contar-me o seu itinerá-

rio, mas como ele sempre falasse em Baroda, julgo que foi para lá.

Ele arrependeu-se da oferta que fez pelo boi selado, dizendo ser preto, mas ficou em dar ou não as 350 pelas 2 vacas. Deixou pr’a eu decidir, assim é que amanhã estou querendo mandar entregá-las. Ele encarregou-me de comprá-las; se o dono quiser deixar por menos, talvez compre. A não ser para ele não podemos vender por este preço, portanto, mando-as; se ele contar história eu direi que fiz o negócio por ordem dele e se ele não quiser eu sustento.

Mando-lhe a lista do gado que podemos levar. Não sei se encontrarei mais Gir, mas se você acha que o homem com quem contratou aqui pode fornecer 4 vacas, nos faltarão apenas 15 Kankreji para perfazerem 60.

O boi selado pode ir também como o pior de todos se não acharmos bom preço por ele. O branco e o preto doente é que não nos convém levar.

Dê-me o endereço do homem que prometeu arranjar as Gir afim de que eu o procure.

As 15 vacas que nos faltam é preciso que sejam como as melhores que temos e um pouco mais novas, pois o nosso gado está um pouco errado. Podemos comprá-las mais devagar, à medida que formos comprando os bois.

Do amigo, obrigado
J. Borges”

João Martins Borges escreve a João Salgado contando sobre a qualidade dos zebuínos comprados em negócios realizados na Índia. A revista ABCZ publica a terceira carta da série “Cartas da Índia”. O trabalho de pesquisa e recuperação do material, foi feito pela sobrinha-afim de João Martins Borges, Ida Aranha Borges.

Nelore Lemgruber

Selecionado a pasto,
ao natural, desde 1878

Fato Relevante



O Condomínio Irmãos Penteado Cardoso, CIPEC Agropecuária, comunica que adquiriu da Manah Agropastoril Ltda. todo o rebanho de gado Nelore, **linhagem Lemgruber**, com aproximadamente 3600 animais PO.

A **linhagem Lemgruber**, introduzida no Brasil em 1878, vem sendo selecionada exclusivamente a pasto, sendo que, a partir de 1974, esse trabalho passou a ser executado pela Manah Agropastoril Ltda., em Brotas (SP). Nesse período, tornou-se um dos mais importantes e conceituados rebanhos da raça Nelore no Brasil, pela objetividade com que a seleção é conduzida, na busca de um animal eficiente, produtivo e com baixos custos, dentro da realidade da pecuária nacional.

A CIPEC Agropecuária é uma sociedade formada pelos irmãos e engenheiros agrônomos Fernando e Eduardo Penteado Cardoso, que, com a aquisição, pretendem dar continuidade ao trabalho de melhoramento genético dessa linhagem, baseado nos mesmos princípios de seleção até então adotados; daqui por diante na Fazenda Mundo Novo/Uberaba, localizada na BR 050, km 125 (Uberaba/Uberlândia), município de Uberaba (MG).

Com essa negociação, a CIPEC passa a ser detentora também dos direitos de uso da **marca Lemgruber** e do logotipo  na criação de animais.

Julho de 2001

CIPEC Agropecuária

Fazenda Mundo Novo

Escritório

Rodovia BR 050 km 125

Rua da Consolação 3367 Cj 63

Caixa Postal 6006

01416 001 São Paulo SP

38040 970 Uberaba MG

Tel (11) 3064 8776 / Fax (11) 3063 2565

Tel (34) 3359 0354



Depois de 20 anos, a volta da aftosa ao Cone Sul

Najar Tubino

Nos dias 2 e 3 de julho, os representantes dos serviços de defesa sanitária dos países da Bacia do Prata (Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, além do Chile, que aderiu recentemente), em conjunto com produtores, reuniram-se em Montevidéu para analisar a complicada situação na região e o combate à febre aftosa. É um encontro promovido pela Organização Panamericana de Saúde, responsável pelas campanhas de erradicação da doença, executada e monitorada pelo Centro Panamericano de Febre Aftosa, nas três Américas.

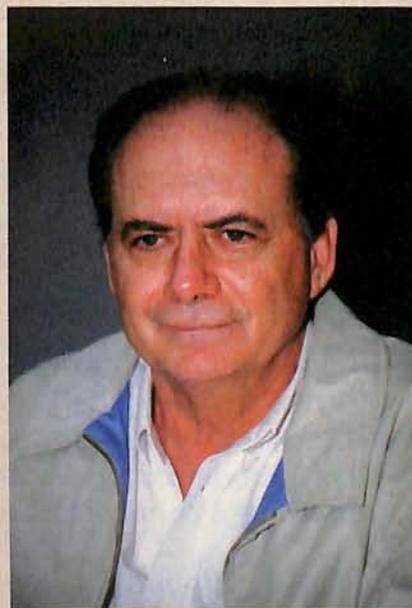
A Bacia do Prata sempre manteve a liderança na luta contra a aftosa. "Éramos os mais adiantados, e agora somos os mais atrasados", comentou o ex-presidente do Sindicato Rural de Bagé, Gedeão Pereira, um dos presentes ao encontro. Um outro participante, o veterinário Luiz Alberto Pitta Pinheiro, integrante do Centro Panamericano, qualificou a situação atual da América do Sul de "lamentável". "Em 2000, a maior parte do continente estava livre da aftosa, da Argentina ao Chile, incluindo o sul do Brasil, e parte do Centro-Oeste. Era um rebanho de 200 milhões de cabeças livres da

doença", disse ele.

A reunião refletiu o sentimento de todos os envolvidos com a aftosa nas últimas duas décadas. Um trabalho considerado exemplar no mundo, de uma hora para outra, caiu por terra. O Rio Grande do Sul, ainda no ano 2000, fez as contas dos gastos empregados em 35 anos de campanha contra a aftosa, incluindo participação dos produtores, dos governos e da sociedade. Foram R\$ 1,5 bilhão. Se fossem acrescentados os investimentos dos demais países do Cone Sul, a conta cresceria muito. "Não sabemos exatamente quanto foi gasto, mas pelos dados do RS, podemos ter uma idéia", comentou Pitta Pinheiro.

Os argentinos não comunicaram. Quem foram os culpados? Por onde iniciaram os focos? Foram as perguntas feitas em Montevidéu. Os argentinos fizeram o seu "mea culpa", como expressou Gedeão Pereira. "Eles disseram que além da crise da aftosa havia uma crise moral na Argentina." Por uma razão muito simples, o serviço de defesa sanitária não comunicou os seus parceiros da Bacia da Prata que a aftosa tinha voltado ao país. "Eles não comunicaram ao Uruguai, e hoje sabe-se que o vírus entrou pelo sul da Província de Entrerios (Argentina), e passando pelo rio Uruguai (o litoral, como chamam no Uruguai), chegou ao Departamento de Soriano." Segundo ele, como o vírus não encontrou nenhum tipo de barreira, foi alastrando-se e adaptando-se às novas condições.

O Uruguai havia registrado o úl-



Coelho Neto, do Sindicato Rural de Campo Grande: favorável à vacinação até 2005

timo foco de aftosa em 1990, no Departamento de Maldonado. A partir de 24 de abril de 1994 deixaram de vacinar as 10 milhões de cabeças que formam o rebanho do país. A partir de 1996, foi reconhecido como zona livre sem vacinação pela Oficina Internacional de Epizootias (OIE). Ou seja, o rebanho estava sem imunidade havia sete anos. E o vírus entrou por Soriano, uma região de pequenos proprietários produtores de leite. Chegaram a abater seis mil animais na localidade. Mas as reações foram imediatas e o próprio presidente da República mandou suspender os abates.

Em 10 dias, a aftosa atravessou o território uruguaio e chegou à fronteira com o Rio Grande do Sul. Gedeão Pereira acompanhou de perto a situação, porque a Fazenda

Santa Maria, de sua propriedade, é o limite do RS com o Uruguai – fronteira seca. Aconteceram ainda dois fatos no ano 2000. Em outubro ocorreu um foco em Artigas, no Uruguai, onde foram abatidos 20 mil animais. Um pouco antes (agosto), o mesmo aconteceu na Argentina, depois de realizados os exames sorológicos, com resultados positivos. Os dois países tiveram o “status” de zona livre suspensos, porém depois, novamente liberados.

A Argentina só comunicou a situação oficialmente aos países da Bacia no dia 12 de março. E a situação já estava incontrolável. Para piorar, durante a Semana Santa, a prefeitura de Montevideu promoveu um

festival de rock na capital. De Buenos Aires, do outro lado do rio Prata, deslocaram-se mais de 200 ônibus de excursão, para assistir ao evento. Os uruguaios perderam o controle na desinfecção e, posteriormente, confirmaram a gravidade da situação. Pois até metade de julho, a Argentina contabilizava 1.810 focos de aftosa, sendo que a província de Buenos Aires apresentava o maior número (1.257), seguida de Santa Fé (com 156), Entrerios (com 139 focos) e Corrientes (com 45 focos). No Uruguai, na mesma ocasião, o número chegava a 1.958 focos, a maioria em Soriano (545), depois Colônia (379), Rio Negro (175) e Taquarembó (147). Os departa-

mentos localizados na fronteira com o RS, registraram o menor índice – Rivera com 15 focos, Artigas com 14 focos e Rocha, com 13 focos.

Mas a aftosa está presente em todas as províncias da Argentina, com exceção da Patagônia, abaixo do paralelo 42, que sempre foi livre da doença. O Uruguai tem aftosa em 18 dos 19 departamentos (estados) do país, exceção da capital Montevideu. É preciso es-

porque “perderam o controle da situação”.

O que fazer agora? Na reunião da Bacia do Prata, os técnicos discutiram a manutenção do convênio entre os países para aplicação de estratégias comuns no combate à aftosa, a retificação das metas do Plano Hemisférico, a situação do Banco de Vacinas e Antígenos e as ações de auditorias nos serviços sanitários de cada país.

A partir de agosto, uma comissão formada por técnicos da Bacia do Prata começará a avaliação dos serviços sanitários da Argentina, Uruguai, sul do Brasil e região oriental da Bolívia. E também tentará



clarecer que parte dos focos já foram desativados: 533 na Argentina e 853 no Uruguai. Entretanto, como ressaltou o veterinário Pitta Pinheiro, não se sabe se todos os focos estão sendo comunicados,

resolver o nó que continua atado, isto é, por onde entrou o vírus da aftosa. Existem suspeitas, dos próprios argentinos, que tenha se originado na Província do Chaco / Formosa, região idêntica ao Pantanal, com grandes propriedades, e fronteira com o Paraguai. O problema, resalta Pitta Pinheiro, é que sempre acusam o Paraguai de ter aftosa, mas nunca se comprova nada. “Se houvesse realmente aftosa no Paraguai, o Mato Grosso do Sul deveria ter focos, porque vírus não tem passaporte, e grande parte das propriedades do Departamento de Amambai, por exemplo, é de brasileiros”, provoca Pinheiro.

Por sinal, o Paraguai continua com o mesmo regime definido pela OIE, em 1998: "área livre com vacinação". A questão mais difícil discutida em Montevidéu foi a dúvida entre vacinar ou erradicar. O Centro Panamericano continua com a meta de erradicação. Mas a posição dos produtores é diferente. Os uruguaios estão divididos. Os dirigentes da pecuária de corte, baseados em levantamentos dos anos de "área livre", são favoráveis a erradicação, quer dizer, controlar os focos e depois parar de vacinar. Disseram aos integrantes da Bacia do Prata, que receberam investimentos de US\$ 200 milhões ao ano. Neste período, as exportações cresceram 40%, mesma coisa com a produção. Os produtores de leite, maioria dos Departamentos de Soriano e Colônia (os mais atingidos) querem a vacinação.

O Rio Grande do Sul já vacinou duas vezes o rebanho de 13 milhões de cabeças. Foram registrados 21 focos em seis municípios, o último deles, no litoral, em Rio Grande. Abateram 1.118 animais, e preten-

dem abater os chamados "animais-contato" comercialmente, em frigoríficos, com a comercialização da carne. Diz-se "contato" porque estiveram na mesma área dos infectados. Porém, até agora, ninguém se arrisca a falar sobre a situação do estado. Pelas regras da OIE, é considerado "zona infectada



Kenneth Coelho: em campanha até 2005

com vacinação". Se for assim, está na mesma situação dos argentinos e uruguaios.

Isso significa a volta à estaca zero. Será preciso começar a contar todos os tempos necessários: dois anos sem foco, e depois mais dois anos, para, após, suspender a vacinação e ser considerado "área livre". Em relação à situação da Argentina e Uruguai, Pitta Pinheiro, do Centro Panamericano é enfático. "A situação é muito complicada e eles vão levar muito tempo para se recuperar. Com certeza, em menos de cinco anos não estarão livres da doença."

Sobre a possibilidade de continuar vacinando ou não, a posição das entidades dos produtores do Mato Grosso do Sul é bem clara: tanto a Associação dos Criadores do Mato Grosso do Sul (Acrissul), Federação de Agricultura do Mato Grosso do Sul (Famasul) e o Sindicato Rural de Campo Grande, dos dirigentes Laucídio Coelho Neto e Kenneth Coelho, já manifestaram posição favorável à vacinação, pelo menos, até o ano de 2005.

Prejuízos no mercado internacional

Argentina e Uruguai estão fora do mercado internacional há seis meses. O Uruguai poderá voltar a exportar para a União Européia em setembro. Um país que produz 450 mil toneladas de carne e exporta 250 mil. Até setembro só poderá exportar carne maturada, sem osso, para o Brasil. Poderia, se não fosse o dólar, porque apesar da paralisação, o quilo do boi vivo no Uruguai, em julho, era de US\$ 0,70, enquanto os gaúchos recebiam R\$ 1,30. A Argentina, mergulhada na maior crise econômica da sua história, deixou de vender 100 mil toneladas de cortes "in natura", maior filão do mercado internacional, e receber por isso US\$ 350 milhões. Até o final de julho, estava exportando

carne para o Peru, alguns países do Caribe, e miúdos para a África.

O que é pior: a tendência era de crescimento no número de focos de aftosa. As primeiras vacinações não surtiram efeito, e em julho, estavam reiniciando os trabalhos. O Serviço Nacional de Defesa Sanitária (Senasa) trocou toda a direção. Os planos de combate à aftosa, realizados em conjunto com os produtores, chegaram a 360 na década de 90, antes de serem desativados. O ex-presidente do Senasa responde a um processo criminal em Buenos Aires. E existe aftosa em todas as províncias do país. Há ainda uma recente preocupação para os técnicos do Cone Sul. Desde 1999, o laboratório Biogênese, da localidade de Garin,

na Província de Buenos Aires, está manipulando o vírus "O Taiwan" (asiático), e que nunca ocorreu na América Latina.

O laboratório produz vacinas para os produtores da Ásia. Os técnicos do serviço de defesa argentino, desde o ano passado, argumentam que não há nenhum tipo de risco, porque o laboratório é de "biosegurança máxima". No início de 2000, eles diziam que não haveria problema porque não haveria mais aftosa no Cone Sul, qualquer vírus seria "exótico". Depois, deu no que deu. E, agora, na reunião de Montevidéu não comentaram nada, nem disseram se o laboratório continua produzindo a vacina. Mas que o vírus está lá, está.

LEILÃO



EMBRIÕES DAS ESTRELAS DA EXPOINEL



03 Outubro 2001 • Quarta-feira • 20h
Centro de Convenções ABCZ • Uberaba • MG

PARTICIPANTES

Agropecuária J. Galera
 Antônio Luiz de Castro
 Arnaldo Manuel S. M. Borges
 Carlos Novaes Guimarães
 Cláudio Fernando Garcia de Souza
 Evaldo Rino Ribeiro

Fazenda Cachoeira
 Grupo Camargo
 Milton Luiz Pires E Outros
 Oscar M. Leite de Barros
 Rubens Catenacci

CONVIDADOS

Adir/Sylvio Propheta de Oliveira
 Agropecuária Nrio
 Aloisio Lessa Coelho
 Antonio Paulo Abate
 Aprigio Lopes Xavier
 Benedito Mutran
 Central de TE Santa Edwiges
 COMAPI Companhia Agropastoril e Industrial Ltda
 Estância Soamin
 Jaguari Comercial e Agrícola
 Jairo Dias (Agrop. JJ)

Java Empresa Agrícola S/A
 José Olavo Borges Mendes
 Júlio Roberto Macedo Bernardes
 Lux Agropecuária
 Márcio Mesquita - UNIMAR
 Márcio Rezende Andrade
 Marco Aurélio de Oliveira
 Marcos Rezende Andrade
 Marcos Marcelino de Oliveira
 Rômulo Kardec de Camargos
 Sérgio Casali Prandini

PATROCÍNIO



Soluções inovadoras para a Pecuária



Associação Total do Estado de MG
 Rua P. Velho, 11 - 1302-1000
 Uberaba - MG - 1302-1000



Telefone (47) 401.1082 / 9981.9255

ORGANIZAÇÃO



(43) 328.4200
 (11) 3872.0420

Fim dos subsídios, apenas uma questão de bom senso

“Bom senso é única coisa que todos julgam ter na justa medida, e ninguém pede a Deus que lhe dê mais, isto por si só, já seria um sinal de possuir bom senso”.

Machiavel

O Brasil tem batido na tecla que um dos maiores obstáculos às exportações da competitiva agropecuária brasileira, é o alto volume de subsídios que outras nações dão à área rural. O ministro Pratini tem sido um dos mais competentes argumentadores da necessidade de mudanças, já! A recente visita que nos fez o primeiro-ministro britânico Tony Blair mostrou que pode haver mais que apenas uma luz no fim do túnel. A velha Inglaterra não perdeu o dom de liderar a Europa em mudanças e idéias, que não são novas nem velhas, apenas consubstanciadas quando se tornam senso comum.

Esse bom senso, ou senso comum, parece estar se espalhando nas ilhas britânicas com uma velocidade superior àquela que talvez nós possamos perceber. Um artigo na Internet pelo “The Times”, nos faz acreditar que muita coisa está mudando e a favor do Brasil.

São os fazendeiros, eles próprios, os seus piores inimigos?

Esta foi a manchete do artigo no www.thetimes.co.uk nesse 2 de agosto de 2001. Seu primeiro parágrafo merece ser repetido. “Alegações de disseminação deliberada da aftosa foram o fator de rejeição da tradicional suspeição que existe entre habitantes da cidade e do campo. A solução, diz nosso correspondente, se alicerça no fim da cultura de subsídios à agricultura”.



Sergio Santos Rutowitsch

Quem está tosquiando quem, na zona rural neste verão? Rumores de que fazendeiros infestaram seus rebanhos com aftosa para se assegurar de que receberiam generosas compensações governamentais foram ouvidas de Penrith a Pembroke.

O desafio da aftosa

Ele trouxe à tona questões cruciais. Uma fazendeira em West Wales jura que lhe ofereceram a chance de contaminar seu rebanho de forma a que ela ordenhasse os contribuintes, em vez de suas vacas. Sugestões de que batatas esfregadas em animais infectados foram usadas para espalhar a praga, foram sussurradas nas esquinas.

Os fazendeiros, por seu turno, têm ficado enfurecidos pelo crescente número de sugestões de que eles possam ser responsáveis pela disseminação da aftosa.

O sacrifício de seus animais representa não apenas a perda de seu capital, mas em muitos casos é quase uma questão de luto. E ser acusado de estar orquestrando sua própria perda durante o período de luto é exasperante e pungente.

Mas se por um lado esses comentários são como sal nas feridas dos fazendeiros, por outro são motivo de comentários saborosos nas

grandes cidades. São antigas animosidades que se exacerbam.

Dando um tiro no próprio pé

A economista e fazendeira Linda Whetstone diz que não é surpresa que estas coisas aconteçam, porque os fazendeiros têm sido seus piores inimigos. Têm demandado contínuos subsídios e compaixão do resto do país, enquanto, resolutamente, recusam-se a ouvir quaisquer outros sobre o que possa ser melhor para o campo.

Whetstone acredita que a queda da compaixão para com os fazendeiros durante o surto de aftosa foi uma consequência da oposição egoística da União Nacional dos Fazendeiros à vacinação.

A União teria falado pelos fazendeiros mais poderosos, que queriam manter a Inglaterra com o status “livre de aftosa” para proteger seus mercados de exportação. A única alternativa então era proceder com a política de matança em massa para estirpar todos os traços da doença.

A vacinação, ainda que podendo rapidamente limitar o crescimento da doença, significaria a sobrevivência de anticorpos no gado, o que impediria a Inglaterra de ter o status de “livre de aftosa”. Whetstone argumenta então que, o “lobby” dos grandes fazendeiros e sua determinação de resistir à vacinação acabou por criar o pior dos mundos e um endurecimento dos corações em relação às aflições dos fazendeiros.

“O mercado exportador foi afetado de qualquer forma porque a política de “rifle sanitário” significou que a doença tinha sobrevivido

do mais tempo do que se a vacinação tivesse sido aplicada. Portanto, os fazendeiros prejudicaram a si mesmos.

Mendicância

Na verdade, eles prejudicaram a toda a economia e a outros negócios da área rural uma vez que as restrições de trânsito acabaram por se estender mais tempo do que poderiam se ter estendido. Eles pediram o apoio do dinheiro do resto da nação, mas não nos deram o direito de opinar sobre qual a melhor forma de lidar com a doença.

O instinto natural de qualquer minoria que se sente oprimida, como a área rural se sente, é sempre pedir compaixão, e seu primo mais próximo, subsídio.

A estrada mais rápida de volta ao respeito e entendimento do que seja a área rural, seria um abandono da mentalidade de dependência.

Fazendeiros e moradores da área rural deveriam entender que o acúmulo de subsídios não apenas os coloca na posição de pedintes mas também vai contra os melhores interesses da área rural da Inglaterra.

Existe uma nova aliança rural emergindo, tanto da esquerda quanto da direita inglesa, que está ansiosa de ver a Inglaterra rural engajada mais proximamente na sociedade urbana, por seu distanciamento de uma danosa dependência cultural.

Monbiot, um columnis-

ta do "Guardian" e defensor da ecologia, afirma que "os subsídios às fazendas fizeram com que o preço da terra, dos tratores e herbicidas fossem puxados para cima ajudando a sumir do sistema cerca de 300 mil pequenos fazendeiros desde 1947.

Na mão de poucos

Os subsídios premiam grandes áreas e produtividade, e a consequência é que 80% dos fundos para ajudar as fazendas ficam com apenas 20% dos fazendeiros".

A capacidade da Inglaterra urbana estender sua mão de boas-vindas e abrir suas carteiras, a uma comunidade rural mais responsável já é aparente pelo crescimento dos *mercados dos fazendeiros*.

Essas oportunidades para produtores locais venderem seus produtos não subsidiados, diretamente aos consumidores das cidades, têm crescido incrivelmente. Em 1998 havia apenas dois mercados locais de fazendeiros. Agora, já há mais de 300.

A divisão entre área rural e área urbana pode ser superada, mas o primeiro passo tem de partir dos fazendeiros.

Somente quando desmamarem dos sistemas artificiais de subsídios e compaixão, poderão assegurar o respeito que merecem".

* **Sergio Santos Rutowitsch** é **conselheiro consultivo da ABCZ e proprietário da Fazenda Pilar, em Maricá (RJ).** sergio@brahmanpilar.com.br



www.valfran.com.br
valfran@valfran.com.br

Matriz: Av. Nasser Marão, 2.333 - P. Industrial
PABX: (17) 421.2111 / Fax: (17) 4213191
CEP 15503-005 - Votuporanga - SP

Filial: Av. Castelo Branco, 2.423 S. Coimbra - Fone: (62) 233-0273
Fax: 233-0105
CEP 74530-010
Goiânia - GO



Tronco (Brete) Master



Balança Eletrônica Tronco (Brete) conj. com Bal. Eletrônica



Balança Mecânica Capacidade 1.500 Kg

Representantes Valfran

Alta Floresta/MT (65) 521-2129/ Anápolis/GO (62) 313-2033/ Campos Belos/GO (61) 651-1530/ Água Boa/MT (65) 468-1997/ Araputanga/MT (65) 261-1415/ Bacabal/MT (98) 621-5021/ Barra do Caçador/MT (65) 401-4625/ Belo Horizonte/MG (31) 3334-9043/ Brasília/DF (61) 340-7644/ Buritis/MG (38) 3662-1917/ Carceres/MT (65) 223-2122/ Campina Verde/MG (34) 3412-1662/ Campo Grande/MS (67) 721-5566/ Cariacica/ES (27) 346-4666/ Crissólita/MG (33) 3611-8022/ Curvelo/MG (38) 3721-3432/ Fortaleza/CE (85) 9984-7534/ Governador Valadares/MG (33) 3271-8997/ Itahuna/BA (73) 211-7815/ Itaitubá/MG (34) 3268-9977/ Jaboatão dos Guararapes/PE (81) 476-1363/ Macaé/AL (82) 241-9236/ Machacalis/MG (33) 3627-1303/ Mirassol D'Oeste/MT (65) 241-1162/ Montes Claros/MG (38) 3221-4622/ Nanuque/MG (33) 3621-4978/ Natal/RN (84) 213-6539/ Presidente Dutra/MA (98) 663-1386/ Quixeramobim/CE (88) 441-0295/ Recife/PE (81) 227-1805 - 227-2835/ Redenção/PA (91) 424-0784/ Rio Verde/GO (62) 621-5043/ Rondonópolis/MT (65) 421-9878/ Salvador/BA (71) 359-5882/ Santa Vitória/MG (34) 251-2466/ São Félix do Xingu/PA (91) 435-1329/ São João da Aliança/GO (61) 658-1182/ São José do Rio Preto/SP (17) 231-8697/ São Luiz/MA (98) 224-1516/ São Miguel do Araguaia/GO (62) 364-1972/ Sinep/MT (65) 531-4953/ Teresina/PI (86) 231-0173/ Tucumã/PA (91) 433-1433/ Uruaçu/MG (38) 676-2786/ Uberaba/MG (34) 3338/2377/ Vila Rica/MT (65) 554-1173.

FHC ouve ABCZ e muda nome de pasta

O presidente Fernando Henrique Cardoso assinou, sob muitos aplausos, no dia 4 de agosto, em Miranda (MS), a medida provisória que muda o nome do ministério da Agricultura. A partir daquela data, o nome passa a ser Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). O governo brasileiro atendeu a reivindicação da ABCZ, apresentada pelo presidente Rômulo Kardec na Expozebu 2001.

Na ocasião, Fernando Henrique prometeu que faria a mudança, justificada pelo atual momento vivido pela pecuária brasileira, que enfrentara meses antes — e saíra vitoriosa — o embargo do Canadá à carne brasileira.

Antes do anúncio, feito durante o lançamento do projeto “Vitelo do Pantanal”, na Fazenda Caimã, o ministro Pratini de Moraes apresentou a proposta para a mudança, baseada nas justificativas:

- “a nova denominação tem em vista ressaltar a posição de relevo alcançada pela pecuária na economia brasileira, em termos de qualidade e volume de produção de carne, leite e derivados. O reconhecimento da sanidade de nosso rebanhos pelos organismos internacionais conforma essa realidade, que tem permitido a ampliação e a conquista de mercados consumidores no Brasil e no exterior, gerando número de empregos diretos e indiretos e recursos em divisas

- “O agronegócio brasileiro tem

revelado altos índices de produtividade e competitividade. No período de 1995 a 2001, as carnes bovina, suína e de frangos tiveram sua produção incrementada nos signi-

mente com os governos estaduais e em estreita colaboração com o setor privado, tem sido eficaz na defesa zoossanitária, possibilitando a erradicação de doenças que restringiam a comercialização das carnes brasileiras.

- “Em 2001, o total exportado de carnes bovina, suína e de aves deverá situar-se na faixa de US\$ 2,5 bilhões, estando previsto o montante de US\$ 3,3 bilhões em 2002. Nos próximos cinco anos, o Brasil deverá ser o maior exportador mundial de car-

nes, consolidando-se assim, a importância da pecuária brasileira no cenário internacional”.



FHC assina a MP que oficializa o MAPA, atendendo o pedido da ABCZ na Expozebu

ficativos níveis de 28%, 48% e 75% respectivamente. O Brasil, no ano de 2000, foi o segundo maior produtor mundial de carne bovina, com 6,6 milhões de toneladas, e de aves, com 5,9 milhões de toneladas; a produção de suínos atingiu 1,9 milhões de toneladas. Possuímos o maior rebanho bovino comercial do mundo, com 162 milhões de cabeças, das quais 80% têm o seu status sanitário de livre de aftosa com vacinação, declarado pelo Escritório Internacional de Epizootias (OIE).

- “Em seu governo, senhor presidente, têm sido implementados programas voltados à qualidade dos produtos agropecuários, com ênfase nas áreas de tecnologia de produção, sanidade, comercialização e logística com intenso respeito às questões ambientais. A ação decidida do Governo Federal, junta-

Vitelo do Pantanal

O projeto “Vitelo do Pantanal” recebeu investimento inicial de R\$ 286 mil. Um dos objetivos é ampliar o mercado internacional para a carne brasileira. O vitelo é um bovino abatido logo após a desmama. No caso do projeto para o pantanal, o vitelo se alimenta apenas do leite materno. Perto do abate, alimenta-se também no pasto.

Com a dieta, a carne do vitelo é mais macia, tem menor teor de gordura e apresenta coloração mais clara do que a carne de bovinos mais adultos.



Musa
Res. Grande Campos Nacional Uberaba 00
Grande Campos Exportel 90

Liquidação Nelore Elite

Max Peter Schweizer

Participação Especial

Sete Estrelas Embriões
Mauro Conrado Mesquita

13 outubro 2001 - sábado - 13h
Recinto de Leilões da Fazenda Paredão
Oriente - SP

300 Fêmeas Nelore PO

Informações



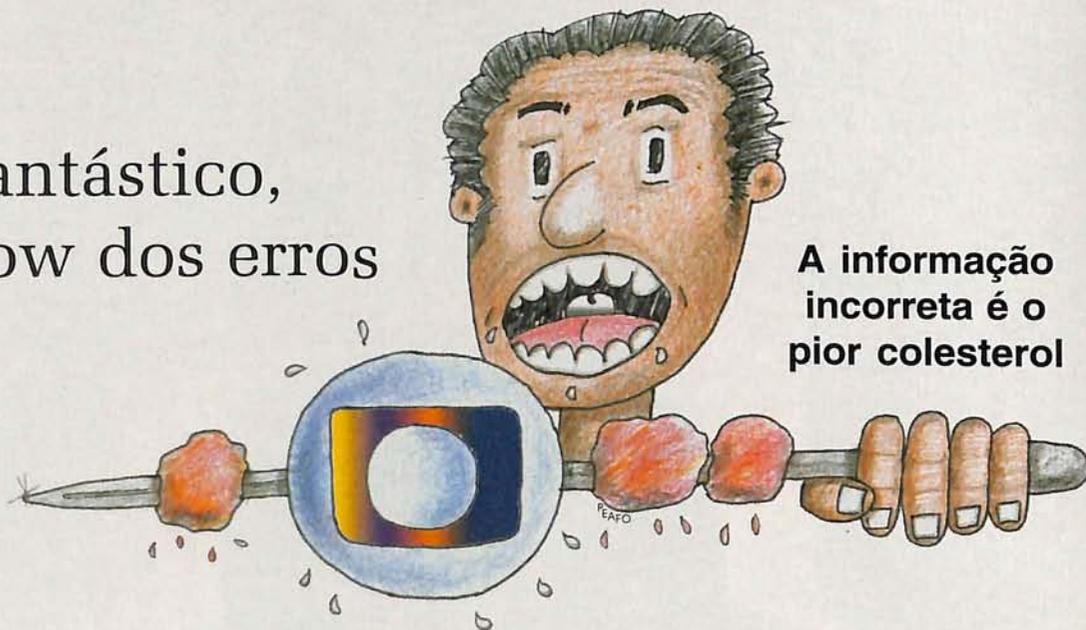
(18) 624-5452

Organização



(43) 328-4200

Fantástico, o show dos erros



**A informação
incorreta é o
pior colesterol**

Jorge Zaidan Jr.

O programa Fantástico, da Rede Globo, comprou uma briga desnecessária com a classe pecuária. Na edição do dia 8 de julho, um quadro do programa mostrou um levantamento feito sobre o teor de colesterol e gorduras saturadas encontradas na refeição do brasileiro. O resultado do teste com carne bovina, apresentado no programa, mostrou que em 100 gramas de contrafilé frito sem gordura foi encontrado o teor de 268 miligramas de colesterol e de 2.245 miligramas de gordura saturada. A comunidade científica internacional admite uma variação de 60 a 90 miligramas de colesterol em 100 gramas do alimento.

A divulgação dos dados provocou uma enxurrada de manifestações de pesquisadores que lidam com trabalhos relacionados à carne bovina no país. A ABCZ recebeu inúmeras mensagens pedindo providências contra a desinformação proporcionada gratuitamente pelo programa, que é velho conhecido como um antigo promotor de efeitos subliminares em favor do medo, da falta de cultura, do pân-

co e da alienação.

Uma das mensagens foi assinada pelo coordenador do Centro de Análises Químicas do IBB-Unesp (Ceaquim) e pesquisador principal pelo Laboratório de Bioquímica da Carne do Departamento de Química do Instituto de Biociências da Unesp/Botucatu, Luis Artur Loyola Chardulo (veja quadro ao lado).

O programa usou dados do Ital, que enviou aos produtores da reportagem dois tipos de tabela de colesterol, uma em base seca, e outra, em base úmida, que registra um teor correspondente à metade do registrado na porção seca. "O teor de colesterol em 100 gramas de carne assada pode ser de 80 miligramas; como a carne assada tem aproximadamente 60% de água, na amostra seca teria cerca de duas vezes 80 (igual a 160) miligramas por 100 gramas de amostra seca. Mesmo assim ainda não dá os 230 mg que mostraram no Fantástico", analisa Pedro de Felício, professor da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp e colunista da revista ABCZ. Não se sabe por que o programa usou os dados da carne em base seca. O fato é que nos

programas seguintes (15 e 22 de julho), não houve qualquer menção de correção dos dados errados da semana anterior, apesar de outra enxurrada de mensagens pedindo retificação da informação ter desaguado na emissora, entre elas, uma da ABCZ (veja quadro).

Outro cientista respeitado no Brasil e no exterior também se manifestou revoltado com a atitude da direção do programa. Albino Luchiari Filho, renomado pesquisador na área de tecnologia de carnes, reclama que o "Fantástico" e a Rede Globo não dão a mínima importância para o esclarecimento dos telespectadores e dos técnicos brasileiros que trabalham com colesterol e gorduras nas carnes bovina, suína e frangos. "Não houve respeito por um dos setores mais importantes da agricultura brasileira que é a pecuária de corte e a suinocultura", acrescenta. Luchiari conclui que o programa apresenta resultados incorretos, como se fosse o dono da verdade, "o que é uma postura comum na maior emissora brasileira, sem o trabalho de averiguar a veracidade das informações apresentadas ao público".

ABCZ protestou em nome da cadeia produtiva da pecuária

Trecho da carta assinada pelo presidente da ABCZ Rômulo Kardec de Camargos, à direção do programa Fantástico.

“A Associação Brasileira dos Criadores de Zebu(ABCZ), entidade que, por delegação do Ministério da Agricultura e Pecuária, registra e controla todas as raças zebuínas do país —cuja genética está presente em 80% de todo o rebanho bovino nacional— vem protestar contra o conteúdo de matéria referente a um teste de gordura, veiculada no programa “Fantástico” do domingo último(8/7/01).

A ABCZ não concorda com as informações referentes ao teor de colesterol encontrado na carne bovina. O programa deu dados que mostram um teor de colesterol entre 223 a 268 mg por cada 100 gramas de carne. Com base em tabelas de reconhecimento internaci-

onal, publicadas pelo órgão equivalente ao ministério da agricultura dos Estados Unidos, o USDA, e em trabalhos e teses de doutorado publicados no Brasil, temos que estes valores oscilam entre 60 e 80 mg por 100 gramas, na porção magra de carne crua, ou entre 70 e 90 mg por 100 gramas, na porção magra de carne assada.

Outro dado veiculado no programa, causa, de maneira subliminar, desinformações sobre o consumo da carne bovina, de forma a inibir o consumo do produto. Foi divulgado que o teor de gordura saturada encontrado no teste é da ordem de 2.596mg por 100 gramas de carne. Em todo o mundo, utiliza-se, como padrão, a medida em gramas. Portanto, o dado seria 2,596 gramas, que é considerado pequeno, em valores nutricionais.

A ABCZ pede a correção dos dados mencionados, a fim de que tais informações não venham a preju-

dicar a pecuária brasileira (incluindo toda a cadeia produtiva), que é responsável por manter menos desequilibrada a nossa balança comercial, e pela geração de milhões de empregos em todo o país. Mas, o mais importante, é que a pecuária brasileira está hoje responsável —e não deixa faltar— pelo pleno abastecimento de dois produtos essenciais para o crescimento físico e intelectual do homem: a carne e o leite.

Questionar a importância desses alimentos, sem fundamentos rigorosos de pesquisa é, no mínimo, irresponsabilidade e falta de sensibilidade para um setor econômico e social do Brasil que dá certo. Não se trata de criticar a fonte do referido quadro no programa, que é tida por idônea, com reconhecimento até internacional. Assim, sugerimos que os dados do teste sejam revistos de forma a checar a precisão dos resultados.”

Responsável por laboratório idôneo também contesta programa global

Trecho da mensagem enviada pelo coordenador do Centro de Análises Químicas do IBB-Unesp (Ceaquim) e pesquisador principal pelo Laboratório de Bioquímica da Carne do Departamento de Química do Instituto de Biociências da Unesp/Botucatu.

“Consultando os arquivos de análises realizadas pelo Centro

nos últimos meses (448 análises de janeiro-junho/2001) constatamos valores de colesterol total em torno de 77mg/100g de amostra do músculo *Longissimus dorsi* de animais de 12 a 18 meses de idade. Os valores médios de porcentagem de ácidos graxos saturados, nas mesmas amostras, foi de 23,8% em relação à gordura total. Os resultados encontrados, juntamente com a determinação de demais nutrientes, levaram-nos a concluir pelo ex-

celente valor nutracêutico do alimento carne bovina para consumo humano em todas as faixas etárias.

Desta forma demonstramos nosso total apoio a não concordância, às afirmações oferecidas no referido programa, externada por esta Associação(ABCZ).

Luis Artur Loyola Chardulo - Departamento de Química - IB - Unesp - Botucatu, SP - <http://www.ibb.unesp.br>

Verdades e mitos sobre a carne bovina

A seção traz entrevista com o médico nutrólogo Ênio Cardillo Vieira. Ele é formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1956. É Ph.D. em Bioquímica, em 1960, pela Tulane University, dos Estados Unidos. É professor-titular de Química Fisiológica da UFMG. Na entrevista, ele destaca a importância do consumo moderado da carne bovina e fala sobre mitos e verdades que se "fabricaram" em torno do produto.

ABCZ: A carne vermelha é mais calórica do que as carnes brancas?

Dr. Ênio: Segundo a Tabela de Composição de Alimentos, da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 100 gramas de carne bovina magra, de carne de galinha magra, e de surubim contêm 146, 124 e 107 kcal, respectivamente.

ABCZ: A única responsável pelas altas taxas de colesterol no sangue é a carne vermelha?

Dr. Ênio: Não. A proteína e a gordura de origem animal podem aumentar as taxas de colesterol no sangue. Trabalho recente (Davidson *et al.*: Archives of Internal Medicine, 139: 1331-1138, 1999) mostra que não há diferença entre carne vermelha (bovina e suína) e carne branca (de ave ou de peixe) no que se refere ao efeito sobre níveis de colesterol no sangue. Neste trabalho, 191 voluntários ingeriram ou carne vermelha ou carne branca, ambas com baixo teor de gordura. O que ocorre é



Ênio Cardillo Vieira: verdades sobre a carne

que, geralmente, a ingestão de carne vermelha é acompanhada de ingestão maior de gordura saturada, esta sim, maior responsável pelo aumento dos níveis de colesterol.

ABCZ: É verdade que a carne vermelha causa celulite?

Dr. Ênio: Não há nenhuma evidência de que qualquer alimento possa causar celulite.

ABCZ: A carne vermelha prende o intestino?

Dr. Ênio: Não. O que pode ocorrer é que pessoas que consomem muito produto animal não estejam consumindo produtos vegetais (cereais integrais, frutas, hortaliças, etc.) que contêm fibras dietéticas, que contribuirão para o funcionamento adequado do intestino.

ABCZ: Quem consome carne fica mais nervoso e agressivo?

Dr. Ênio: Não conheço nenhum trabalho que relacione consumo de carne com humor ou comportamento.

ABCZ: A carne vermelha é uma

das principais fontes de ferro para o homem?

Dr. Ênio: Sim, o ferro da carne é mais biodisponível, isto é, mais bem absorvido do que o ferro contido em produtos de origem vegetal.

ABCZ: Existem diferenças do ferro encontrado na carne em relação ao ferro presente em outros alimentos?

Dr. Ênio: Sim, o ferro de origem vegetal é pouco absorvido. Como exemplo cite-se: o organismo absorve o ferro da carne bovina dez vezes melhor do que o ferro do feijão. Ressalte-se que o feijão é um ótimo alimento mas o ferro nele contido é pouco absorvido. O leite é pobre em ferro. Uma das complicações do vegetarianismo, sobretudo em crianças, é a deficiência de ferro que leva à anemia.

ABCZ: Uma dieta saudável precisa de qual quantidade de carne bovina?

Dr. Ênio: Nenhum alimento, isoladamente, é essencial. Dir-se-ia melhor que a carne bovina contribui para que se tenha uma dieta equilibrada.

ABCZ: A carne é considerada um alimento nobre por ser uma fonte de proteína de alta biodisponibilidade.

Dr. Ênio: ?

ABCZ: Quais proteínas encontradas na carne são indispensáveis à alimentação humana?

Dr. Ênio: Não há um alimento que seja essencial. O ideal é o equi-

líbrio da dieta. A proteína da carne é de bom valor biológico, isto é, contém todos os aminoácidos essenciais (aqueles que o organismo não é capaz de sintetizar) em proporções adequadas. A carne contém principalmente miosina, actina e mioglobina, todas as três sendo de bom valor biológico.

ABCZ: A carne do zebu, por ter gordura destacável, tem alguma vantagem em relação a carnes com gordura entremeada (marmorizada)?

Dr. Ênio: A gordura destacável tem a vantagem de poder ser removida com facilidade. Isto facilita a restrição de gordura saturada, que é o fator isolado maior responsável pela elevação dos níveis de colesterol no sangue.

ABCZ: Como deve ser preparado um bom churrasco, preservando as qualidades nutricionais e organolépticas?

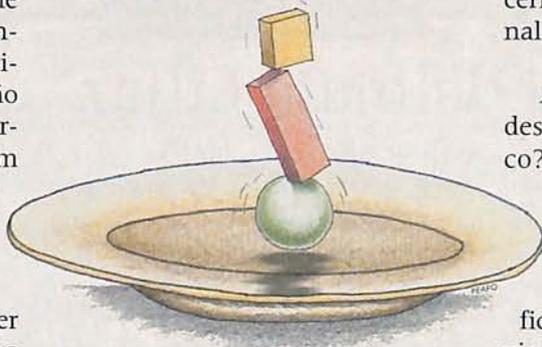
Dr. Ênio: Autoridades em nutrição do mundo todo recomendam a ingestão moderada de produtos de origem animal (carne, leite e ovos). Deve-se remover a gordura visível do produto animal. Deve-se evitar a queima excessiva da carne, isto é, ela não deve ser muito queimada. Isto porque quando a carne fica "estorricada" formam-se substâncias cancerígenas (benzopirenos, entre outras).

ABCZ: O que há de mito e de verdade com relação ao consumo de carne bovina? Carne aumenta o mau colesterol?

Dr. Ênio: O excesso de proteína e de gordura animal contribui para o aumento dos níveis de colesterol. Isto é válido para todo produto animal (carnes, leite e ovos).

ABCZ: Carne engorda?

Dr. Ênio: Não há alimento que engorde ou emagreça. O indivíduo



engorda quando o balanço energético é positivo, isto é, está ingerindo mais do que gasta. Isto independe do tipo de alimento, uma vez que proteína, gordura e carboidrato produzem 4, 9 e 4 kcalorias por grama. O organismo não distingue a caloria oriunda da proteína daquela oriunda da gordura ou do carboidrato. Portanto, tudo engorda e nada engorda: o que engorda é a quantidade de energia que a pessoa ingere.

ABCZ: Carne causa câncer no estômago?

Dr. Ênio: Há uma recomendação para que se modere a ingestão de produtos animais, como se disse acima. Há dados indicando que o excesso de produto animal pode promover a produção de amônia e nitrosaminas (substâncias can-

cerígenas) pela microbiota intestinal.

ABCZ: Carne é essencial para o desenvolvimento intelectual e físico?

Dr. Ênio: Como foi dito acima, o ferro da carne é mais bem absorvido do que o de outras fontes. Crianças em deficiência de ferro tem o desenvolvimento físico e cerebral afetado. Portanto, é uma temeridade manter crianças em dietas vegetarianas, a não ser que haja suplementação com ferro. A carne é uma fonte de ferro saborosa.

ABCZ: A carne tem digestão tardia?

Dr. Ênio: É uma falácia dizer-se que a digestão da carne é tardia. Nossas enzimas digestivas – pepsina, quimotripsina e tripsina – têm suas especificidades para digestão de proteínas de bom valor biológico. A digestibilidade da carne é quase total. A idéia de que a carne tem digestão lenta adveio, talvez, da fisiologia do estômago que se esvazia mais lentamente quando a dieta é rica em gordura, o que ocorre, geralmente quando o indivíduo come um churrasco, uma feijoada ou um feijão tropeiro.



Carne bovina produzida no Brasil, que tem sua importância destacada por pesquisadores

Importância da mata ciliar

Por mais que se fale ou se escreva sobre as matas ciliares, ou mata de galeria, ainda assim será pouco, principalmente em tempos de crise energética. Como se sabe, este tipo de vegetação, que ocorre ao longo dos rios, dos córregos, nas nascentes e ao redor das lagoas e lagos, é de fundamental importância para a proteção das águas. É esta proteção especial que garante a qualidade da água, a perenização dos cursos d'água e a vida nos ecossistemas relacionados.

Se hoje as crianças estudam essas e outras formas de preservação ambiental nas aulas de geografia e biologia, se a educação ambiental conquistou corações e mentes e a legislação avançou muito em termos da proteção ao meio ambiente, muita coisa ainda tem que ser compreendida em relação ao passado e corrigida em direção ao futuro. Nada nos garante que o conhecimento que temos sobre um determinado tema é definitivo.

No passado, devido à existência de terras em abundância, pouca ou nenhuma vida urbana e ausência de estudos sobre o assunto, a falta de cuidado com as matas ciliares fez com que elas diminuíssem consideravelmente. Desapareceram em função de alguns procedimentos incorretos, tais como a ocupação das várzeas para lavoura ou pastagem. Na maior parte das vezes, tratavam-se das terras mais férteis numa propriedade rural, de



melhor topografia, pois foram as terras que receberam ao longo dos anos os sedimentos carregados das partes mais altas ou trazidos pelas cheias ocasionais. Foi por causa dessa fertilidade que muitas cidades surgiram nas várzeas e muitas propriedades rurais aí estabeleceram seus núcleos. Além da ocupação mencionada acima, as matas ciliares também forneceram madeira de primeira qualidade para construção de casas, cercas e currais.

À medida que o setor rural passou por um processo de intensificação de uso da terra e de modernização, em alguns casos, por outro lado assistiu-se ao aumento populacional e ao crescimento vertiginoso de algumas cidades, a situação ambiental alterou-se em suas bases de sustentação. As matas ciliares diminuíram mais ainda. Sem elas a água corre mais rápido e o solo solto, as partículas desagregadas, os seixos, troncos e pedregulhos de diversos tamanhos arrastados pela força das águas contribuem para o desgaste e a quebra dos barrancos e a conseqüente alteração do canal original. A fauna aquática e ribeirinha diminuem ou desaparecem e processos erosivos cada vez mais agressivos acontecem com frequência cada vez maior. Vêm as enchentes, a seca e as pragas, e, junto, o prejuízo.

Quem são os prejudicados? Num primeiro instante, aqueles que estão à jusante. Pode ser outro proprietário rural, pode ser uma ci-



* Renato M. B. Carvalho

dade. Mais tarde, não se sabe bem quando, será toda a comunidade.

Como resolver? Parando o desmatamento e reflorestando. Diversas iniciativas já foram tomadas e outras ainda existem para diminuir o problema ou resolvê-lo. No âmbito nacional, o país dispõe de legislação suficiente que abarca o problema, basta que ela seja obedecida. No âmbito estadual, várias ações se destacam.

Uma máxima em educação ambiental diz que deve-se pensar em termos globais e agir em termos locais; nada mais certo no caso das matas ciliares. A repressão pura e simples não resolve nada. Não será apenas multando proprietários rurais que se resolverá a questão. O custo do reflorestamento parece ser um entrave que pode ser equacionado a partir de iniciativas amplas locais, envolvendo prefeitura, associações, etc. A perda de uma parte da pastagem ou de uma gleba de lavoura localizada na várzea e que foi conduzida erroneamente no passado até o barranco do rio, poderá ser compensada pelo aumento e pela melhoria da qualidade da água e pela volta dos pássaros e de outros animais silvestres.

* Renato M. B. Carvalho, geógrafo, é coordenador de Ensino da Fazu e consultor na área ambiental.
rmhar@fazu.br

Fazenda CAMPO BELO

RIBAS DO RIO PARDO - MS - (67) 9983-0413

Rosa Mary Nantes Miranda



ABANJHOR TE do ARROIO

Bytello da SS x Diadema Sta. Terezinha

205 dias

287,30

Class. Elite

Aos 19 meses 765 Kg à campo

365 dias

506,90

Class. Elite

Sêmen à venda



RMN

Fazenda Campo Belo

Rua 13 de maio, 2954 - Campo Grande - MS

Fones: (67) 382-2950 - 382-4747

(34) 3336-5177

Jovens pecuaristas

A Revista ABCZ nº 2, publicou fundamentada manifestação do estudante de agronomia da Esalq, Rocha Cavalcanti, pertencente à quinta geração de família que cria nelore há 85 anos. Tudo indica que seus pontos de vista se apóiam na tradição pecuária da família complementados por novos conhecimentos de zootecnia adquiridos na escola.

Analisamos as prioridades enumeradas com acerto pelo estudante pecuarista.

1º Melhorar a fertilidade, precocidade e habilidade materna do rebanho.

O professor Bonsma coloca a fertilidade logo após a "adaptação ao ambiente", que Cavalcanti provavelmente considera óbvio por se tratar de nelore criado no pasto.

Fertilidade com habilidade materna significa ter pouca idade ao primeiro parto, conceber todos os anos, sem se enfraquecer durante a amamentação, cuidar e desmamar bezerros saudáveis e de bom peso (indicador da produção de leite), ter úbere bem conformado com tetas



pequenas que facilitem a tomada pelo bezerro novo e, finalmente, apresentar alta longevidade fértil.

A seleção dessas qualificações só é viável quando a vaca, enxertada ou inseminada, concebe enquanto amamenta, é capaz de parir com facilidade um bezerro de mais ou menos 30 quilos, amamenta satisfatoriamente a cria e sua vida fértil se prolongue por muitos anos. Assim produzirá um bezerro de baixo custo.

É inconcebível fazer essa seleção forçando a ovulação para fecundação e transferência de embriões em fêmeas que ainda não comprovaram sua fertilidade e habilidade materna ao natural. Transformar a vaca em produtora de óvulos e embriões, em vez de bezerro e leite, é um procedimento que jamais levará ao desejo do estudante de "melhorar a fertilidade e a habilidade materna".

É, ademais, uma prática enganosa, abusiva da boa fé do comprador e merece, por isso, restrições éticas que deveriam sensibilizar as associações de criadores tanto quanto os cientistas e técnicos, que não vêm assinalando maiores preocupações. Não vemos oposição ostensiva quanto ao uso de hormônios em novilhas pré-púberes bem como à multiplicação de embriões de fêmeas que ainda não demonstraram, por anos seguidos, sua capacidade de conceber enquanto aleita, de gestar, de parir, de cuidar, de amamentar e de desmamar um bom bezerro.

Com relação aos machos, o melhoramento da fertilidade e precocidade requer a aferição da idade do início da puberdade, da qualidade do sêmen produzido e da libido em animais criados nas condições ambientais e alimenta-



* Fernando P. Cardoso

res que irão prevalecer nos rebanhos comerciais.

A idade do início da puberdade pode ser avaliada por medições sucessivas do perímetro escrotal entre nove e 12 meses, a fim de se determinar o momento do "salto" no crescimento dos testículos, que coincide com o aumento do nível de testosterona na corrente sanguínea, seguido pelo início da produção de espermatozoides a serem analisados posteriormente. Quanto mais cedo o "salto", mais precoce será, provavelmente, o macho bovino.

Verificada a plena puberdade subsequente, resta testar a libido, cuja determinação genética é independente da precocidade. Os testes da libido vêm apresentando contradições, tanto na metodologia, como nas conclusões. O sistema mais seguro é promover o acasalamento com um lote de fêmeas secas e vazias por um período correspondente a dois ou três ciclos, para em seguida se determinar a proporção de prenhez indicadora do comportamento do touro.

A comercialização do sêmen de jovens touros, sem levar em conta sua precocidade e desconhecendo sua progênie, merece as mesmas

ressalvas aplicáveis à produção errática de embriões. Antes da venda de sêmen deve-se saber se o touro é um "bom macho" e um "bom padreador" nas condições ambientais de alimentação e intempéries em que viverão seus descendentes, no processo comercial de produzir carne.

2º - Selecionar animais de elevado ganho de peso e precocidade.

As provas de ganho em peso oferecem um bom índice quanto ao desenvolvimento, mas nada têm a ver com a precocidade sexual que condiciona o acabamento entendido como cobertura de gordura. A escolha dos maiores e mais pesados, sem uma correlação com a precocidade, conduz a um melhoramento do tamanho que é inversamente proporcional à precocidade. Os cientistas, com raras exceções, afirmam que os indivíduos maiores são menos férteis. Assim, as PGP's deveriam levar em conside-

ração a precocidade sexual.

A seleção para "maior tamanho" levará a menor fertilidade, menos precocidade e à inconveniência de bezerras maiores, com conseqüente dificuldade de parto. É incompreensível valorizar um touro porque nasceu "bezerrão" agigantado. Por outro lado, se o boi é abatido com 450/500 quilos aos 30 meses, pouco importa que seu pai tivesse 1.200 ou 1.400 quilos, cevado em cocheira, em ambiente totalmente artificial. O que interessa são reprodutores cujos filhos criados a campo viessem a dar acabamento aos 24 meses com 15/16 arrobas, mesmo que incentivados com alguma suplementação econômica e ainda que não castrados e com dentes de leite. Importa ainda que esse "pai" possa cobrir muitas vacas soltas no campo, mantendo-se em bom estado de saúde e disposição. Só assim teremos carcaças de alta qualidade e baixo custo.

Seria bom que o futuro colega Cavalcanti viesse a meditar nesta análise, em abono a suas justificadas prioridades a serem complementadas com o "vigor" do recém-nascido, com a "conversão alimentar" e principalmente com o "temperamento dócil" que pode condicionar o desempenho fisiológico e econômico.

Assim, Cavalcanti viria a integrar o grupo de jovens pecuaristas que não se deslumbram com o artificialismo do criatório para pista e honorarias, mas que se empenham na produção de carne bovina a baixo custo e em grandes volumes, com base no aperfeiçoamento desse binômio insuperável que é o "nelore na braquiária", ou seja "o branco no verde ao natural".

**Fernando Penteado Cardoso, engenheiro-agrônomo, é consultor da Agrolida - Consultoria e Assessoria. agrolida@ig.com.br*

1º LEILÃO MEGA REPRODUÇÃO

NELORE

1.000 FÊMEAS
A CAMPO: PO, LA
E CARA LIMPA
50 TOUROS

24 DE SETEMBRO 2001
SEGUNDA 19H
ESTÂNCIA ORSI
CAMPO GRANDE - MS

PARTICIPANTES:

- AGROPECUÁRIA PAPAGAIO S.A.
- QUILOMBO EMPREENDIMENTOS E PARTICIPAÇÕES LTDA.
- RUBENS A. CARVALHO NETO

CONVIDADOS:

CIRENE R. DA COSTA VANNI E FILHOS
CLAUDIO (TOTO) GARCIA DE SOUZA
GUILHERME PRATA
JOAQUIM VICENTE PRATA CUNHA E FILHOS
JOSÉ HIPÓLITO PEREIRA
ORESTES PRATA TIBERY JUNIOR
ULISSES SERRA NETO

Patrocínio



(67) 424-1217



(67) 721-8988

ROGADO REPRESENTAÇÕES
Cidade: Aracaju
Av. ...
(67) 9781-4508

Realização



(43) 328-4200

www.programa30.com.br



325-7777

Local



ESTÂNCIA ORSI
(67) 365-1552

Transmissão



Informações

(67) 384-2108

Lé com lé, cré com cré. Assim é a seleção

A ABCZ instituiu em 1997, após aprovação do Conselho Deliberativo Técnico e homologação do Ministério da Agricultura e Pecuária, o uso de reprodutores múltiplos (RM) na seleção das raças zebuínas. Ficou permitido o uso de até cinco touros por lote de até 60 matrizes. É sempre difícil tomar decisões desse porte, que confrontam práticas seculares de seleção, onde a monta controlada sempre foi a base de formação das linhas e famílias geneticamente distintas. Lógico que o sistema de RM não pretende substituir a mais elementar das ferramentas de seleção. Mas, em muitas situações de manejo, é preciso existir respaldo a um manejo às vezes obrigatório nos plantéis de seleção, sob pena de induzirmos aos erros de genealogia.

O uso de RM tem suas limitações, sobretudo mercadológicas, a partir do momento em que todo produto filho de RM, independente da categoria de seus pais, é controlado como Livro Aberto (LA), embora essa situação possa ser revertida mediante testes que recuperem a paternidade do produto.

Um novo estudo conduzido por um grupo de pesquisadores lança nova luz sobre o assunto e torna mais aceitável, do ponto de vista de melhoramento genético, o uso de RM. O trabalho denominado "Formando lotes uniformes de reprodutores múltiplos e usando-os em acasalamentos dirigidos, em populações nelore" é assinado pelos autores: Vânia Cardoso, Vanerlei Mozaquatro Roso, Jorge Luiz Paiva Severo, Sandra Aidar de Queiroz e Luiz Alberto Fries e foi publicado nos Anais da Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia de 2001.

No estudo, são apresentados os resultados de três simulações de tipos de acasalamentos: acasala-

mento ao acaso, dirigido com monta controlada (AD+MC), e dirigido com uso de reprodutores múltiplos (AD+RM).

Considerando duas grandes variáveis no melhoramento — a seleção (quais indivíduos irão produzir a próxima safra) e o padrão de acasalamento (como os indivíduos serão combinados para produzir a próxima safra) —, os autores desenvolvem uma simulação da combinação desses dois fatores, cujos resultados foram bastante animadores para o uso de RM.

Foram utilizadas para as três simulações o mesmo conjunto de dados, constituído de informações de 158 touros e 4.740 matrizes da Agropecuária Jacarezinho Ltda. Os dados considerados dos touros e vacas foram: DEP dias 160 (que mede o tempo que o animal leva para ganhar 160 kg do nascimento a desmama), DEP dias 240 (da mesma forma, o tempo para ganhar 240 kg no pós-desmama), escores visuais para conformação, precocidade e musculosidade, além do perímetro escrotal ajustado para idade e peso. Para a determinação dos acasalamentos foi utilizado o Programa de Acasalamento Dirigido (PAD), ferramenta disponibilizada também pela ABCZ aos criadores desde outubro do ano passado. O PAD usa as DEPs para estimar o mérito genético da próxima safra, sugerindo acasalamentos mais próximos dos objetivos ao usar ponderações baseadas no valor econômico que se queira dar ênfase.

O que os autores efetivamente simularam foi:

- Acasalamento dirigido com monta controlada;
- Acasalamento dirigido com uso de 32 grupos RM formados por touros de maior semelhança genética entre si (lotes uniformes); e,



* Luiz Antonio Josahkian

- Acasalamento ao acaso.

Em todos os casos foi considerada a relação touro/vaca de 1:30.

No caso dos acasalamentos dirigidos, foi utilizado um índice composto por:

23% DEP D160 + 4% C + 8% P + 8% M (até a desmama) + 23% DEP D240 + 20% CPM + 14% PE (pós-desmama). Para os acasalamentos ao acaso, foi utilizado um índice médio dos 158 touros.

Na tabela 1, estão os resultados encontrados para as três simulações. Dois pontos são dignos de nota: primeiro, que a variabilidade genética aumentou com o uso de acasalamentos dirigidos nos dois casos em que eles foram utilizados (tanto na MC quanto no RM); e segundo, exatamente pela maior variabilidade produzida nessas situações, o número de indivíduos com valores de mérito genético superior também aumentou.

Esses são dois pressupostos básicos para a otimização do progresso genético de uma população. Provavelmente, no caso dos acasalamentos dirigidos, o fato do PAD (o programa que indica quais os melhores acasalamentos) ter sido usado na forma de combinar o melhor com o melhor, ou seja, indicando os melhores acasalamentos para

Tabela 1. Número de animais, médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos dos índices finais esperados para os produtos resultantes do acasalamento ao acaso (ACASO) e de acasalamentos dirigidos em monta controlada (AD+MC) e com grupos de reprodutores múltiplos (AD+RM)

Índices	Número esperados	Média	Desvio -padrão	Mínimo	Máximo
ACASO	4740	11,5898	3,1156	-3,4527	24,4887
AD+MC	4740	11,5898	5,5463	-7,9849	31,1149
AD+RM	4740	11,5898	5,3517	-7,1527	29,7731

Fonte: Cardoso et al. Anais da Reunião Anual da SBZ, 2001.

potencializar as características escolhidas, contribuiu para essa situação. Caso o PAD tivesse sido utilizado para estabelecer acasalamentos compensatórios, os resultados seguramente teriam levado a uma padronização da população produzida, e, conseqüentemente, com uma redução considerável da variabilidade genética. Em outras palavras, usado dessa forma, o PAD, por considerar primeiro as soluções ótimas para o mérito genético, fez com que simultaneamente as últimas soluções do sistema tendessem a produzir os indivíduos mais opostos possíveis, razão pela qual ocorreu uma maior variabilidade genética pela produção de extremos.

A figura 1 mostra a maior amplitude no mérito genético produzido nas três situações. As diferenças genéticas verificadas entre as

populações produzidas em monta controlada (MC) e com o uso de reprodutores múltiplos (RM) são insignificantes.

Em termos absolutos, mostrou ainda que o número de animais superiores, tanto machos como fêmeas, produzidos nos três sistemas foi significativamente diferente, com uma grande vantagem para os sistemas.

MC+PAD e RM+PAD. Considerando o conceito do Certificado Especial de Produção (outro serviço prestado pela ABCZ), que contempla com um documento específico, os animais geneticamente superiores dentro da raça (o CEIP é indicado aos 20% melhores animais de cada plantel), os resultados indicaram:

Número de animais/progênie: 4740

CEIP: Índices Finais >13,8525 (ponto de corte ou seleção igual para as três populações)

Acaso = 20,00% = 948 animais superiores

69,83% 74,15%
(+662) (+703)

AD + MC = 33,97% = 1610 animais superiores

AD + RM = 34,83% = 1651 animais superiores

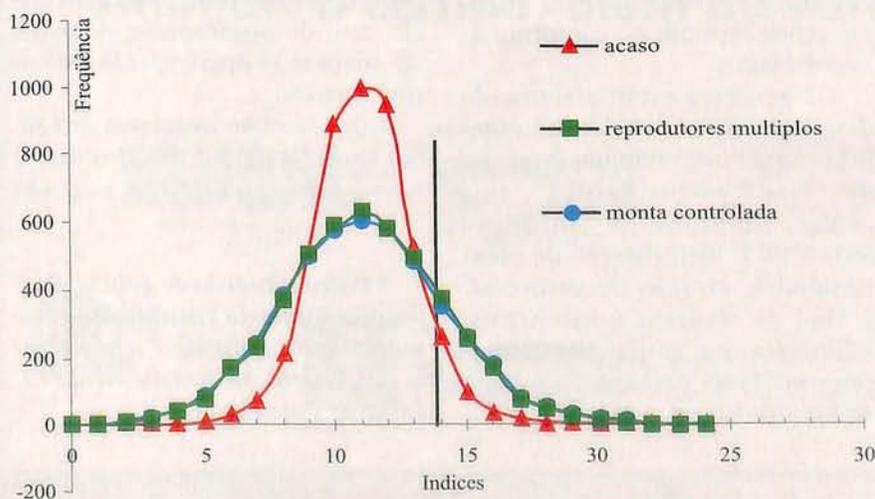
Os aumentos de 69,83% e de 74,15% no número de animais superiores, respectivamente para monta controlada e reprodutores múltiplos, se deveu exclusivamente ao uso estratégico do PAD, já que os animais eram exatamente os mesmos e obviamente estava-se trabalhando com a mesma genética e a mesma pressão de seleção.

A diferença foi provocada pela administração desses recursos genéticos através da melhor combinação possível entre os pares de acasalamentos. As populações assim produzidas, se submetidas à uma seleção adequada, possibilitaria maiores ganhos genéticos pelo uso dos animais extremos favoráveis a interesses econômicos.

Voltando à origem primeira do melhoramento, é fundamental o controle, até onde possível, de quais pares de indivíduos serão acasalados e que fornecerão os gametas para produzir os genótipos da próxima geração, os quais permanecerão inalterados pelo resto de suas vidas, independentemente de qualquer outra ação que se desenvolva.

Resulta que a intensidade do progresso genético ou sua estagnação ou até mesmo a involução do rebanho dependem fundamentalmente dessa fase da seleção. É uma questão de opção, não sem conseqüências: otimizar os acasalamentos e conseqüentemente o mérito genético médio dos bezerros produzidos ou deixar que a "pré-destinada" população ao acaso seja produzida.

* Luiz Antonio Josahkian é superintendente-técnico da ABCZ e prof. da Fazu. abczsut@abcz.org.br



Paraná agroindustrial

Um modelo de gestão tecnológica do agronegócio



* Pedro Eduardo de Felício

O diferencial está na agilidade. Detectando-se um problema, a decisão é rápida.

Quando o objetivo é a implementação de tecnologias nos setores produtivos, nada mais lógico do que diagnosticar a situação e encontrar soluções segundo a divisão política, porque o país é imenso e heterogêneo. Cada estado tem sua estrutura organizacional separada em secretarias, para cuidar desse e de outros temas, porém, a cada dia os problemas tornam-se mais complexos, exigindo atuação conjunta de duas ou mais secretarias e mecanismos de articulação

com o setor privado para priorizar e coordenar ações. Isto vem sendo feito, em geral, sem muita disciplina ou continuidade, mas o Paraná Agroindustrial tem os ingredientes certos para dar bons resultados e sobreviver à troca de governantes.

O Paraná Agroindustrial visa a agregar valor à produção agropecuária paranaense, potencializando a industrialização e a comercialização nas cadeias produtivas prioritárias de alimentos — frango, carne bovina, carne suína, leite, mandioca, milho e soja — através de investimentos públicos e privados em inovações tecnológicas.

O modelo de gestão é constituído de um conselho deliberativo — cinco secretários de estado, e os presidentes das federações das indústrias e da agricultura e da organização das cooperativas — presidido pelo governador do estado, e uma coordenação geral, que faz a interface com um grupo de gerentes temáticos. Cada cadeia produtiva constitui um projeto temático e tem seu gerente escolhido entre as lideranças do setor privado. O programa também contará com consultores chamados para orientar ações específicas, conforme as necessidades.

Os gerentes estão elaborando diagnósticos e estabelecendo metas setoriais, segundo um esquema de “eixos estruturantes”, tais como: indução à inovação tecnológica, identificação de oportunidades, atração de empresas, gestão de recursos e incentivos, infra-estrutura, gestão da informação, sanidade, exportação e meio ambiente. No projeto carne bovi-

na, por exemplo, destacam-se as metas de estímulo à exportação de carne e couro; treinamento *in loco* e à distância; ampliação dos projetos de genética e alimentação do gado.

O diferencial do modelo está na agilidade. Ao se detectar um problema, ou oportunidade, tomam-se decisões rapidamente. Imagine-se, por exemplo, que a importância da rastreabilidade individual de bovinos seja detectada. O gerente promove uma reunião com líderes dos segmentos, para colher subsídios e certificar-se se haverá apoio à proposta. Em seguida, elabora um plano de ação e leva ao conselho, expondo os benefícios que ele pode trazer em termos de organização da cadeia produtiva, porque haverá alinhamento de interesses dos elos envolvidos. Admitindo-se que o conselho decida pela aprovação, prepara-se um projeto de lei e delibera-se sobre a dotação orçamentária. Em curtíssimo prazo o sistema poderá estar implantado, ao contrário do que se verifica no resto do país neste e em outros temas.

O importante, agora, é torcer pelo sucesso do programa, para que ele sirva de inspiração e modelo a ser adaptado e aperfeiçoado em outros estados.

Para quem se interessar em saber mais, a página na Internet é www.paranagroindustrial.pr.gov.br

* Pedro Eduardo de Felício, Professor-adjunto da Faculdade de Engenharia de Alimentos e presidente da Associação Brasileira de Ciência de Carnes.

LEILÃO NELORE DO

VALE
 RR

18 DE AGOSTO DE 2001 - SÁBADO - 10 HORAS

TATTERSAL DO RECINTO DE EXPOSIÇÕES MELLO MORAES - BAURU - SP

Convidados: Agrimpa Agrop., Agrop. Bionatus, Agrop. J. Galera, Agrop. J.S. da Bom Jesus, Celso Luiz Pedrino, Comapi, Carpa Serrana, Fazendinha da Estrada, Fazenda Cachoeira 2C, Fazenda Sta. Nice, Grupo Camargo, Jayme S. Miranda, José Alberto A. Giorgi, Milton Luiz Pires, Nelson Pineda, Oscar Leite de Barros, Telc - Participações, Thereza Junqueira.

Convidados Especiais: Álvaro Borges e Cícero Diana.

50 MACHOS E 40 FÊMEAS

Animais a campo, além de vários destaques.

TRANSMISSÃO AO VIVO

CANAL RURAL

Fone para cadastro e lances
 (43) 328-4200

ORGANIZAÇÃO:

SAP

Success! Assessoria Pecuária
 (18) 624-5452

REALIZAÇÃO:

30 ANOS
PROGRAMA
LEILÕES

www.programaleiloes.com.br

INFORMAÇÕES:

R

LR DO VALE

(14) 230-3088 COM ADRIANA

AGF Brasil

Allianz Group

Quality Suites

(14) 235-7716

TERRASEMEN
 PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

FERTIVALE

FERTILIZANTES VALE DO TIETÊ LTDA.
 (14) 3283-3000 / 252-4424

COMERCIAL LUZINHO

COM. E TRANSP. LUZINHO LTDA.
 (14) 652-1574

Nelore P

Celso L. Pedrino
 São Carlos-SP

Selecionadores melhoram o guzerá leiteiro

Programa do Núcleo MOET estimula aptidão leiteira da raça

E o guzerá começa a provar que não é bom apenas para corte. A partir de 1994, o Núcleo MOET de melhoramento da raça guzerá desenvolve um trabalho objetivando a seleção para dupla aptidão (carne e leite) em sistemas de produção realistas. O programa é financiado pelos próprios criadores participantes com coordenação e suporte técnico de pesquisadores da Escola de Veterinária da UFMG e da Embrapa—Gado de Leite e apoio da ABCZ, ACGB (Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil) e do CBMG (Centro Brasileiro de Melhoramen-

to do Guzerá). Está integrado ao teste de progênie para leite, ao sistema de controle leiteiro oficial da raça e, mais recentemente, está sendo feita a integração com o programa de avaliação para características de corte da USP.

“A tecnologia de núcleos MOET de seleção é bastante recente e permite grande rapidez ao melhoramento leiteiro e hoje é utilizada pelas principais empresas internacionais de melhoramento de raças leiteiras. Em gado zebu, o núcleo do guzerá foi o primeiro no mundo”, diz Vânia Maldini Penna, médica-

veterinária e coordenadora do programa.

Participam do programa as vacas dos rebanhos parceiros de maior valor genético para leite e que tenham peso superior à média da raça, esclarece a coordenadora. Estas “supervacas” são superovuladas e produzem famílias de irmãos e irmãs completos que são avaliados em um mesmo ambiente, no núcleo. O manejo neste núcleo busca representar o dos sistemas de produção comercial do Brasil. No núcleo, são tomadas medidas de peso, temperamento e musculosidade de



Mãe e filhote da raça guzerá posam em frente a sede da ABCZ em Uberaba

todos os animais. Nos machos mede-se o perímetro escrotal, e nas fêmeas, as características reprodutivas e leiteiras (leite, gordura, proteína, contagem de células somáticas e conformação de úbere). São feitas anotações de dados econômicos do sistema e pretende-se iniciar a tomada de medidas corporais em todos os animais.

“As melhores fêmeas produzidas no núcleo retornam à coleta de embriões. O programa é sempre aberto à participação de vacas de alto valor genético para leite da população geral. Os touros jovens das melhores famílias leiteiras são conduzidos a centrais de inseminação para terem seu sêmen difundido e participam do teste de progênie da raça para confiabilidade adicional de sua avaliação”, destacou Vânia Maldini.

Atualmente, o programa envolve 18 criadores de guzerá, tem 58 touros jovens de 13 diferentes famílias, com avaliação genética publicada e quase 40 famílias já formadas, em avaliação. Vacas produzidas pelo programa já estão retornando como doadoras, porque se destacaram entre as vacas elite da raça. Touros jovens superiores já foram conduzidos para centrais de IA disponibilizando comercialmente seu sêmen. Os resultados técnicos e os econômicos têm indicado ser esta tecnologia de grande utilidade para o zebu leiteiro e para o Brasil.

O programa consiste em produzir, através de múltipla ovulação e transferência de embriões (MOET, sigla em inglês), grandes famílias de irmãos completos para se estimar o valor genético de touros jovens pela produção de leite de suas irmãs, meio-irmãs paternas e maternas e demais parentes. “Convém



Diretoria da ABCZ, em missão oficial, avalia o guzerá na Índia

lembrar que as irmãs completas têm, em média, 50% dos seus genes iguais aos de seus irmãos, ou seja, a mesma semelhança genética que há entre pais e filhas. Deste modo, a produção de um grupo de irmãos permite a estimação bastante confiável do valor de seus irmãos”, diz Vânia Maldini, doutora em Melhoramento Genético Animal e professora na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, que coordena o programa. Os objetivos são o melhoramento rápido e eficiente da produção leiteira no guzerá, preservando a rusticidade e as qualidades de carne da raça, além do fornecimento de sê-

Os resultados técnicos e econômicos indicam que esta tecnologia é útil ao zebu leiteiro

men e touros com mérito genético leiteiro comprovado para utilização em rebanhos comerciais e em cruzamentos. Outro ponto destacado na pesquisa, como lembra a professora Vânia, é a produção de dados para pesquisa e geração de tecnologias inovadoras e economi-

camente eficientes para gado zebu e sistemas tropicais de produção de leite.

Além do programa MOET, o controle leiteiro oficial pela ABCZ está em expansão na raça, e existe um teste de progênie em andamento, coordenado pela Embrapa-Gado de Leite, lembra a professora, a respeito dos programas que comprovam a eficiência do guzerá leiteiro. “Estes programas são integrados via Centro Bra-

sileiro de Melhoramento do Guzerá(CBMG) para a elaboração de avaliação genética nacional unificada. As análises são feitas na Embrapa-Gado de Leite, onde são centralizadas todas as informações geradas nestes programas”, ressalta. De acordo com ela, esta integração apresenta vantagens como maior confiabilidade da avaliação e maior facilidade dos produtores na interpretação dos resultados, que são apresentados em um único catálogo de touros e sem o inconveniente de resultados distintos para um mesmo animal. “Este ano foi apresentado o segundo resultado desta avaliação genética nacional unificada”, frisou.

A produção média de leite até os 305 dias de lactação, nos rebanhos puros integrados aos programas de melhoramento da raça, foi de 2.339kg e a máxima de 7.234kg, em resultados apresentados pelos pesquisadores da Embrapa-Gado de Leite, no ano passado. A duração média da lactação foi de 285 dias. “Estas médias são bastante animadoras, considerando-se principalmente que os rebanhos que participam destes programas controlam todos os seus animais (não apenas os superiores), que a produção é a pasto com suplementação de baixo custo e que considerável parte deles está na região Nordeste do



Fêmea guzerá amamenta bezerro, em fazenda da região Nordeste, onde é muito grande a concentração da raça no país

país, inclusive no semi-árido”, comemora Vânia Maldini.

Cruzamentos. Alguns especialistas, garantem que os melhores resultados do gado de leite somente podem ser conseguidos através dos cruzamentos industriais, fato que não é contestado pela professora. “Existem trabalhos que demonstram que os cruzamentos F1 zebu-europeu foram a opção mais lucrativa para produção de leite no Sudeste do Brasil”, comenta. “Mas, as raças PO, inclusive as zebras, podem ter alta produtividade, o que nem sempre é sinônimo de alto lu-

cro. No competitivo mundo atual torna-se necessário priorizar a lucratividade, o que tem implicado em redução dos custos de produção. Resultados econômicos animadores têm sido encontrados com alimentação a baixo custo e gado rústico”, alerta. Para Vânia Maldini, é preciso muito cuidado com a preocupação em se aumentar apenas a produção de leite do zebu sem a devida atenção a outros aspectos destes animais que hoje são economicamente muito importantes como resistência ao calor, parasitas e doenças e a capacidade dige-

rir alimentos mais grosseiros. “Bons resultados dependem de centrarmos a atenção no lucro e não apenas nos índices produtivos”.

Outra preocupação que é demonstrada no trabalho de melhoramento leiteiro do guzerá não é maximizar a produção mas aumentá-la sem perder a rusticidade. Por isso, o programa MOET tem sido conduzido com os animais criados a pasto recebendo, durante a lactação, volumoso de baixo custo (cana+uréia ou silagem de capim) e um pouco de concentrado segundo a produção.

Investir em gado leiteiro

Apesar dos preços do leite ao produtor comercial não estarem elevados —o que prejudica os sistemas caros e de altos insumos—, a situação atual favorece os sistemas que produzem a baixo custo e que se concentram na produção a pasto de gado com “sangue” zebu. “Os altos valores dos mestiços valorizam cada vez mais o zebu

leiteiro, analisa Vânia Maldini, coordenadora do Núcleo MOET. As fêmeas para cruzamentos industriais começam a ficar escassas. Reprodutores para cruzamentos alternados têm tido grande procura. Reprodutores leiteiros têm sido procurados inclusive por produtores comerciais de carne para melhoramento da habilidade materna

de suas matrizes”, analisa a coordenadora. Nesse contexto, o mercado externo vem demonstrando interesse no zebu melhorado para leite e o Brasil é o país mais capacitado para suprir esta demanda. “Os criadores de zebu leiteiro dedicados a trabalhos sérios e tecnicamente corretos têm alcançado grande êxito comercial.”



Nesta página e na seguinte, o rebanho da raça guzerá, do selecionador Cláudio Sabino Carvalho, na Chácara Naviraí, em Uberaba

Paixão e eficiência na seleção de guzerá

Cláudio Sabino, tradicional criador de nelore, usa um programa de melhoramento genético há pouco mais de um ano para selecionar o guzerá, e já lidera no programa

O que o criador de raças de corte deve fazer para alcançar destaque? Investir forte em melhoramento genético é uma das saídas. A outra é ter persistência e obstinação, dizem os melhores técnicos e os mais renomados criadores. É o caso do selecionador Cláudio Sabino Carvalho, que já se destaca na seleção de nelore, e como promotor de um dos mais concorri-

dos e movimentados leilões da Expozebu, o da Chácara Naviraí. O remate alcançou este ano um faturamento total (incluindo as duas etapas) de R\$ 2,8 milhões. São cifras superiores à soma de leilões de elite de muitas grandes exposições no país. Cláudio Sabino, no entanto, é destaque também com outro zebuino. O guzerá, uma raça que cria com base em um programa de melhoramento genético, há apenas pouco mais de um ano. O sucesso não é por acaso, justifica Sabino. "A seleção é a minha paixão", orgulha-se. E é com orgulho que ele também diz que o trabalho

é comprovado cientificamente.

Um dos passos que podem assegurar a comprovação científica do trabalho, segundo Cláudio Sabino, é a avaliação genética. Sem a avaliação genética, o criador acredita que qualquer seleção pode ficar comprometida, pelo menos em relação à credibilidade. O plantel é acompanhado por técnicos da Universidade de São Paulo, através do programa de melhoramento genético desenvolvido na universidade.

Cláudio Sabino Carvalho foi um dos fundadores do programa de melhoramento genético da USP, com a raça nelore, em 1988. Com

os primeiros resultados da avaliação em mãos, o selecionador comemora os resultados que o colocam na liderança da raça guzerá, entre todos os que participam do programa da USP.

Só para comparar, um de seus tourinhos guzerá com idade de 120 dias obteve um peso de 162 quilos. A meta do programa era — e ainda é — de 127. Em outro quadro, com 210 dias, um outro animal tinha 241 quilos, enquanto no programa era de 183. Nas fêmeas, também com 210 dias, uma de suas novilhas obteve 196, contra 172 quilos estabelecidos como meta pelo programa. “Com isso, nota-se bem a superioridade do nosso rebanho”, gaba-se Cláudio Sabino Carvalho.

Os programas de avaliação genética são fundamentais para respaldar a qualidade do rebanho, e o trabalho desenvolvido em programas de melhoramento genético é

um espelho para o mercado. “Todos os programas de melhoramento genético disponíveis hoje são muito bons, todos são muito válidos, na opinião de Cláudio Sabino, que destacou o Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ). “É muito bom e muito sério.”

“Chifre é coisa passada.

Seleção se faz com desempenho e eficiência”

Sem chifres. Uma das marcas registradas da raça guzerá, o chifre, é tida como empecilho para um melhor desempenho comercial da raça, pelo menos na opinião do selecionador. É muito fácil a iden-

tificação do animal entre as demais raças zebuínas. Além da pelagem, mais escura, o chifre é um dos símbolos do guzerá, a marca da sua beleza. Mas, Cláudio Sabino Carvalho não parece se importar muito com a questão estética e está promovendo a descorna do seu rebanho.

“Os zebuizeiros têm mania de achar que a beleza está na cabeça, no chifre, na orelha. Mas, a beleza do animal está na parte econômica, na conformação dele. Nós precisamos perder essa mania de relacionar beleza a chifre. Isso é coisa do passado. As seleções hoje, se fazem com desempenho, com eficiência não com cabeça, com chifre”, alfineta Cláudio Sabino Carvalho. Mesmo assim, ele reconhece que o trabalho de descorna que ele realiza ainda é muito tímido. “Eu precisava ser mais agressivo. Eu deveria descornar 100% do meu rebanho.”



11° JÓIA DA Índia

Carlos Novaes Guimarães e Convidados
21 OUTUBRO 2001 - Sábado 10h
Central Jóia da Índia - Campo Grande - MS



Badan

60 machos e fêmeas Nelore PO e POI

PARTICIPANTES: Agropecuária J. Galera • Aloisio Lessa Coelho • Antônio Carlos Correia Lima • Carlos Novaes Guimarães • Cláudio Fernando Garcia de Souza • Francisca Campinha Garcia • Gaspar da Cunha Miranda/3 Irmãos Grupo Camargo • Humberto Martins Olegário • Jaguari de Constr. e Comércio • Java Empresa Agrícola S.A. • José Carlos Prata Cunha • José Hipólito Pereira • Luiz Heraldo Padilha • Márcio de Rezende Andrade • Marcos de Rezende Andrade • Milton Luis Pires e Outros • Orestes Prata Tibery Jr • Oscar M. Leite de Barros • Ricardo Goulart Carvalho • Rubens Catenacci • Sérgio Casali Prandini • Torres Homem Rodrigues da Cunha.

PATROCÍNIO

TORTUGA

Soluções inovadoras para a Pecuária

Publique

CONDIÇÃO TOTAL DESDE R\$90
Anúncios, 1 mês P. até 12 (12) dias
10.000 de leitores 10.000 vezes
www.publique.com.br ou 0800-040000



Telefone (43) 481.1052 / 9981.7755

ORGANIZAÇÃO



(43) 328-4200
(11) 3572-0420

O apagão rural



Com a crise energética, produtores de leite temem perda de faturamento

Marconi Lima

Parece que certas profecias apocalípticas pairam sobre o Brasil. Ainda não estamos totalmente imergidos nas trevas, mas pelo menos estamos tendo uma amostra do que está escrito nas passagens bíblicas. Com a crise no abastecimento de energia elétrica no país, a rotina dos cidadãos tem-se alterado bruscamente. Muitas ruas, praças e avenidas fartamente ilumina-

das, com decorações em lâmpadas coloridas agora dão lugar a um ambiente bem próximo da "Gotham City" do cinema, a fictícia cidade onde mora o herói Batman. Em casa, muita gente teve que abrir mão do conforto da vida moderna, como vídeo-cassete, o banho quente demorado, a televisão e outros aparatos, para atingir a meta de 20% de economia no consumo estabelecida pelo governo federal.

As medidas de contenção de energia servem para todos, sem exceção. E a punição para quem não economizar é bem amarga, podendo chegar ao "corte de luz". No campo, a história não é diferente,

e o produtor tem que economizar. Mas, ao contrário do que se possa imaginar, para quem mora na cidade, a iniciativa não tem um tom tão romântico. A volta do uso do lampião, ao invés de resgatar o passado, pode trazer sérios prejuízos.

Nos últimos anos, a produção no campo vem se modernizando com a utilização cada vez maior de equipamentos que são alimentados através de energia elétrica. Um dos exemplos mais recentes, pois trata-se de medida do governo federal para incentivar o mercado leiteiro, é a aquisição dos tanques de expansão, que conservam o leite em baixas temperaturas permitindo a

coleta do produto a cada 48 horas pelas cooperativas ou indústrias de laticínio.

Então, o mesmo produtor que precisa se modernizar e que está obrigado pelo governo a investir em um tanque de resfriamento de leite, também é submetido a normas que determinam a economia de energia em sua propriedade rural. E agora, o que fazer? Basta apagar as luzes de casa? Ou manter o tanque de expansão desligado?

“A princípio, o tanque de resfriamento não deve ser desligado pois ele funciona como uma geladeira. Ele funciona com um termostato que liga e desliga automaticamente o motor, à medida que o tanque necessita de resfriamento. Se o tanque for desligado na tomada e a temperatura subir, ao se religar o tanque ele vai consumir toda aquela energia que deixou de gastar para levar o leite à temperatura entre três e quatro graus centígrados, em que deve ficar resfriado”, esclarece o professor José Roberto Camacho, do curso de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Uberlândia. Portanto, não compensa desligar o tanque, assim como não compensa desligar a geladeira. “A economia de energia deve ser feita em outras áreas da fazenda”, completa.

E nada de desligar o tanque de expansão, ainda que por períodos

curtos, sem a certeza de que a medida não estrague o leite. Ele tem uma grande capacidade de manter o leite resfriado, pois em geral são de aço inoxidável e são vasos térmicos que possuem uma baixa capacidade de troca de calor com o meio ambiente, ou seja, se desligado o leite irá se aquecer muito lentamente. O tanque de expansão liga o motor por volta de sete graus centígrados e desliga por volta de três a quatro graus. Desligado por

Não compensa desligar o tanque. A economia tem que ser feita em outras áreas da fazenda

cinco horas, deverá aumentar sua temperatura de três graus para sete graus no máximo. Em um período de 20 horas, a temperatura deverá chegar no máximo a 12 graus o que ainda não inviabiliza a qualidade do leite, como explica o professor Camacho.

O professor sugere ao proprietário do resfriador alguns testes de desligamento do tanque de resfriamento para verificar a qualidade do leite: medir a temperatura do tan-

que no instante de desligamento e mantê-lo desligado por 60 minutos; após este período, medir a temperatura novamente e verificar o aumento de temperatura e a redução. Se for insignificante, basta ir aumentando de hora em hora o tempo de desligamento e monitorando a temperatura e a redução. “Mas é importante monitorar a elevação de temperatura do tanque para que a redução não comprometa o aproveitamento do leite”, alerta.

Pagar pelo outro. Para o superintendente técnico da Associação Brasileira dos Criadores de Girolando, Celso Ribeiro Ângelo de Menezes, o justo está pagando pelo pecador. O que se impõe como meta para os produtores rurais é um castigo muito grande em vista do que o setor consome de energia elétrica no Brasil, apenas 4% de todo o montante, de acordo com dados da Confederação Nacional da Agricultura.

O apagão chega, para os produtores de leite especialmente, em um momento de expansão para a atividade. Atualmente, 70% da produção nacional são resfriados nas fazendas. “Se a situação se mantiver (de crise energética), vai prejudicar muito a produção de leite, pois os produtores não vão acelerar a produtividade e produção”, preocupa-se Menezes.



Ordenha mecânica, que requer o uso de eletricidade na fazenda



Menezes: “uns pagando pelos outros”

Crise afeta também o preço do leite

Com a crise de energia elétrica nas fazendas, o produtor de leite já sofre retração nas vendas do seu produto. Há também reflexos até no preço, lembra a Associação Brasileira dos Criadores de Girolando.

A queda nas vendas é confirmada pelo gerente da fazenda Terras de Kubera (município de Uberaba), Paulo Jair Ferraz. "Caiu uns 20%", estima. De acordo com ele, está muito difícil conseguir reduzir o consumo de energia na propriedade rural, onde se produz mil litros

de leite por dia. "O nosso tanque de expansão (com capacidade para dois mil litros de leite) tem que ficar ligado 24 horas por dia.

A fazenda atende às normas exigidas pelo governo que determinam o ordenamento mecânico das vacas e o armazenamento do leite em tanque de expansão além da limpeza do local, onde é extraído o leite de mais de 100 vacas. "Nós deixamos algumas luzes apagadas para economizar", diz Ferraz. A cerca eletrificada está li-

gada a um painel de energia solar, a principal fonte de alimentação.

Economia. A economia de energia deverá vir da racionalização do uso dos equipamentos, ou pela substituição das máquinas com muito tempo de uso por outras mais eficientes. É possível também a utilização de sistemas alternativos, como recomenda o professor Camacho, do curso de Engenharia Elétrica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Mas, existem atividades agrárias em que a economia de energia vai ser muito difícil de se concretizar. "A irrigação é uma delas, mas que pode também ser substituída por um sistema de irrigação por gotejamento." "No caso do bombeamento de água usa-se o carneiro hidráulico, no caso da produção de silagem, utilizar a antiga roda-d'água acoplada a uma moenda. No caso do sistema de aquecimento de água, utilizar a antiga serpentina passando por dentro do fogão à lenha. A geladeira pode ser modificada para utilizar o gás".



Galpão de alimentação da fazenda "Terras de Kubera", em Uberaba

Perguntas e respostas sobre economia de energia

127 Volts é mais econômico que 220 Volts? - Na verdade o que se mede é energia, e a energia consumida por um aparelho é a mesma quer em 127 Volts ou 220 Volts. Os 220 Volts somente são mais econômicos quando da construção da instalação pois para um mesmo aparelho a corrente fica menor e proporciona a compra de fios mais finos e mais baratos. A idéia de que menor tensão proporciona maior economia de energia não é verdadeira.

Deve-se tomar banho com chuveiro ligado o tempo todo? - Não. Utilize o chuveiro para se molhar e retirar o sabão do corpo. Ao se ensaboar desligue o chu-

veiro, pois você estará economizando energia.

As lâmpadas duram mais se estiverem ligadas por mais tempo? - Isto é verdade somente para lâmpadas fluorescentes e lâmpadas eletrônicas (compactas), já as lâmpadas incandescentes (convencionais) dependem pouco do número de vezes que são ligadas e desligadas.

A roupa deve ser acumulada para ser passada toda de uma vez na semana? - Sim, em uma residência a roupa deve ser toda passada uma vez por semana, pois a energia para aquecer o ferro será gasta uma única vez na semana.

Deixar a geladeira desligada

por um período de tempo economiza energia? - Não. Isto não é verdade. A geladeira funciona com um termostato para manter a temperatura a aproximadamente 4 graus centígrados. Portanto, se ela ficar desligada, sua temperatura vai subir e ao ligá-la novamente ela vai gastar toda a energia supostamente economizada durante o período de desligamento, para levar de volta a geladeira novamente aos 4 graus. Isto também vale para os tanques de resfriamento de leite, que utilizam o mesmo sistema.

Fonte: José Roberto Camacho, professor da UFU.

BRAHMAN DA SANT'ANNA



BRAHMAN DO MERCOSUL

- FERTILIDADE, PRECOCIDADE E RUSTICIDADE
- ADAPTAÇÃO NUTRICIONAL E AO MEIO AMBIENTE

FAZENDA SANT'ANNA

Fone: (18) 251-1329 / 251-1556 - Fax: (18) 9771-9775
santanna@hexalink.com.br



Fones: (14) 9775-9257 / 6853-1039 - Fax: (14) 9775-9258
angusbv@uol.com.br

VENDA DE REPRODUTORES, VENTRES, SÊMEN E EMBRIÕES

Fazenda Sant'anna Ltda. - Rancharia - SP

Fazenda Pantanal de Cima - Formoso - TO

Prova de família

O Team Penning é uma competição em que participam homens e mulheres de todas as idades e a técnica é passada de pai para filho.

Marconi Lima

Desde que a pecuária se tornou uma atividade produtiva, existe a profissão do "peão campeiro", aquele homem montado a cavalo que trabalha no campo com a separação do gado, conduz o animal ao curral, desmama os bezerros, cura, separa as matrizes para inseminar, leva e traz os touros, "dá rodeio" na boiada, além de outras tantas atividades que fazem parte da vida no campo. As vestimentas, bem características, dependem da região

em que atua. No Sudeste do Brasil, o peão é bem parecido com o cowboy, dos filmes de TV, com chapéu, botas de couro, calças jeans, cintos com fivelas avantajadas e camisas estilo xadrez, de manga compridas. No Sul, o uso da bombacha e o lenço no pescoço são inconfundíveis. O chapéu e a jaqueta de couro são marcas registradas do Nordeste, em função da vegetação predominantemente seca e com muitos espinhos (os famosos mandacarus, cantados por Luiz Gonzaga).

Com a chegada do zebu no Brasil, entre o final do século 19 e o início do século 20, a atividade ganhou força e a profissão se estendeu por todo o território nacional, por consequência natural do enorme potencial pecuário dos brasileiros.

A profissão de campeiro é exercida no mundo todo. Nos Es-

tados Unidos, a atividade derivou um esporte criado para simular o trabalho dos peões no campo: o *Team Penning*. É uma dentre as mais de 25 modalidades de provas funcionais, que demonstram o potencial do cavalo e do cavaleiro. De acordo com a Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo Quarto de Milha (ABQM), o *Team Penning* é um evento popular, cronometrado e baseado nas tarefas originais dos cowboys da era dos westerns. Na competição, três cavaleiros devem separar três cabeças de gado especificamente identificados do rebanho e colocá-las em um curral do lado oposto da arena, em, no máximo, 120 segundos. O tempo começa a ser contado quando o focinho do primeiro cavalo cruza a linha de partida e termina com o gado no curral. Os cavaleiros devem separar o gado designado, com o cuidado de não



Timpeneiras se dirigem ao rebanho, para iniciar o treinamento para o campeonato

deixar que mais de quatro reses cruzem a linha de partida. O descuido rende ao trio a desclassificação.

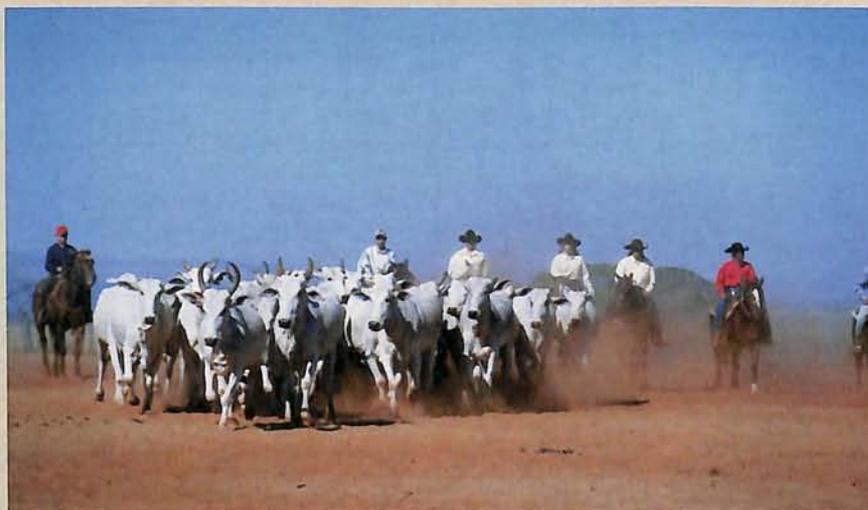
Ao contrário do que acontece na vaquejada, tradicional competição que reúne peões no Nordeste, no *Team Penning* os competidores não podem tocar nos animais. É apenas permitido falar ou até mesmo gritar, mas, também, com cuidado. O palavreado imoral também desclassifica os participantes. Na vaquejada, o objetivo é derrubar o animal dentro de um espaço delimitado.

Os competidores devem se apresentar obrigatoriamente vestidos a caráter, usando chapéus, camisas de manga comprida com os punhos abotoados, calças, botas e cintos com fivelas, o que dá idéia de equipe, e mostra a organização das provas.

Para um bom desempenho nas provas de team penning, a escolha de um bom cavalo é fundamental. A recomendação é de José Carlos do Nascimento, treinador de Team Penning, conhecido como Zé Pequeno. "Os cavalos da raça Quarto de Milha, são os mais indicados, mas qualquer animal bem treinado é capaz de desenvolver o seu papel", orienta.

A idade ideal para iniciar o adestramento dos potros é a partir de dois anos e meio, lembra Zé Pequeno. Para os competidores, não há uma idade mínima para se iniciar no Team Penning. "Basta querer e se dedicar", aconselha Norival dos Santos, primeiro integrante do trio vencedor da categoria "Principiante", representando Uberaba (MG).

"Sem dúvida é uma das modalidades mais emocionantes, além de integrar pessoas de diversas localidades, de todas as idades, homens e mulheres, e até famílias inteiras de "timpeneiros", passando emoção e técnica de pai para filho", diz Enilice Cadetti Garbellini, segunda participante do trio campeão nacional na categoria "Principiante",



Peões apartam animais, em prova simulada de team penning



Animais usados no treinamento são recolhidos

em julho deste ano.

"Os homens não só nos respeitam como torcem pelo nosso sucesso. Em alguns trios, correm mulheres e homens juntos", diz Elaine Cristina Araújo Silva, integrante do trio campeão da categoria "Principiante". O coro de apologia à família, entoado pelos pra-

ticantes do esporte, é reforçado pelo tetracampeão brasileiro Marcos Aparecido Barcellos Muzetti, de 39 anos. O esporte tem outras vantagens, garante Muzetti. "É a única prova funcional que não traz risco de vida. Talvez seja a única prova que não traz espécie alguma de maus tratos aos animais."

Conheça as principais provas de Team Penning do Brasil

Organizado pela ABQM:

Congresso Nacional*
Campeonato Nacional*
Potro do Futuro*

Campeonatos Regionais:

Prova em Assis (SP)

Prova em Brasília (DF)

Prova em Uberlândia (MG)

Prova em Altinópolis (SP)

Prova em Goiânia (GO)

Barretos Country Hotel

Festa do Peão Boiadeiro

Marketing da carne bovina



* José Peres de Lima Neto

Temos utilizado a definição de marketing apresentada por Philip Kotler: a atividade humana ou o processo social, orientados para a satisfação de desejos ou necessidades de indivíduos e organizações, através dos processos de troca. Vamos tratar do marketing da carne bovina. O Brasil tem o maior rebanho bovino comercial do planeta. Os 170 milhões de animais estão distribuídos em 1,8 milhão de estabelecimentos pecuários. Esses números mostram como é difícil trabalhar em conjunto com todos os produtores. Nossa carne está saindo de uma prova de fogo no âmbito mundial, com o embargo canadense dando-nos o atestado de qualidade que precisávamos para entrar para o clube dos grandes exportadores. Em 2000, fomos o terceiro maior exportador de carne bovina (600 mil ton.), atrás somente da Austrália (1.235 mil ton.) e dos EUA (1.027 mil ton.). Este desempenho rendeu-nos US\$ 780 milhões. No primeiro trimestre de 2001, aumentamos 25% no volume e 8% no valor das exportações de carne bovina em relação ao mesmo período do ano anterior. Nossa meta é exportar 1.000 ton. em 2001, e nosso objetivo é ser o maior exportador de carne bovina.

Nacionalmente, cada brasileiro já consome perto de 40 kg/ano; o

que é razoável. A melhor distribuição da renda e a explosão do turismo no Nordeste devem ajudar a elevar o consumo médio. Portanto, já é chegada a hora da qualidade da produção. Há uma grande variação na porcentagem de abates, inspecionados e clandestinos, nos diferentes estados. Sabemos que a clandestinidade coloca nossa carne na zona de perigo. Como podemos estimular o consumo de um produto, cuja qualidade não podemos controlar ou atestar?

Para que possamos elaborar um planejamento estratégico de marketing, falta-nos estabelecer uma linha de pesquisa com os consumidores. Precisamos conhecer suas reais necessidades e seus verdadeiros desejos. Outro passo im-

Como podemos estimular o consumo de um produto, cuja qualidade não controlamos?

portante será uma campanha de conscientização das donas-de-casa sobre os diferentes modos de preparação de carne e de valorização de cortes menos disputados.

A preocupação mundial com a segurança alimentar tem aumentado. Esse fenômeno indica que a rastreabilidade de nossa carne é fator decisivo para a conquista de novos mercados. Estamos falando da capacidade de identificar as informações de um animal ou de sua produção. Assim, o consumidor tem acesso às informações desejadas no momento da compra. Trata-se de um processo de identifica-

ção internacional, única do animal, a partir do nascimento, na forma de um brinco.

Como toda nova tecnologia, esse processo ainda é caro para nossos padrões. Vale a pena discutir a implantação do sistema com todos os integrantes da cadeia da carne, já que todos têm os mesmos objetivos e lucram com o sucesso. Talvez haja uma forma de dividir os custos entre os beneficiários.

Outra fonte de sucesso é a *imagem ecológica* da carne brasileira. Nossos animais são criados a pasto, o que os torna "*bois verdes*". Esta imagem pode ser melhorada, a partir da substituição de químicos, tornando-os "*bois orgânicos*". Estas imagens significam a preferência dos consumidores e maior remuneração para todos os integrantes dos programas de certificação. Finalmente, entendemos que os pecuaristas devem:

- comparecer aos foros de discussão e decisão,
- defender seus interesses e apresentar suas restrições,
- multiplicar essas idéias e o número de participantes nos programas que atendam os interesses e necessidades dos consumidores, e
- fiscalizar os processos que garantam a qualidade da carne bovina, intervindo quando necessário.

A evolução tecnológica barateará os custos dos programas. Aqueles agentes que se negarem a aderir aos programas arcarão com o ônus de marginalização de seus produtos e conseqüentes restrições de mercado. Não podemos fechar os olhos aos interesses e necessidades de nossos consumidores. Cabeças e mãos à obra!

* José Peres de Lima Neto é diretor-adjunto da ABCZ e professor da Univ. de Uberaba.

Tecnologia de leite a pasto

As famílias de vacas leiteiras da São José vêm sendo selecionadas a partir de forrageiras tropicais. Nossas vacas vivem de capim. Esse é o jeito mais barato de produzir leite.



Beduíno da São José participa dos testes de progênie Embrapa/Assogir e Abcgil



Bastilha da São José 2x334 - 6587 Kg. Doadora de embriões 1ª coleta 18 embriões



Extase da São José (Beduíno da São José) Batilha da São José, também participa dos testes de progênie Embrapa/Assogir e Abcgil



Girolando: carcaças com boa profundidade Tetas patas e pés nota 10

Mais de duas mil lactações encerradas com controle leiteiro oficial.

Nosso Gir tem provas zootécnicas de leite, raça e peso

Girolando registrado e de origem comprovada.

Mais de vinte matrizes superiores compõem o plantel de doadoras de embriões

Nossos animais são selecionados para aferecerem eficiência e produtividade. Essa é uma das razões para explicar o grande volume de visitas que a Estância São José recebe constantemente de produtores, estudantes e clientes do Brasil e do exterior

Alberto Pereira Nunes Filho, ganhador do prêmio "The Best- o melhor criador de Gir do Brasil do ano de 2000", oferecido pela revista AG Leilões e melhor criador da Exposição de Gir Leiteiro de Brasília - DF, em abril de 2001



Venda permanente de tourinhos melhoradores com controle leiteiro oficial da ABCZ

Estância São José

Km 30 - GO-060 - Trindade - Goiás
Alberto Pereira Nunes Filho
Em Goiânia - Goiás - Brasil
Av. Castelo Branco, 4.782 Setor Rodoviário
CEP. 74430-130 - Fones - (62) 295-5005 e 295-4662
Fax: (62) 295-4216 / cel.: 9971-2161

Contatos:
Marco Elísio
Fone: (62) 9971-2161

www.girgirolando.com.br
girgirolando@girgirolando.com.br



Zootecnista defende a utilização de escores visuais em programas de melhoramento na bovinocultura de corte

Tese do zootecnista William Koury Filho propõe a utilização de nova metodologia

O olho é um importante instrumento de avaliação de um animal. Esta é a opinião de muitas pessoas que estão diretamente ligadas às atividades pecuárias. Para colocar o dedo na ferida, o zootecnista William Koury Filho, que concluiu mestrado na área de Concentração de Qualidade e Produtividade Animal, pela USP- Pirassununga, defende uma nova metodologia para os escores visuais, que pode ser aplicada nos programas de melhoramento genético para o gado de corte. Koury Filho usa palavras conclusivas publicadas no Seminá-

rio Nacional de Revisão de Critérios de Julgamento e Seleção de Gado de Corte, realizado pela ABCZ em novembro de 1996. É necessário que o modelo do animal preferido nas pistas de julgamento seja igual ao modelo do animal produtivo que o Programa Nacional de Melhoramento Genético persegue como ponto de partida para uma pecuária mais produtiva no Brasil. E é possível que os escores visuais sejam a única fórmula para encontrar esta integração, diz o texto do encontro.

De acordo com o zootecnista,

está cada vez mais evidente que as avaliações visuais são importantes ferramentas a serem usadas na seleção a fim de identificar animais mais pesados, com a conformação mais desejada, enfatizando características como a precocidade sexual e de acabamento e proporção entre o quarto dianteiro e traseiro (distribuição de massas musculares) pensando sempre na qualidade do produto final que é a carne bovina e na relação custo/benefício da atividade, destacou Koury Filho.

Ele chama a atenção para o pe-



Koury Filho avalia animal, com método que sugere em dissertação de mestrado

rigo de se selecionar animais exclusivamente por ganho de peso. Segundo ele, isso pode resultar em animais com elevado tamanho adulto, nutricionalmente mais exigentes, o que parece não estar de acordo com os sistemas de produção a campo, normais no país, aumentando o período de permanência dos animais nas pastagens e diminuindo a eficiência reprodutiva no rebanho.

Metodologia. O autor questiona a utilização de diferentes metodologias visuais pelos diversos programas de melhoramento genético. "Parecem estar andando em círculos, pois se é para se pensar em progresso genético, deveriam entrar em comum acordo e passar a olhar para a mesma direção, pois não existem dois nortes quando o caminho que buscamos é o mesmo, ou seja, a eficiência de produção", comenta.

Koury diz não haver mistério no trabalho. O que ele propõe é o consenso quanto ao uso de uma metodologia que resultaria em ferramentas DEPs, mais conhecidas e com reconhecimento científico, que podem ser mais bem utilizadas pelos pecuaristas.

Acredita-se também que as notas devam ser relativas aos grupos de contemporâneos e não em relação a um biótipo referência (absolutas), pois notas absolutas tendem a permanecer perto da média, enquanto que notas relativas resultam em maior dispersão, parecendo separar melhor o joio do trigo, resultando em dados melhores de ser processados pelos programas de melhoramento, ressaltou.

Para a realização da avaliação visual de um determinado lote de animais que formem grupos de contemporâneos, Koury Filho indica alguns passos para a avaliação:

- trabalho deve ser individual para cada animal e característica – lembrando que ele deve ser comparado ao respectivo grupo de contemporâneos

- ser feita pelo mesmo avalia-

dor, que precisa ter em mente as definições de cada característica em questão bem clara, sabendo com precisão que região do animal deve ser observada

- procurar avaliar os animais sob o mesmo campo de visão, a pé ou montado a cavalo

- não considerar o pedigree do animal, nem dados dos seus genitores

Está evidente que as avaliações visuais são importantes na seleção

- ser rápido e preciso, preferencialmente após as pesagens de controle de desenvolvimento ponderal, no sentido de facilitar o manejo da propriedade.

Para obter maior precisão nos dados coletados subjetivamente nas avaliações por escores, o zootecnista recomenda que se promova periodicamente a reciclagem dos técnicos envolvidos, no intuito de que os mesmos calibrem os olhos e passem a enxergar o animal da maneira mais parecida pos-

sível, devendo também contar com a participação dos jurados em pista para que a conexão entre campo e pista passe a existir de uma maneira mais concreta e sair da utopia hoje vivida pelo setor.

Para o superintendente-técnico da ABCZ, Luiz Antonio Josahkian, o trabalho do zootecnista é muito interessante. "Alguns dos conceitos apresentados podem ser incorporados aos sistemas utilizados hoje", frisou.

William Koury Filho foi orientado pelo professor-doutor José Bento Serman Ferraz, da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da USP. A banca examinadora foi formada pelo professor-doutor Maurício Mello de Alencar, pesquisador Embrapa/CNPSe) e pelo professor-doutor Joanir Pereira Eler(FZEA/USP). A tese foi intitulada Análise Genética de Escores de Avaliações Visuais e suas respectivas relações com o desempenho ponderal na raça nelore .

Atualmente, o zootecnista é doutorando pela UNESP - Jaboticabal (SP), sob orientação da pesquisadora Professora Doutora Lúcia Galvão de Albuquerque. Ele pretende dar segmento ao seu trabalho sobre avaliações visuais na área de melhoramento genético animal.



Animal é avaliado de acordo com escores visuais

O novo modelo de avaliação proposto

Com base em metodologias existentes para avaliação de bovinos, o zootecnista William Koury Filho sugere a adoção de uma metodologia derivada da PHRAS, adotada pela ABCZ, com a redefinição de algumas características e a inclusão de um escore de musculabilidade num novo procedimento que pode ser denominado de PHRAMS, desta maneira definido:

Precocidade(P): avalia a capacidade do animal em chegar ao acabamento de carcaça num tempo menor.

Busca animais que apresentem comprimento dos membros proporcional à profundidade torácica, costelas bem arqueadas e forma dos músculos mais arredondados, podendo ainda ser observados pontos específicos como espinha dorsal, escápula, pontas de íleo e ísquio, inserção da cauda e maçã do peito.

Os sistemas de resfriamento dos frigoríficos brasileiros exigem camada mínima de espessura de gordura de acabamento de três a seis milímetros para que não haja escurecimento da carne e encurtamento das fibras musculares pelo resfriamento rápido (cold shortening), que fazem com que a carcaça perca qualidade.

Animais precoces permanecem menos tempo nos pastos e/ou confinamentos, encurtando o ciclo de produção, melhorando a eficiência da atividade e os lucros do produtor.

Musculabilidade(M): A melhor conduta é avaliar o animal como produtor de carne, ou seja, estimar o quanto ele produziria de carne em quantidade e qualidade se fosse abatido naquele momento. A quantidade pode ser estimada pela convexidade e tamanho das massas musculares, que devem se apresentar desenvolvidas,

e a qualidade, pela concentração de maiores peças musculares em regiões nobres como a linha dorso-lombar e a região do posterior.

Animais mais musculosos e com os músculos bem distribuídos pelo corpo, além de pesarem mais, apresentam melhor rendimento e qualidade da carcaça.

Harmonia(H): Considera-se a harmonia do conjunto, conciliando o animal musculoso com o de acabamento precoce, tipo biológico que parece estar relacionado a precocidade sexual (extremos não são ideais): indivíduos excessivamente baixos e curtos correspondem à produção de tecido adiposo na carcaça com teor acima do recomendado e indivíduos pernaltas a animais tardios.

Nenhuma parte do corpo deve destoar do todo, o animal tem que agradar aos olhos, apresentando-se expressivo e sadio. O desenvolvimento deve ser condizente com a idade cronológica e a ossatura compatível com a cobertura muscular.

Animais harmônicos e bem desenvolvidos são animais equilibrados, com boa adaptabilidade ao sistema de criação ao qual foi selecionado.

Características sexuais(S): Busca-se masculinidade nos machos e feminilidade nas fêmeas. Essas características deverão ser tanto mais acentuadas quanto maior a idade dos animais avaliados. Além da cabeça, deve-se olhar para os genitais, umbigo e prepúcio (machos), definição e conformação das massas musculares assim como proporção dianteiro/traseiro.

Características sexuais do exterior do animal estão ligadas à eficiência reprodutiva, e reprodução parece ser a característica de maior impacto financeiro na atividade.

Aprumos(A): Avaliam-se as proporções, direções e articulações dos membros anteriores e posteri-

ores. Diferente da situação encontrada em países onde se confina maior percentual de animais, no Brasil a maioria dos animais é criada a pasto com suplementação mineral, com isso os animais são obrigados a percorrer grandes distâncias em busca de água e alimento. Indivíduos com melhores aprumos tendem a ser mais eficientes. Bons aprumos são cruciais para o macho efetuar bem a monta e para a fêmea suportá-la.

Características raciais(R): Avaliam-se os itens previstos nos padrões. Basicamente a parte da cabeça, considerando também a questão tipo de conformação muscular, pelagem e pele.

Nos rebanhos em que se comercializam reprodutores, matrizes e sêmen, o tipo racial é muito importante porque os animais tidos como mais belos são mais valorizados. É preciso ter cuidado com os conceitos de beleza para não se dar valor excessivo para essas características, e diminuir em demasia as opções pelos animais a serem utilizados em um rebanho, que deve visar principalmente a produção.

Como comentário geral, válido para todos os escores, a escala de notas sugerida deve variar de 1 (animal com desempenho inferior na característica) a 5 (animal com o melhor desempenho possível), notas essas que devem ser atribuídas individualmente para cada animal e característica, analisados sempre em referência a um grupo de contemporâneos. A escala de 1 a 5 resulta em boa amplitude e facilita o trabalho do avaliador que identifica os indivíduos do meio, escore 3, e a partir deles atribui notas 2 para os animais abaixo da média e 1 para os fundos, quatro para os animais acima da média e cinco para os cabeceiras.



Cláudio Totó Garcia de Souza

2001**Um dilúvio de raça e qualidade**

06/09. 20h30m*	07/09. 20h30m*	08/09. 14h*
Bovinos cria, recria e engorda Cavalos Éguas Burros e mulas Carneiros Cabritos Aves	200 touros -120 Nelore -30 Simbrasil -20 Guzerá -Aquitânicos -Brahman -Pardo Suiço corte -Brangus -Braford	30 matrizes Nelore PO cabeceira 30 receptoras com prenhez sexada 10 touros reserva

*Horário de Brasília, impreterivelmente!

Recinto de Leilões Leilotrês

Rodovia 262 - km 08 (Três Lagoas /Campo Grande)

Três Lagoas - MS

Patrocínio



RURAL NUTRI LTDA.



(87) 521-6400



Realização



Leiloeiros

João A. Gabriel
 Lourenço M. Campo

Transmissão



CANAL DO DEUS
 (87) 721-0000
 Transmissão ao vivo

Informações



ESCRITÓRIO NELORE
 FONE (87) 521-1200
 FAX (87) 521-1297
 e-mail: info@neleor.com.br



ETR de Salvador ganha nova sede

A ABCZ realizou grande festa em Salvador, no dia 23 de julho, com a presença do presidente Rômulo Kardec de Camargos, do diretor João Machado Prata Júnior e do superintendente administrativo-financeiro José Valtoírio Mio. Foi lançada a pedra fundamental do novo Escritório Técnico Regional de Salvador (BA), que fica no parque da Empresa Baiana de Desenvolvimento Agropecuário (EBDA), no bairro de Ondina.

“Desde o início da gestão do triênio 1998/2001, do presidente Rômulo Kardec que a ABCZ vem investindo na modernização do ETR de Salvador e em treinamento de pessoal”, lembra Carlos Humberto Lucas, coordenador de órgãos executores da ABCZ. O escritório funciona em uma sala no prédio da EBDA, com seis funcionários, com três técnicos, sob a responsabilidade de Simeão Machado Neto.

A construção do novo escritório atende a nova realidade da pecuária seletiva que tem se expandido na Bahia, avalia João Machado Prata Júnior. As novas instalações que vão funcionar em área cedida pelo governo baiano, em comodato por dez anos, tem 12 metros de frente, por 20 metros de fundo. “Ali, inauguramos uma planta moderna, funcional, que contempla 130 m²”, explicou o diretor da ABCZ.

O novo ETR terá sala para os técnicos, uma sala para o chefe do escritório, uma recepção, uma sala de produção, arquivos, copa, banheiro (sanitário masculino e feminino), uma casa para abrigar ar condicionado e outra para gerador de energia, relata João Machado.

“O gerador é para que possamos trabalhar em tempo integral. Isso é porque o governo da Bahia baixou uma portaria alterando o ex-

pediente dos órgãos públicos como medida para cumprir meta de economia de energia”, destacou João Machado. Como o escritório da ABCZ trabalha em uma sala de um órgão público do Estado da Bahia, a EBDA, está sujeita às suas normas de funcionamento.

Boa companhia. O diretor da ABCZ destacou também a boa receptividade do povo baiano para com a entidade. “E sobre o novo escritório, o presidente Rômulo Kardec vai escrever uma carta ao futuro presidente, pedindo para que ele se empenhe na construção desse escritório. Primeiro, pelo compromisso assumido com o povo baiano. E segundo, por sugestão dos nossos conselheiros, para que seja prioridade da gestão do sucessor, a inauguração do ETR durante a Fenagro, que acontece em novembro em Salvador”, admitiu João Machado.



Diretoria posa com funcionários do escritório técnico da ABCZ em Salvador, que vai ganhar novas instalações, em breve

Você pode adquirir a essência genética da raça nelore!
A venda no Ventres JM/2001.

ESSÊNCIA

TE Guadalupe



Design Propaganda

1ª Prenhez da Grande Campeã Nacional - Uberaba 2001

Essência TE Guadalupe



Prenhez: Big Ben da SN

Leilão Ventres JM em Garça 31/08/01

LEILÃO
JM
VENTRES
ANO 02

Fazenda
Santa Filomena
Criação e Melhoramento de Raça Nelore PO e POI

Unimar
UNIVERSIDADE DE MARÍLIA

ABCZ comemora 67 anos com 1000ª reunião



Ex-presidentes e a Diretoria da ABCZ comemoram, unidos, os 67 anos e a milésima reunião ordinária da entidade, no dia 26 de junho

A memória viva da ABCZ, leia-se os ex-presidentes, comemorou a realização da reunião de número 1000 da Diretoria, e os 67 anos de fundação da entidade, durante solenidade que durou o dia todo em 26 de junho em Uberaba. O encontro começou às 10h30, com a presença de ex-presidentes e esposas, na sede da entidade. Na programação, muita história e fatos engraçados e importantes que marcaram a vida da agremiação. A ABCZ foi fundada em 18 de junho de 1934, com o nome de Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (SRTM). A mudança nos estatutos e no nome ocorreu em 1967. Antes, a partir de 1919, os registros eram catalogados no *Herd Book Zebu*, que tinha o objetivo de defender a classe dos criadores de zebuínos e de lutar pela instituição do Livro de Registro Genealógico das raças zebuínas. Mais tarde, o livro foi incorporado pela SRTM.

Todos os 21 ex-presidentes da

entidade foram homenageados junto com representantes de 22 veículos de comunicação de todo o Brasil. O ex-presidente Arnaldo Rosa Prata falou em nome dos colegas que estiveram à frente da ABCZ. O ex-ministro da Agricultura, Alysson Paulinelli, na gestão do ex-presidente Geisel, e o presidente da Confederação Nacional da Agricultura, Antônio Ernesto de Salvo também fizeram uso da palavra.

Um templo ecumênico, construído ao lado do Museu do Zebu, foi inaugurado para marcar as solenidades dos 67 anos, e da realização da reunião 1000. A inauguração foi saudada por representantes do catolicismo, espiritismo, protestantismo e judaísmo.

Ainda na programação, a diretoria da ABCZ

reinaugurou o monumento aos fundadores da SRTM. Depois, diretores e ex-presidentes depositaram em uma urna textos contendo a visão de cada um sobre o futuro da pecuária brasileira. A urna foi lacrada e será aberta somente em 2034, nas comemorações do centenário da entidade.

Chip é lançado

A milésima reunião abriu espaço para a demonstração de mais um programa de introdução à rastreabilidade bovina. No pavilhão de Medidas Morfométricas da ABCZ, a empresa Brazilian Research & Technology Ltda implantou chips eletrônicos em um grupo de bovinos.

O aparelho funciona através de rádio frequência permitindo a leitura e gravação de dados sem contato físico ou campo visual com o animal a ser identificado.

O programa possibilita armazenamento e atualização das informações no bovino, através do dispositivo chamado transponder.

2001

Uma Odisséia na Nova Delhi

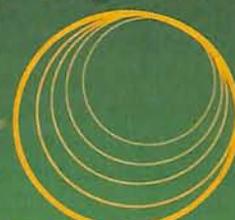
De Araci a Ufana ND - 60 gerações!

1906 a 2001

OM - Akasamu - Padhu



Antonio F. Tarzan



TRANSMISSÃO AO VIVO

CANAL **RURAL**

a partir das 13:00h.

Fone para cadastro:
(71) 450.4455



REMOTA ND

Grande Campeã da raça na Fenagro,
Expo Rural, Expo-Feira 2000,
Campeã e reservada Grande
Campeã na Expo-Vitória 2000.

UFANA ND

Campeã Novilha Menor
e Grande Campeã
da Expo-Jequié 2001

16º Leilão

Nova Delhi

8 de setembro - Local: BR 116, km. 14 - Horário: 10:00h - Feira de Santana-BA

"TARZAN abre a porteira para vender fêmeas e machos fechados nas linhagens OM-AKASAMU & PADHU."

PATROCÍNIO



ORGANIZAÇÃO



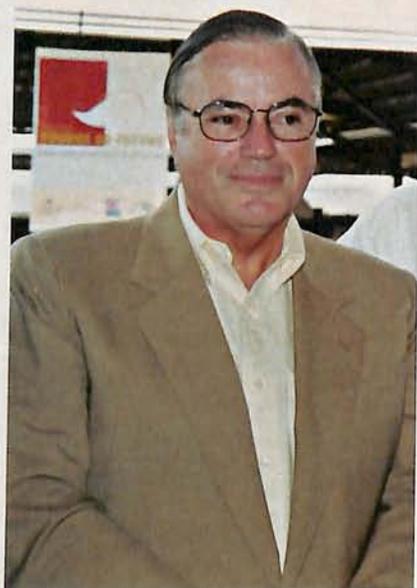
BAHIA
LEILÕES

Informações e Reserva:
(71) 312.5161 ou 450.4455

Desafio do Brasil é saber vender produtos

O maior desafio do setor agropecuário do Brasil não está na produção. Quem garante é o ministro da Agricultura, da Pecuária e do Abastecimento. Pratini de Moraes defende que os produtos verde-amarelo toda a garantia necessária para disputar, com chances de ganhar, um bom lugar ao sol, no mercado internacional.

Para garantir uma posição em mercados ricos e carentes do produto brasileiro, é preciso ser agressivo no marketing, pondera o ministro. Só uma campanha bem feita poderá convencer os compradores de que os produtos oferecidos pelo Brasil têm qualidade e sani-



dade "Nossa qualidade é indiscutível", afirma Pratini.

O ministro revela que até outubro será revelada a estratégia do Mi-

ABCZ: Na Expozebu 2000, o senhor afirmou que o Brasil seria o maior exportador de carne do mundo em um prazo de cinco anos. Esse prazo poderá ser alterado?

Pratini: Seremos o maior exportador de carne do mundo em um prazo de cinco anos. Razões não faltam para fundamentar esta afirmação. Temos o maior rebanho bovino comercial do planeta com mais de 160 milhões de cabeças, dos quais 80% estão livres da febre aftosa, e produzimos com qualidade, sanidade e preservação ambiental. Apesar de todas as barreiras, o Brasil é o terceiro exportador de carne bovina, só perdendo para a Austrália e os Estados Unidos, e o segundo exportador de carne de frango, ficando atrás ape-

nas dos norte-americanos. A União Européia é o maior comprador de carnes do Brasil, com 66% de participação no total exportado pelo Brasil de carne bovina "in natura", 63% do total de frango industrializado e 85% do total de carne de peru. Para atingir a meta proposta, insisto na necessidade de desenvolver um marketing internacional mais agressivo, apesar do Brasil ser reconhecido internacionalmente pelo trabalho de sanidade animal que desenvolve. As ações de prevenção e combate aqui adotadas servem, inclusive, de referência a países deste e de outros continentes.

ABCZ: Com os problemas de "vaca louca" e aftosa, os europeus

buscam alternativas à importação de carne. O marketing pode conquistar esse mercado?

nistério para implantar programas de rastreabilidade na pecuária de corte. Segundo ele, os programas até agora implementados de maneira independente não têm reconhecimento oficial. Para o ministro, as barreiras fitossanitárias são mais prejudiciais do que as barreiras alfandegárias.

Pratini de Moraes também fala da sua satisfação ao receber em maio último durante a Expozebu, a comenda "Mérito ABCZ Internacional". "Ser homenageado por uma entidade do porte da ABCZ, pelo cumprimento de uma ação governamental, honra qualquer homem público."

Pratini: O maior desafio da agricultura e da pecuária do Brasil não está na produção e sim na comercialização. Nossos produtos têm a garantia da qualidade para concorrer no mercado internacional. É evidente que um marketing mais agressivo nos ajudará em muito para reafirmar, por exemplo, a qualidade e sanidade de nossas carnes, que são indiscutíveis. O Brasil pode competir em termos de produtividade, qualidade e sanidade com os Estados Unidos e a Europa, mas não com os Tesouros de Washington ou Bruxelas. Os países gastam um bilhão de dólares por dia em subsídios às exportações

agropecuárias. Isso baixa o preço dos produtos no mercado internacional, prejudicando as exportações brasileiras. E na atualidade, as barreiras fitossanitárias são mais prejudiciais do que as barreiras alfandegárias. Com elas, manipula-se o comércio em função dos interesses dos produtores locais, sem qualquer argumento racional. Se os produtos agropecuários brasileiros continuarem encontrando barreiras para entrar nos Estados Unidos ou Europa, o Brasil bloqueará a rodada de negociações da Organização Mundial do Comércio (OMC), programada para novembro próximo no Qatar, e abandonará as negociações bilaterais. O Brasil não está disposto a abrir sequer mais um milímetro em seus mercados ou negociar se o comércio internacional não se comportar como uma via de mão dupla.

ABCZ: Muitos defendem a implantação da rastreabilidade e a criação da grife da carne no Brasil. Qual é a posição do Ministério sobre isso?

Pratini: Os programas de rastreamento até então implementados independentemente por alguns organismos, não têm o reconhecimento oficial. O Ministério está implementando um grupo de trabalho para elaborar num prazo de 90 dias a proposta do que será o sistema brasileiro de rastreamento de bovinos, para consolidar todas as propostas nacionais e atender, também, os requisitos internacionais. Esse grupo será composto por técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), de entidades de classe de exportadores e coordenado pelo Ministério da Agricultura e do Abastecimento. Atualmente, o Brasil atende aos requisitos europeus referentes a rastreamento com indicação no rótulo das carnes exportadas do país de origem e do estabelecimento

produtor.

A partir de 2002 esses requisitos serão ampliados. Os estudos preliminares demonstram que o sistema brasileiro a ser implementado terá condições de identificar o animal em toda a cadeia produtiva, desde a propriedade de criação ao estabelecimento de abate e industrialização, com sistema de identificação individual dos animais e com registros em todas as suas fases.

ABCZ: O mercado do leite vai passar por significativas mudanças, a partir do próximo ano. Quais as perspectivas para este segmento com a implementação das novas regras?

“As importações do leite vão cair pela metade em 2001”

Pratini: O mercado nacional de leite já vem passando por uma revolução técnica nos últimos seis anos. A granelização que se tornará obrigatória, depois de um determinado período de carência, já é uma realidade na maioria dos estados produtores do país. Algumas grandes e mesmo médias empresas brasileiras já estão com seu recebimento totalmente granelizado. As novas regras de inspeção e padronização do setor consolidarão um processo que já vem sendo implementado no setor privado. E as perspectivas para o produtor e para o país são muito boas. As nossas importações que já atingiram um volume de dois bilhões de litros há três anos, estão sendo reduzidas pela metade em 2001.

ABCZ: Quem não se moderni-

zar corre o risco de “fechar as portas” no setor leite e carne?

Pratini: A modernização é imperiosa em todos os setores da economia e não poderia ser diferente na pecuária leiteira. A nova legislação a ser implementada concederá um prazo de carência para a adaptação dos produtores, prazo esse que será maior para as regiões Nordeste e Norte do país. Além disso, o governo federal mantém linhas de financiamento a taxas de juros de 8,75% ao ano para a modernização do setor: o Proleite financia a aquisição de tanques de resfriamento, ordenhadeiras mecânicas e outros equipamentos; o Prosolo financia a renovação de pastagens e a aquisição de calcário.

ABCZ: O senhor tem-se mostrado o ministro que mais agradou ao produtor rural nos últimos governos. Mas ainda há um descontentamento no setor leiteiro, principalmente quanto à política de preços pagos nas fazendas. Muitas chegam a dizer que “não vendem leite” mas apenas “entregam o produto” para, depois, receber por ele um valor que não fora conhecido antes. O que o senhor pensa fazer para mudar esse quadro?

Pratini: Essa é uma discussão que envolve fundamentalmente o mercado e seus agentes, industriais, cooperativas e produtores. Acreditamos que as cooperativas são importante instrumento de negociação dos produtores para exigir uma melhor remuneração do seu produto. Uma possível cartelização ou exercício de pressão pelos compradores em cima dos produtores deve ser sempre denunciada ao Cade e a Secretaria de Direito Econômico.

ABCZ: O senhor acredita que em curto prazo a produção poderá aumentar a ponto de suprir o mercado interno e gerar excedente para exportação?

Pratini: Não temos a menor dú-

vida da capacidade do criador brasileiro de produzir para o consumo interno e exportar. Na verdade, isso só não acontece hoje devido ao fato da produção e comercialização de lácteos no mundo, sobretudo na Europa, mas também nos Estados Unidos ser fortemente subsidiada. Não tenho dúvidas em afirmar que no momento em que esses subsídios, pelo menos diminuam seus valores de hoje, o Brasil será um exportador do produto.

ABCZ: Com a certificação do Circuito Pecuário Leste como zona livre de aftosa, quais são as perspectivas para a pecuária nacional?

Pratini: O Circuito Pecuário Leste tem um rebanho de 63 milhões de cabeças de gado. A medida beneficia os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Sergipe. O Escritório Internacional de Epizootias (OIE) também reconheceu como livres de aftosa com vacinação as zonas-tampão do Mato Grosso do Sul, Tocantins e partes de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. A decisão da OIE amplia o acesso do Brasil a novos mercados. A partir de agora o Circuito Leste está habilitado a exportar carne bovina para a industrialização, ou seja, aquela que é processada no país importador. Com a declaração da OIE, o Brasil passa a ter a maior parte do seu rebanho de 164 milhões de cabeças de gado em áreas livres de aftosa com vacinação. No total, 116 milhões de bovinos estão em zonas classificadas nessa situação.

ABCZ: Quase seis meses depois, o que se pode dizer sobre o embargo do Canadá à carne brasileira: o Brasil ganhou ou saiu perdendo?

Pratini: O embargo canadense foi fundamentado numa crise de riscos teóricos. A capacidade competitiva do Brasil no exterior foi um dos motivos que levaram o Canadá

a restringir a importação de carne bovina brasileira. Não é a primeira vez que o Brasil enfrenta esse tipo de dificuldade ao entrar no mercado internacional. Problemas similares já ocorreram em relação às exportações de sapatos, café solúvel, aço, papel celulose e aviões da Embraer. Daquele episódio, alguns fatos ficaram bem claros para toda a comunidade internacional: os canadenses lançaram a suspeita infundada sobre toda a América do Sul, nossos produtos não saíram das gôndolas dos supermercados americanos e o boicote não teve repercussão na União Européia. A retaliação foi evidente contra a presença da Embraer no mercado aeronáutico. A qualidade dos aviões brasileiros incomoda a Bombardier. O Brasil negocia com os Estados Unidos a ampliação das vendas de produtos bovinos, especialmente de carne "in natura". Com a crise forjada da "vaca louca", o Brasil registrou um prejuízo de US\$ 2 milhões ao deixar de exportar carne bovina somente para os Estados Unidos. Não houve nenhum embargo da Europa à importação de carne brasileira. A arbitrária e infundada medida anunciada pelo Canadá contra o Brasil não influ-

enciou, em nenhum momento, a tomada de decisão dos países europeus, cuja análise é feita a partir do mérito próprio da situação e não por influência induzida de uma ação externa. Nosso país está preparado para enfrentar a concorrência internacional com tranquilidade, competência e seriedade. Não há dúvida que o governo canadense baseou-se em riscos teóricos para respaldar sua decisão de vetar as importações de carne bovina brasileira. Não há outro exemplo na história do relacionamento entre nações de uma medida sequer similar. A decisão foi totalmente descabida e injustificável. Saímos fortalecidos de uma situação forjada.

ABCZ: O que o senhor achou de ser condecorado com o Mérito ABCZ Internacional?

Pratini: Ao ser condecorado com o Mérito ABCZ Internacional 2001, vivi um momento de grande satisfação. Ser homenageado por uma entidade do porte da ABCZ, pelo cumprimento de uma ação governamental, honra qualquer homem público. Para mim, foi um estímulo para continuar dialogando e trabalhando com os produtores do nosso país.



Pratini, com a família e diretores da ABCZ, durante a entrega do Mérito ABCZ 2001

TABAPUA

NATIVA

O lado nobre da
precocidade.



ABCT

Associação Brasileira dos Criadores de Tabapua
Pça. Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 Bl. 1 - Uberaba MG
Tel/Fax: (34) 3336.2410 - Tel.: (34) 3319.3893
e-mail: tabapua@terra.com.br
www.tabapua.org.br



MARIA H. DUMONT ADAMS
Tel: (16) 3662-3215 (fazenda)
Tel: (16) 3761-4596 (a noite)
Batatais, SP
morada@netsite.com.br



FAZENDA MUCURI
NILO CAIADO FRAGA
Tel: (33) 3799-0020 - (33) 3621-2115
Nanuque, MG



TABAPUA
ONDA VERDE
NELINHO GUIMARAES
Padre Bernardo, GO
(a 30 km de Brasília)
Fone Fax: (61) 633.1102
Fone Esc.: (61) 240.6330



FAZENDA COPACABANA
EDGARDO PEREIRA RIBEIRO
Tel/Fax: (44) 622-1107
Fax: (44) 632-1206
Umuarama, PR



PARQUE
DAS VACAS TABAPUA
WAGNER MIRANDA
Tel: (62) 9853-1205
Fax: (62) 281-9740
Trindade, GO
Paraina, GO

Parquedasdascas@tabapua@hotmail.com



OTAVIO O. DE CARVALHO
Tel: (75) 420-2113
Tel: (71) 244-0113
Entre Rios, BA



M DO FLOR
TABAPUA
FAZENDA FLOR DE MINAS
MAXIMO A. BOSSI E FILHOS
Tel: (33) 3522-5626
(33) 3799-3499
Malacacheta, MG



FAZENDA
Jatobá
MONICA R. ORTENBLAD
R. GALVAO
Tel/Fax: (11) 3816-5955
Uchôa, SP
galvao@equity.com.br



SÃO JOSÉ DAS PALMEIRAS
DORIVAL R. ORTENBLAD
Tel: (11) 3082-7329
Tel: (11) 3082-3538
Icem, SP



AGROP. ESTANCIA
HORADA DO SOL
CLAUDINEI SOARES DIAS
Tel/Fax: (18) 254-1134
Iapo - SP
csdsol@uol.com.br



Jangada
ALBERTO GIOCONDO
Tel: (43) 252-1088
Fax: (43) 252-3103
Arapongas, PR



FAZENDA BIRIGUI
ARMANDO VISIOLI
Tel: (45) 223-6381
Fax: (45) 225-0123
Vera Cruz do Oeste - PR
visioli@cerito.com.br

ABCZ firma convênio de R\$ 360 mil com Mapa

A ABCZ vai investir na melhoria do sistema de Registro Genealógico e no Programa de Melhoramento Genético das Raças Zebuínas (PMGZ), através de convênio com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. O custo total do projeto é de R\$ 360 mil, sendo R\$ 60 mil de contrapartida da ABCZ e o restante do ministério.

De acordo com o presidente Rômulo Kardec de Camargos, o objetivo do programa é contemplar ações que vão melhorar o fluxo de dados (desde a coleta até as informações que serão passadas aos pecuaristas),

atendendo criadores que estão inseridos no sistema de Registro Genealógico e das provas zootécnicas que compõem o PMGZ. "Conseqüentemente, serão beneficiados outros segmentos da produção animal, dependentes do melhoramento genético gerado nos estratos superiores da população zebuína", completou.

As raças zebuínas contribuem com 80% da produção de alimentos de origem bovina, graças a sua capacidade de adaptação às condições climáticas e topográficas do país. Desde 1938, a ABCZ, por delegação do Ministério da Agricultura, é responsável pelo Registro Genealógico e Provas Zootécnicas. E a ABCZ, destaca Rômulo Kardec, tem cumprido esse papel de forma ininterrupta e sistemática, repre-

sentando legitimamente o ministério perante a sociedade, com o objetivo de preservar, estimular e melhorar as raças zebuínas.

"O desenvolvimento de novos produtos que atendam à demanda crescente por informações mais rápidas, eficientes e economicamente viáveis estão exigindo da ABCZ redimensionar seus recursos computacionais e de tecnologia de tratamento de dados, inserindo-a,

assim como aos usuários de seus produtos, na moderna economia de mercado", diz Rômulo Kardec, justificando o convênio com o Ministério da

Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

O investimento prevê desenvolvimento de software para modernização do cadastro de registro genealógico, das provas zootécnicas e do banco de dados, coleta, cadastramento e análise de dados de prova zootécnica (controle de desenvolvimento ponderal e prova de ganho de peso). Está previsto também, a publicação do Sumário de Touros das Raças Zebuínas, elaborado em conjunto com a Embrapa/Gado de Corte e contratação de consultoria para a realização das avaliações genéticas dos animais jovens, vinculados ao arquivo zootécnico da ABCZ. A contrapartida da entidade é a publicação do livro institucional da ABCZ.

O custo total do projeto é de R\$ 360 mil, sendo R\$ 60 mil da ABCZ

Novo presidente será empossado dia 29 de agosto

A segunda metade do mês de agosto marca o final da gestão Rômulo Kardec de Camargos na presidência da ABCZ, no triênio 1998/2001. No dia 14 de agosto, os associados da entidade no Brasil e exterior vão escolher quem vai estar à frente da maior organização ligada à pecuária do mundo. Apenas uma chapa concorre ao pleito, encabeçada pelo médico e pecuarista José Olavo Borges Mendes. O candidato já dirigiu a ABCZ de 1995 a 1998, e destacou-se como um presidente arrojado e moderno, que ganhou apoio dos criadores de todas as raças zebuínas no país.

Também são candidatos o médico e pecuarista João Antonio Prata (1º Vice-presidente), Paulo Ferolla da Silva (2º Vice-presidente) e Jonas Barcellos Corrêa Filho (3º Vice-presidente). O mandato na ABCZ é de três anos, sem direito à reeleição.

Os associados podem votar por carta, ou pessoalmente, no dia 14, na sede da ABCZ em Uberaba. A posse da nova diretoria está marcada para o dia 29 de agosto, no Centro de Eventos ABCZ.

Conheça os diretores da chapa encabeçada por José Olavo Borges Mendes

Antônio Ernesto W. de Salvo, Arnaldo Manuel de S. Machado Borges, Arnaldo Prata Filho, Dirceu Azevedo Borges, João Machado Prata Jr, José Carlos Prata Cunha, Lourival Sales Parente, Luiz Humberto Carrião, Marco Túlio Andrade Barbosa, Nelson Rafael Pineda Rodrigues, Orestes Prata Tibery Júnior, Sílvio Castro Cunha Júnior, William Koury.

2º LEILÃO



ESTRELAS DA EXPOINEL

04 Outubro 2001 • Quinta-feira • 12h
Centro de Convenções ABCZ • Uberaba • MG

PARTICIPANTES

Agropecuária J. Galera
Antônio Luiz de Castro
Arnaldo Manuel S. M. Borges
Carlos Novaes Guimarães
Cláudio Fernando Garcia de Souza
Evaldo Rino Ribeiro

Fazenda Cachoeira
Grupo Camargo
Milton Luiz Pires E Outros
Oscar M. Leite de Barros
Rubens Catenacci

CONVIDADOS

Adir/Sylvio Profeta de Oliveira
Agropecuária Nrio
Aloisio Lessa Coelho
Antonio Paulo Abate
Aprigio Lopes Xavier
Benedito Mutran
Central de TE Santa Edwiges
COMAPI Companhia Agropastoril e Industrial Ltda
Estância Soamin
Jaguari Comercial e Agrícola
Jairo Dias (Agrop. JJ)

Java Empresa Agrícola S/A
José Olavo Borges Mendes
Júlio Roberto Macedo Bernardes
Lux Agropecuária
Márcio Mesquita - UNIMAR
Márcio Rezende Andrade
Marco Aurélio de Oliveira
Marcos Rezende Andrade
Marcos Marcelino de Oliveira
Rômulo Kardec de Camargos
Sérgio Casali Prandini

PATROCÍNIO



Soluções inovadoras para a Pecuária



Revista de 1982. 2ª edição (2001) 100
Anos de 1982 a 2001
www.publique.com.br - tel. 484000000



Telefone (47) 401.1082 - 9981.9755

ORGANIZAÇÃO



(43) 328.4200
(11) 3872.0420



Suplementação é oferecida para o complemento da nutrição do gado

Suplementação garante boa produção de carne e leite

Estudos comprovam que uréia mantém ganho de peso e boa produtividade leiteira, mesmo durante os períodos de seca

Marconi Lima

Levante a mão quem em alguma fase da vida não acreditou em "fantasias populares", como: beber leite e em seguida comer manga faz mal à saúde. É um mito como tantos outros que muita gente ainda conserva em relação à mistura de alimentos. Não é muito diferente da lida no campo. Muitos criadores ficam com o pé atrás, quando o assunto é a adição de uréia na ração do gado, ou em sais mineral ou proteinado. Em contrapartida, indústrias de laticínio têm usado uma

combinação entre a uréia e a cana-de-açúcar para manter o nível de produtividade alto, principalmente nas estações secas, quando o pasto não oferece os níveis de proteína suficientes para a alimentação do rebanho. Para o bovino de corte, ela é recomendada por especialistas para um ganho de peso com maior rapidez.

Estudos indicam que as pastagens oferecem níveis de proteínas entre 9% a 12% na época das chuvas. Nesse período o bovino pode ganhar até 800 gramas de peso

vivo, o que é considerado muito bom, na avaliação do professor de Nutrição Animal, Gilmar Ferreira Prado, da Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Uberaba. Já na seca, esse índice despenca para, algo em torno de 3% a 6%, podendo chegar a 2%, revela o professor.

“Há pesquisas que comprovam que o ruminante precisa de um valor mínimo de proteína bruta de 6,25%. Abaixo disso, o gado diminui a produção de carne e leite, não entra no cio, corre risco de perder peso e até mesmo morrer de fome”, alerta Prado. Uma das saídas encontradas para manter o gado em um bom nível de produtividade, seja de carne ou leite, é o uso da suplementação alimentar, uma recomendação de muitos especialistas em nutrição animal. Alguns estudos têm comprovado que o uso de uréia, adicionada à alimentação dos animais, de forma cuidadosa e com orientação de um engenheiro agrônomo ou zootecnista, tem bons resultados.

“Ela é uma fonte de nitrogênio, que somente o ruminante consegue transformar em proteína. É vantajoso o seu uso na alimentação do gado. No Brasil, no período seco seria praticamente impossível fazermos nutrição de ruminantes”, pondera o professor. Os primeiros sintomas dessa perda são bem característicos, mas podem variar de região para região, como o amarelamento do capim, que fica mais duro e até solta a semente. Porém, Prado chama a atenção para o momento correto de ministrar uréia para o gado. “Somente quando a pastagem estiver com um nível inferior a 6% de proteína”.

Sal mineral. Antes de servir ao gado o sal mineral com a uréia, por exemplo, é bom observar as medidas de cada um. “A recomendação é de 20% a 30% de uréia para cada quilo de sal. Em 100 quilos de sal mineral, usamos de 20 a 30 quilos de uréia”, ressalta Prado.

Se for usado sal proteinado (sal mineral adicionado com grãos), a proporção é diferente, orienta o professor Prado, de 5% a 15% de uréia. Os grãos podem ser milho, sorgo, farelo de soja, torta de dendê ou torta de babaçu. O tipo e a variedade dependerá de cada região. A Embrapa/Gado de Corte garante que a mistura múltipla (sal proteinado + uréia) possibilita ao criador diversas fontes de energia e

A uréia deve ser fornecida aos animais sob rigorosa orientação técnica

proteína natural. A vantagem é a continuidade do sistema produtivo, sem que ocorra o conhecido efeito sanfona, em que o gado ganha e perde peso.

Ração. A uréia ainda pode ser misturada com a ração do gado, seja no sistema de confinamento ou semi-confinamento, como explica Gilmar Prado. O índice de aplicação da proteína nesse caso é me-

nor, alerta o professor, varia de 1% a 3%. “No caso do semi-confinamento, é recomendável sua aplicação 60 dias antes do abate. A partir daí, o criador começa a dar a ração para o gado. Pesquisas comprovam que ela melhora o acabamento da carcaça, promovendo um melhor rendimento”, completa.

Cana com uréia. Nos períodos de estiagem, é indicado o uso de uréia com os chamados volumosos, cana-de-açúcar ou na silagem, conforme orienta Gilmar Prado. Agora, é preciso que o criador faça um planejamento da nutrição do rebanho, principalmente em função da seca, para não correr o risco de ficar sem comida para o gado.

A cana-de-açúcar, como atestam as pesquisas da Embrapa/Cerrados e Embrapa/Gado de Corte é uma excelente alternativa para melhorar a alimentação dos bovinos, pois é uma grande fonte de energia. E não pense que essa mistura é apropriada somente para corte, ela é importante na produção de leite, tendo inclusive, na virada dos anos 80 para os anos 90, a Leite Glória do Nordeste S/A e Fleischman Royal desenvolvido trabalho junto a criadores que forne-



A uréia pecuária aumenta a produção de carne e leite dos ruminantes, com menor custo

ciam matéria-prima para suas unidades industriais, incentivando o uso (cana + uréia), para manter em níveis normais a produção leiteira, mesmo durante a seca, por sinal com ótimos resultados. O projeto foi executado, com grande ênfase no Nordeste, que normalmente enfrenta longos períodos de estiagem.

Na primeira semana de aplicação da mistura (cana-de-açúcar + uréia), a Embrapa recomenda uma proporção de 0,5% de uréia em cada 100 kg de cana triturada. A uréia deve ser dissolvida em quatro litros de água, logo depois colocada em um regador e despejada sobre a cana. Depois da adaptação, a medida pode ser aumentada para 1%.

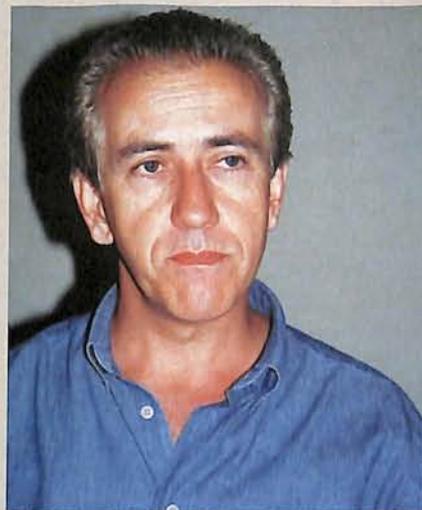
Tóxica. Muitos questionamentos são formados em torno do uso da uréia, mesmo com a recomendação de especialistas e com pesquisas confirmando sua eficiência na alimentação do gado. É provável que o manejo errado tenha gerado experiências amargas, com a perda de algumas cabeças.

Se alguns cuidados forem observados e o criador buscar a orientação correta, os resultados podem

ser diferentes, e para melhor. "Nunca podemos oferecer uréia para um animal que está com fome. Ela é muito concentrada. Primeiro, é preciso tratar a pasto e mineralizar o animal. Tem produtor que dá ao animal somente uréia, o ruminante vai morrer. A uréia bem ministrada para animais sadios, com nutrição balanceada, não há problemas", garante Prado.

Dentre os cuidados, está a dosagem da mistura. A uréia não pode ser dissolvida em água para ser bebida pelo ruminante. Ele pode comer uma mistura com uréia e beber água limpa em seguida. É comum em épocas de chuva formar poças d'água nos cochos onde é servido a suplementação. A uréia se dilui no líquido, o boi ingere uma quantidade de uréia maior que a recomendável, e morre.

Muito se fala que a vaca que come qualquer mistura com uréia, vai abortar. "Não tem problema nenhum. Nós trabalhamos em propriedades com cana e uréia para vaca de cria em período seco e não tem havido problema nenhum de reprodução", testemunha o professor. "O que pode causar problema



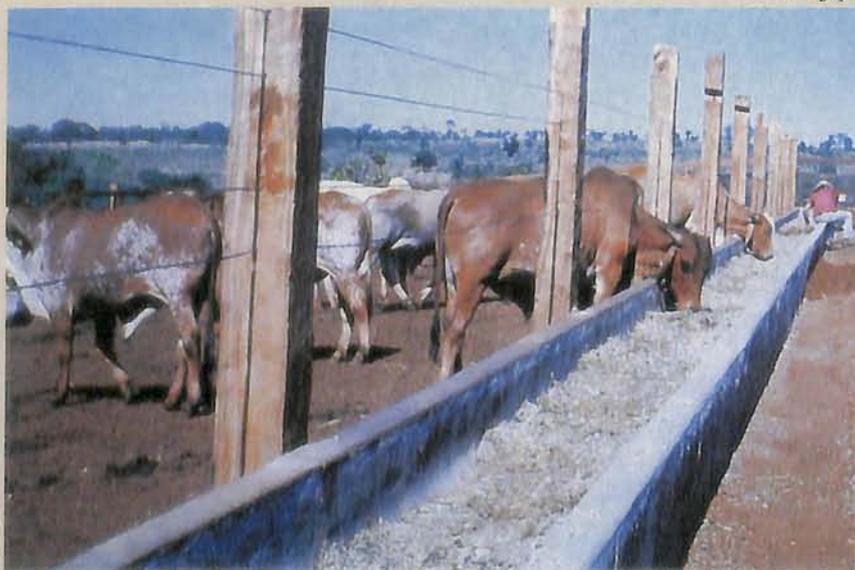
Prado: sem problemas com a uréia

é o excesso de uréia, mas se ela for aplicada nas doses certas, não há prejuízos. Se o animal abortar, é porque o criador errou no manejo", reforça.

Cocho. É importante o pecuarista estar atento também ao tamanho do cocho em relação ao número de animais em alimentação. "Sal mineral mais uréia, é preciso um espaço de quatro centímetros para cada animal adulto. Com 100 bois no pasto, quatro metros de cocho. Para sal proteinado, sobe o tamanho para oito centímetros. Na ração, o espaço é de 30 cm por boi. Confinamento, 60 cm", orienta o professor.

Pesquisas têm comprovado a eficiência da uréia na suplementação alimentar do gado, porém, como toda nova tecnologia que chega ao campo, é sempre recomendável que o pecuarista antes de aplicá-la procure um profissional que possa acompanhar o manejo e os resultados obtidos com o uso da proteína. Não há um receituário comum, aplicável em todos os casos, cada rebanho tem as suas necessidades, dependendo da região em que esteja. Somente um zootecnista ou engenheiro agrônomo pode avaliar qual a melhor maneira de utilizar a uréia.

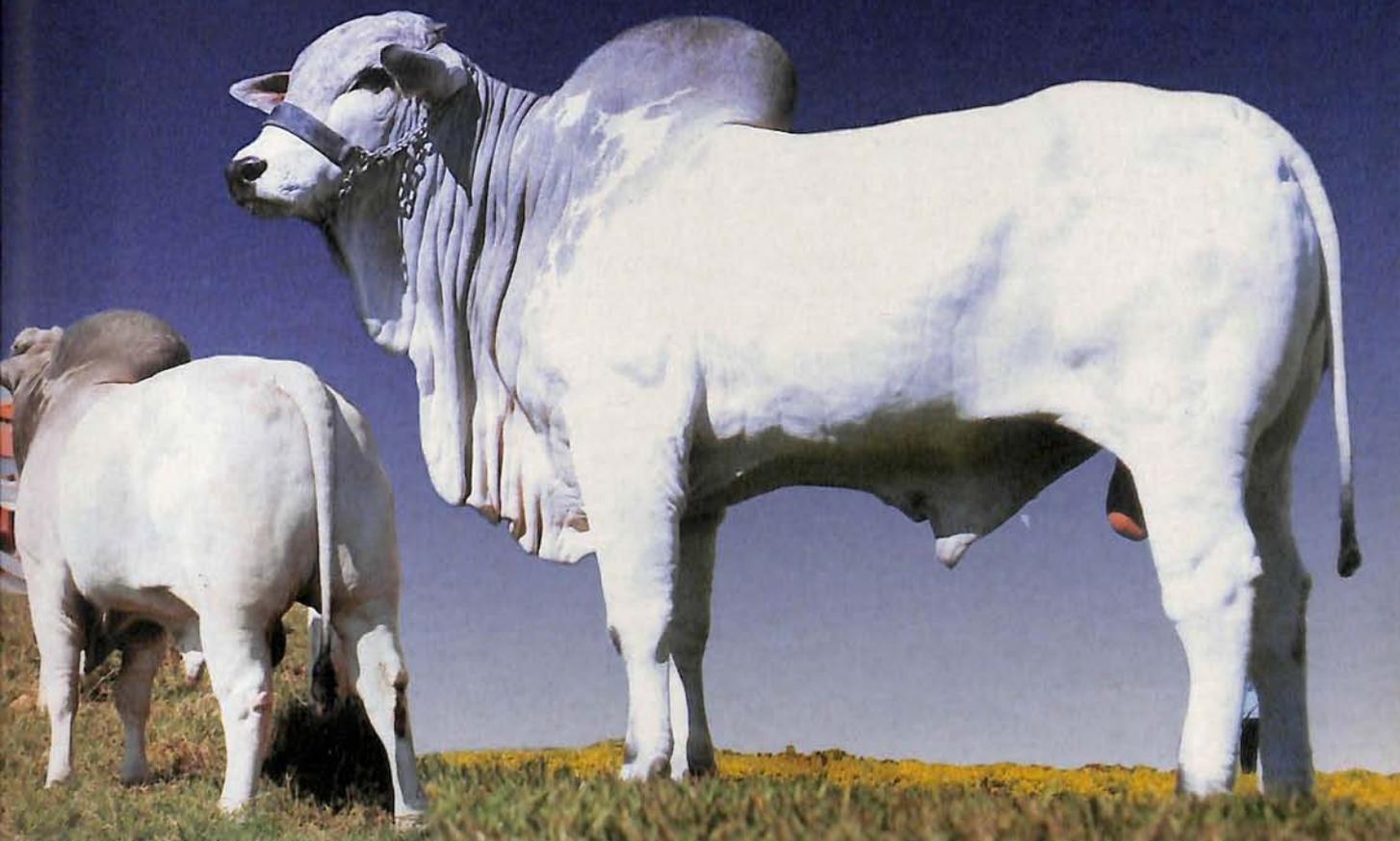
Divulgação



Gado se alimenta em cocho onde foi servida a uréia com milho e sorgo granífero

CANAL DA 3 ILHAS

NELORE/MOCHO



PERFORMANCE INDIVIDUAL PROVA DE GANHO EM PESO - 1997 Instituto de Zootecnia - Sertãozinho - SP

Peso aos 210 dias (Kg)	235,3
Peso inicial da prova (kg)	330,0
Peso final da prova (kg)	446,0
Ganho diário após adaptação g	1036,0
Índice de ganho diário (%)	146,1
Peso padronizado aos 378 dias (Kg)	409,3
Índice de peso aos 378 dias (%)	125,9
Índice de desempenho na prova (%)	139,3
Diferencial de seleção (Kg)	84,1
Classificação	ELITE

TESTE DE PROGÊNIE

Variável	Média	Mínimo	Máximo
P240	199,85	162,30	240,90
IP240	101,87	82,70	122,80

GIM DE GARÇA

Ludy de Garça

HOMESSA DE GARÇA

RANCHEIRO DA BV

Amaralina

SECRETA DA GR

Nasc. 13 08 96 - HA-8706

Peso em coleta - 1050 Kg

Medidas Corporais

Alt. Anterior: 162 - Posterior: 172

- Comp Corpo: 196 - Per. do

Torax: 239 - Circ. Escrotal: 45

Criador: Cecílio Aneas Filho - Venda de Sêmen - Fone: (18) 217-2670

A pasto desde a origem, Lemgruber adotou a “capital do zebu”

Seleção mantém-se desde 1878 sem artificialismo



Nelore da linhagem Lemgruber pasta em novo domicílio, depois da mudança da “Mundo Novo” de Brotas para Uberaba

Luciano Bitencourt

A seleção é fechada e o rebanho alimentado exclusivamente a pasto desde a origem. O gado é criado solto e sem qualquer artificialismo. Os recursos adicionais de alimentação empregados são a mineralização e o complemento com proteinado (vegetal) em épo-

cas estratégicas. Critérios de criação, que poderiam ser atribuídos ao “boi ecológico” ou “natural” —tanto em voga no mercado e na mídia atual—, são aplicados há mais de um século no rebanho nelore da linhagem Lemgruber, que, a partir deste ano, estará com 3.600 exemplares nas pastagens de Uberaba, a “capital do zebu”.

Na seleção a pasto, os animais ocupam uma extensão de 3.360 hectares, onde em 90% da área a predominância é de capim brachiária. O empreendimento, que agora recebeu o nome de fazenda “Mundo Novo de Uberaba”, é re-

sultado de uma visão de mercado que há mais de 20 anos é levada a cabo pelo engenheiro-agrônomo Eduardo Penteado Cardoso. “Produzimos um animal que tem um custo de alimentação variavelmente baixo, que possui, através da seleção, um temperamento calmo e que alia outras características como rusticidade e fertilidade”, afirmou Cardoso. Ao lado do irmão, o também engenheiro-agrônomo Fernando, Eduardo controla o condomínio Cipec Agropecuária —responsável pela administração da fazenda.

Eduardo considera que investir

nesse perfil produtivo, mais do que uma paixão, é um compromisso com a realidade e o futuro da pecuária brasileira. “Nosso objetivo é viabilizar cada vez mais a atividade, sem nos esquecer de adequar a rotina do produtor ao bem-estar do animal”, disse.

Seleção. O objetivo do grupo é manter a média de nascimentos de 1.000 a 1.200 animais, entre machos e fêmeas, por ano. Do contingente de machos, cerca de 600, serão selecionados dez touros para cobrir 300 novilhas, criteriosamente escolhidas na outra metade das crias.

As avaliações, cerca de 20 mil anuais, para se chegar aos melhores exemplares são feitas desde o instante do nascimento dos animais. Um dos principais crivos nesse processo de seleção é a Prova de Ganho em Peso (PGP) da

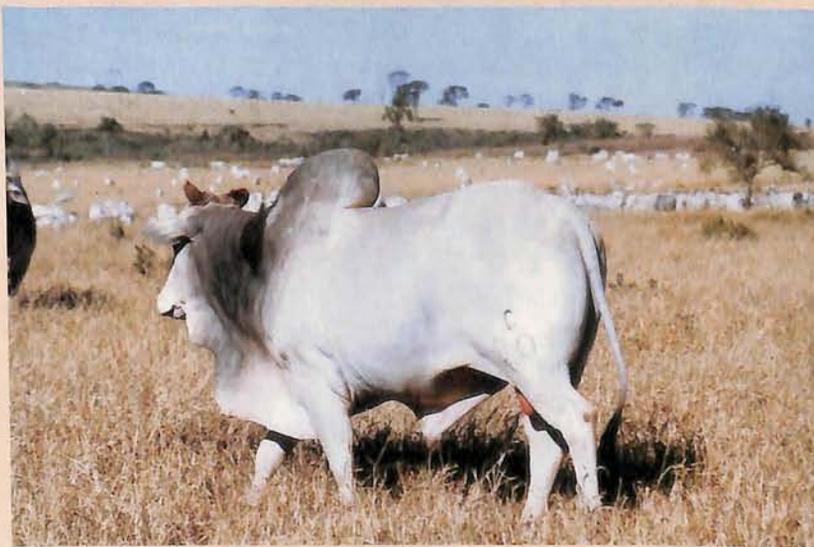
ABCZ, que recebe anualmente 400 bezerros da Mundo Novo. Devido à quantidade de animais, as provas são divididas em oito, com 50 exemplares cada. Nas provas, a diferença de idade entre um animal e outro não passa de 15 dias. A comparação dos resultados é feita entre os participantes de cada prova entre si. A eleição dos dez melhores touros, salientou Cardoso, tem como base a escolha dos elites da PGP, ou dos animais que alcançaram o superior da elite. “Um dos critérios na seleção dos touros é que os filhos sejam melhores do que os pais”, explicou. Em busca de um bezerro exemplar, 209 vacas da fazenda estão prenhes do “1646” —o Charuto—, o touro que

mais vendeu sêmen na história da Lemgruber.

Em se tratando de fêmeas, a seleção da Mundo Novo conta também com a precocidade, uma vez que novilhas de um ano de idade já

O objetivo do grupo é manter a média de nascimentos de 1.000 a 1.200 animais por ano

são entouradas. “Os índices não têm sido satisfatórios, mas esse é um dos principais trabalhos que iremos desenvolver em Uberaba”, alertou Eduardo Cardoso. O critério de seleção da fazenda Mundo Novo é calcado, entre outros, em quatro princípios: adaptação ao



Touro Lemgruber, criado a pasto

ambiente; fertilidade; aptidão (fidelidade econômica) e preservação da raça (padrão racial). Esses procedimentos seguem a orientação dada pelo geneticista sul-africano J. Bonsma.

Nelore x nelore. Ao enfatizar o cruzamento industrial do nelore

x nelore, Cardoso disse que a linhagem Lemgruber é uma das grandes alternativas para se conseguir uma boa heterose entre zebuínos, inclusive para aqueles destinados à pista. Essa característica, ressaltou o pecuarista, foi uma das vantagens de manter um rebanho fechado. Segundo ele, na linhagem fechada obtêm-se uma hereditariedade maior e menor segregação mendeliana (que é a variabilidade na progênie). “Acredito que, assim, o animal transmite com maior segurança aquilo que ele é”, concluiu.

O plantel da fazenda Mundo Novo, uma propriedade adquirida pelo grupo Manah em 1968, em Brotas (SP), foi transferido para o Triângulo Mineiro: o local é equidistante 50 quilômetros de Uberaba e de Uberlândia, num corredor da BR-050 que já é considerado a “Avenida Paulista” das raças zebuínas. Eduardo Cardoso argu-

mentou que, além de Uberaba ser a meca do zebu e ter uma localização estratégica, os pastos da região são formados por brachiária, o preço das terras é menor que o de São Paulo. Pesou também a infraestrutura disponível (estradas, comunicações, energia e outros), um item, segundo Eduardo, favorável ao acesso

dos clientes e à mão-de-obra especializada. No investimento, foram destinados cerca de R\$ 8 milhões para a compra e reforma da fazenda em Uberaba, compra de maquinário, aquisição dos animais (transferência de registros genealógicos) e divulgação.

O agronegócio do leite em Goiás e sua influência no Brasil

Em meados da década passada, o cerrado brasileiro experimentou um grande aumento na produção de leite. Goiás, epicentro desse movimento migratório para o Oeste, teve mais que duplicados os níveis de produção e de produtividade.

Após décadas de estagnação, o setor caminha célere para a modernização tecnológica, provocando uma verdadeira revolução no agronegócio goiano e reflexos profundos no Sistema Agroindustrial do Leite (SAL) brasileiro.

Alguns dados atestam a efervescência por que passa o setor: a produtividade média das vacas pulou de menos de 1.000 litros/lactação para mais de 2.000 litros/lactação; o número de ordenhadeiras mecânicas instaladas saiu de quase zero para cerca de 10 mil e o transporte a granel do leite resfriado na propriedade estará concluído até meados de 2002, num processo que se iniciou há menos de três anos.

Para dar suporte à atividade, foram implantados laboratórios de controle de qualidade de leite e de produção. Também foram realizadas equalizações tributárias com outros estados e fomentados investimentos no setor. Consolidou-se uma forte ação política contra o leite importado com *dumping* e subsídio. Governo do Estado e setor privado trabalham hoje em perfeita sintonia.

A organização dos produtores pelas lideranças do setor potencializou mudanças, que se concretizaram na utilização de tecnologias de produção e de métodos gerenciais cada vez mais eficientes, com reflexos altamente positivos sobre a qualidade e o custo de produção da matéria-prima mais importante do SAL.

Todas essas mudanças continuam a ocorrer com intensidade e passam a influenciar decisivamente todo o mercado de leite, seja através da exportação do produto resfriado para os outros estados, seja pela venda de produtos industrializados. Afinal, Goiás consome apenas cerca de 10% do leite que produz, e guardadas as proporções, está para o Brasil como a Nova Zelândia está para o mundo.

Essa ocorrência é salutar para o país e para a sociedade, num regime democrático e de livre iniciativa e tem feito com que o processo de profissionalização do setor ocorra num ritmo acelerado, mesmo com a dolorosa exclu-

são de alguns pouco eficientes, desavisados, amadores ou incrédulos.

O modelo de organização dos produtores, com forte politização e criação de cooperativas de comercialização reunidas numa central, já é seguido por outras regiões do país.



*Leonardo Moura Vilela

Com todo esse nível de entropia, de reorganização do SAL, o Brasil reduz significativamente a dependência do leite importado e caminha para se tornar também um exportador de produtos lácteos, dada a possibilidade de algumas regiões conseguirem produzir a um custo de US\$ 0,14 a US\$ 0,15 o litro, ao nível da Nova Zelândia e Austrália. Faz também com o que o setor sofra o mais rápido e drástico processo de modernização que se tem notícia.

Com isto, o SAL deixa de ser o "patinho feio" do agronegócio nacional, colocando-se em igualdade de condições com outros setores agrícolas e pecuários mais desenvolvidos e fazendo jus a uma das mais importantes cadeias produtivas do país.

Leonardo Vilela é médico pediatra, produtor de leite e secretário de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Goiás.

*Goiás está para
o Brasil como
a Nova Zelândia está
para o mundo*

Nelore Mocho é



PONTUAL PROPAGANDA

1º Leilão GR Primavera

13 setembro de 2001
20 horas

Recinto de Exposição
Presidente Prudente/SP

17º Leilão GR

Há 37 anos desenvolvendo produtividade.

Elite

14 setembro de 2001
20 horas

Estância GR
Presidente Prudente/SP

Apoia



Transmissão



Análise de solo evita perda de pastagens

Marconi Lima

Em um país que tradicionalmente cria o seu rebanho bovino a pasto, o criador precisa se precaver para manter, durante a maior parte do ano, grande oferta da principal fonte de alimentação dos seus animais. Durante alguns períodos do ano, as geadas e a seca costumam castigar o capim, escasseando-o, quando não eliminando-o por completo. Mas, parte da culpa pelas perdas não deve ser creditada somente às ações do tempo, mas também ao homem que deixa de tomar certos cuidados que poderiam muito bem evitar essas situações, como bem analisam alguns especialistas no assunto.

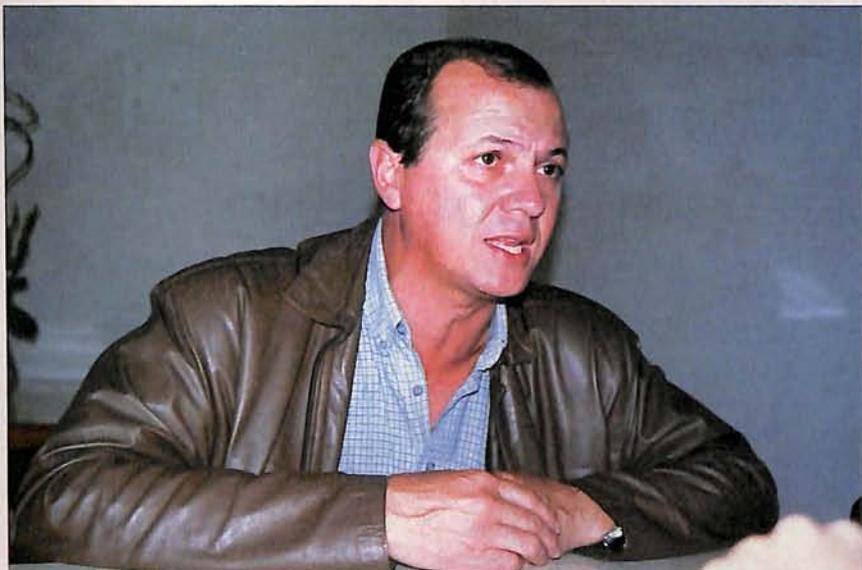
Durante o inverno, que termina em setembro, uma das principais preocupações dos criadores é

com a formação de geadas, principalmente em regiões mais frias. "As geadas queimam as folhas tornando-as sem atrativo para os animais. Áreas freqüentemente atingidas por geadas não devem ser cultivadas com gramíneas forrageiras tropicais. Mas, os locais da pastagem onde ela possa ocorrer, podem ser pastejados com o auxílio de uma cerca elétrica nos dias anteriores à chegada das frentes frias previstas pela meteorologia", orienta o professor José Antonio Obeid, da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mas, ele alerta que a produção de forrageiras tropicais no período seco, como alternativa para combater a falta de alimento (o pasto), é inviável para a maior parte do país, pois depende de temperatura elevada e da disponibilidade de ir-

Para manter o pasto em períodos de geada ou seca, em muitos casos, soluções simples são a melhor alternativa



No frio, o pasto deixa de atrair o gado; um especialista recomenda a instalação de uma cerca elétrica para evitar ainda mais perdas



Porto: aproveitar o que de melhor tem a fazenda

rigação. O médico veterinário, José Luiz Porto, especialista em nutrição animal, afirma que alguns manejos são essenciais para manter a vitalidade do pasto. Por exemplo, é inadmissível a utilização de queimadas, prática condenada por causar empobrecimento do solo, mas que teimosamente ainda são utilizadas na pecuária brasileira com a desculpa de ser um método mais rápido e barato para a formação de novas pastagens. “É preciso respeitar a planta e, para respeitá-la, é preciso respeitar o solo. E como fazer isso? Com matéria orgânica, para manter o solo coberto, e a umidade”, responde Porto. Com a matéria orgânica, o sol não penetra violentamente no solo e evita-se a compactação. Dessa forma, as raízes da planta vão-se aprofundar ainda mais e dar um maior teor de vida à pastagem”, comenta Porto.

Antes de pensar em adubação ou no plantio das gramíneas, é bom que o pecuarista se certifique de como está o solo.

Uma análise criteriosa é que vai determinar quais ações serão as mais adequadas para o local onde será formado o pasto. Muitas vezes pequenas correções precisam

ser feitas, lembra Porto, com a utilização de calcário, dependendo de quais as reais necessidades do terreno, até mesmo para que se tenha idéia de que tipo de calcário será aplicado. Se o magnésio estiver baixo, recomenda-se o uso do calcário dolo-mítico. Se estiver médio ou alto, pode ser o calcítico. “Isso é muito importante, pois tem muito criador que joga o calcário no solo, sem saber como está o magnésio”,

*“Adubo não faz milagre,
quem faz milagre
é a natureza”, avalia
especialista*

alerta. Ah, é bom que o pecuarista defina o que quer fazer na pastagem, se é uma reforma ou uma recuperação. No primeiro caso, é melhor que seja feito, diz José Luiz Porto, quando há pelo menos 30% de plantas invasoras no local. Mas, se o problema for compactação, é recomendável um descanso de três

a quatro meses, de agosto a dezembro, deixando a planta fazer um ciclo completo, para que a planta deposite matéria orgânica no solo.

Na recuperação do solo, Porto afirmou que trabalha com adubação de cobertura, mas para ela funcionar, é preciso a presença de matéria orgânica.

Adubar. A velha expressão “cada caso é um caso”, bem que se aplica para a formação, reforma ou recuperação das pastagens, quando o assunto é adubação. Usá-la sempre ou só quando necessário? “Neste caso, diria que ela seria sempre recomendável, e sua intensidade, a depender da análise do solo e da expectativa de produção de cada empresário. O excesso de produção forrageira no período chuvoso e quente deverá ser conservado para suplementar a produção das pastagens durante o período frio e seco do ano”, destaca o professor José Obeid. Entre o adubo orgânico e o inorgânico, o primeiro deve ser utilizado, desde que disponível na quantidade requerida após análise do solo.

Além de proporcionar quase todos os nutrientes requeridos pelas forrageiras (pode ser complementado com fertilizante mineral), aumenta a retenção de água no solo propiciando melhor distribuição da produção de forragem durante o período da seca, dá a dica o professor.

Com uma boa análise de solo e uma boa matéria orgânica para que a adubação possa apresentar resultados, Porto se diz adepto do uso de adubo de três a cinco anos para recuperar o solo. “Não se pode esquecer que pasto está disponível oito meses por ano. Então, não adianta potencializar as pastagens no verão e não ter nada para o inverno. Não adianta fazer um campo de golfe na propriedade e achar que o adubo é milagroso. Adubo não faz milagre, quem faz milagre é a natureza”, dispara.

Uma alternativa de integração à zebuicultura

Luiz Humberto França

Um animal rústico e de pequeno porte pode dividir, sem conflitos — ao contrário, com benefícios —, a paisagem do cerrado brasileiro com a bovinocultura. A criação de ovinos, que até há bem pouco tempo engatinhava no Brasil, hoje ocupa espaços cada vez mais nobres, como as tradicionais exposições de gado.

O mercado é novo, mas tem futuro, o que atrai criadores interessados em diversificar a produção. Estudos mostram que a raça santa inês, considerada o nelore da caprinocultura, é a que tem melhor adaptação e oferece condições ideais para a oferta de carne e de couro.

É um bom negócio também para os pequenos produtores, já que a área necessária é pequena. Para se ter uma idéia, oito ovelhas ocupam o mesmo espaço de uma vaca. O manejo é simples e pode ser feito utilizando a mesma mão-de-obra da fazenda.

A Estância Varrela, em Uberaba, tradicional criadora de nelore, começou este ano a dedicar-se à caprinocultura, especialmente à seleção de matrizes e reprodutores.

Segundo Marcos Antônio Pereira Braga, agrônomo da fazenda, que tem unidades também em Goiás e em Alagoas, dos 75 hectares da propriedade apenas cinco foram destinados para as 170 matrizes.

Como começar. O investimento inicial deve ser de R\$ 5 mil, e o ideal para começar é adquirir um macho para cada dez fêmeas. Para o coordenador do Projeto Ovelha da Fazu, Maurício Pimentel de Ulhôa, antes de mais nada é preciso fazer uma análise de fertilidade de solo e escolher qual o capim e o sistema a serem utilizados. O projeto foi criado pela Fazu há cinco anos, para fornecer informações aos alunos e dar suporte aos produtores interessados em mais essa alternativa de renda. Em uma área de meio hectare, dentro da fazenda-escola da faculdade, foi montada uma unidade demonstrativa. Ali, 16 animais são criados em sistema rotacionado de pastagens. O professor Maurício de Ulhôa garante que o próximo passo será conseguir animais puros para a comercialização.

O interessante, diz o professor, é que para cada parto, é comum o nascimento de dois cordeiros o que



Couro está valorizado

faz aumentar em curto período de tempo o número de animais na propriedade, e também a rentabilidade. Uma prova de valorização da caprinocultura tem sido os bons preços obtidos em leilões. Este ano, numa exposição na Paraíba, onde a atividade já está consolidada, uma ovelha chegou a ser arrematada por R\$ 40 mil.

Do nascimento ao abate, são necessários cinco meses para que os ovinos consigam média de 45 quilos. A carne de carneiro tem baixo teor de gordura e o alto valor protéico faz com que a carne seja bem aceita. A procura começa a crescer.

O mercado de couro melhorou, principalmente depois da queda no preço da lã. Conseqüência da invasão dos tecidos sintéticos dos "tigres asiáticos". Quase toda a produção é exportada, só uma pequena parte fica no Brasil, para abastecer fábricas de roupas e calçados.



Ovinos: uma boa opção para produção integrada

A natureza que ensina a integrar a produção

Jorge Zaidan Jr.

A pecuária brasileira tem registrado um dado interessante. Quanto mais esse setor — tocado por tradicionais produtores de carne e de leite — cresce e evidencia-se em todo o mundo, maior se torna o número de empresários de outros segmentos da economia a investir na produção de proteína animal a partir dos bovinos. De outro lado, é cada vez maior o número de pecuaristas a investir em outra atividade. Eles assim o fazem para ganhar mais dinheiro, ou por puro prazer, para dar vazão à criatividade, à arte latente e às vezes adormecida ou anestesiada pela rudeza das tarefas do campo. Mui-

tos adotam a pescaria como hobby de fim-de-semana. Outros, o futebol ou o jogo de cartas. O pecuarista Rodolpho Assumpção Ortenblad, selecionador de tabapuã, na Fazenda Córrego da Santa Cecília, em Uchôa(SP), possui um hobby diferente da maioria de seus pares. Ele não se aventura por aí com uma vara de pescar na mão. Nem também gasta as energias numa mesa de baralho ou dando perna nos amigos, numa quadra ou nos maracanãs de fim-de-semana. O negócio dele é mais nobre, dá mais trabalho, requer mais investimento, mas, leva-o, segundo sua própria definição, a uma interação perfeita de energias espontâneas, em



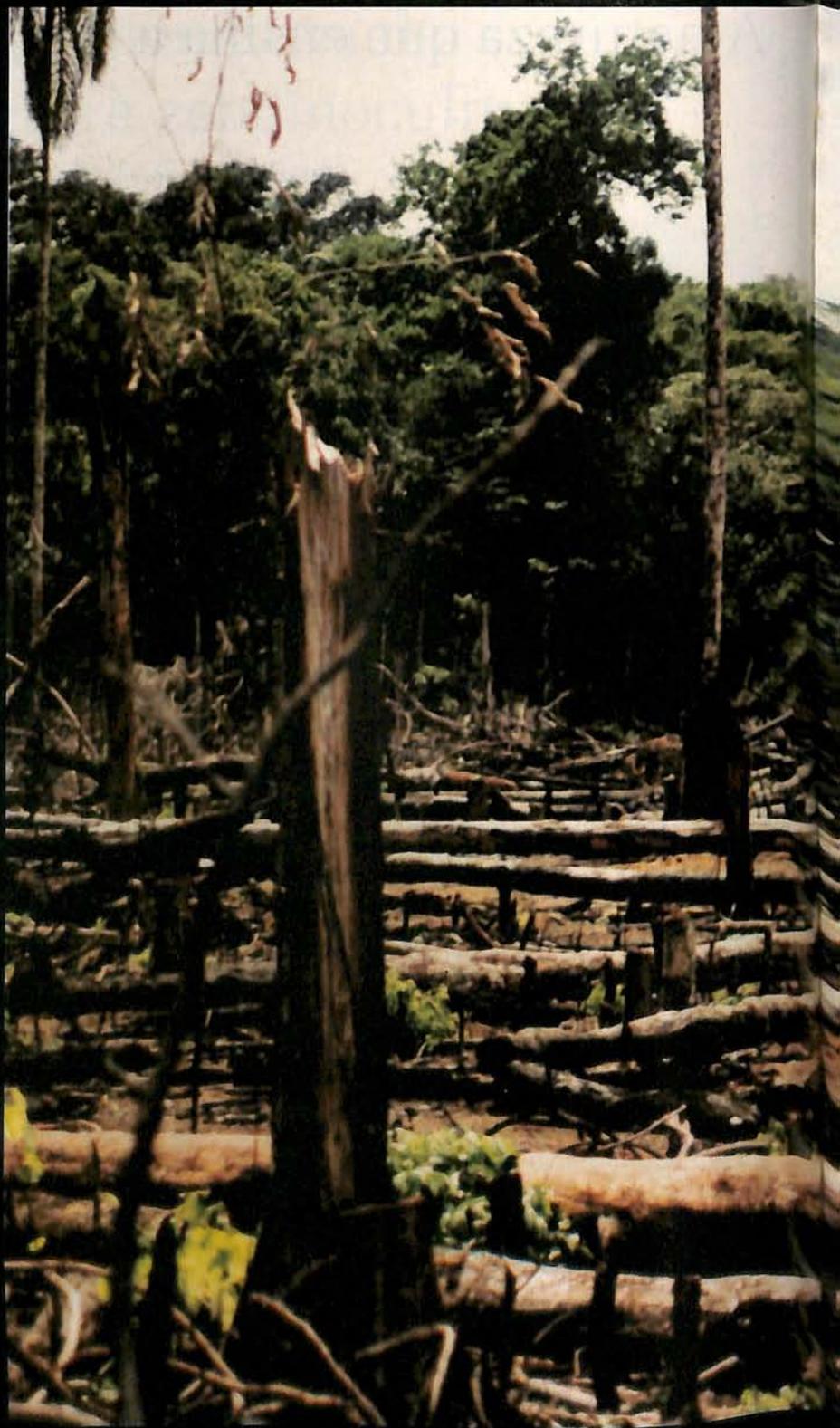
Rodolpho A. Ortenblad: imagens da natureza dos homens e dos animais



sintonia com o todo. Para ele, o fragmento de um segundo logo vira eternidade. Melhor dizer: com um clique na câmera, desenha um universo inteiro de emoções e de presenças multiformes de homens, de vegetação, de natureza, de bichos. Sim, Rodolpho Ortenblad é daqueles que têm sempre à mão uma máquina fotográfica, para uma eventualidade banal, ou para um registro que ficará imortalizado em sua galeria.

O hobby começou durante uma viagem de dois anos, em 1987 e 1988, que fez volta ao mundo (quando concluiu a faculdade de agronomia), a bordo do veleiro **Heat Wave**, com Bob Payne, o "Capitão Neptune", um neozelandês que conhecera em Joaquina, Santa Catarina, quando se aventurava a pegar ondas no mar.

O hobby é cultivado a preços variados — e cada um sabe que preço pode e deve pagar —, como forma de melhorar a qualidade de vida do homem. Mas, passa a ser obrigatório quando ultrapassa a justificativa de "válvula de escape". Para ele, a fotografia deu — e ainda dá — lições importantes que aplica regularmente nos negócios. Rodolpho integra a tradicional família dos







formadores da raça tabapuã, mas aprendeu a diversificar a produção na fazenda. Com as palavras do pai, Arthur Ortenblad Neto, "eu dou portas abertas para você inventar o que quiser, desde que cuide bem das invenções", Rodolpho alega ter aprendido que, ao observar a natureza, percebe que tudo funciona em ciclos que se interagem, criando condições de equilíbrio. O "olho mágico" do processo de observação, segundo ele, são as lentes da câmera.

A integração agricultura-pecuária aprendeu na escola de agronomia, mas só foi aprender a criar novos ciclos e a diversificar a produção quando se viu movido a cuidar das terras, depois da morte do pai, em 1993. Da noz macadâmia, faz um fino óleo de mesa prensado a frio. "É um alimento que funciona como remédio essencial ao metabolismo", receita. Da torta residual da produção de óleo, formula um concentrado que dá aos tabapuãs que participam das provas de ganho em peso da ABCZ. "O custo é baixo, e o desempenho, excepcional", garante. A fazenda produz ainda três outros tipos de óleos vegetais comestíveis: de gergelim, girassol e linhaça. "São todos riquíssimos em Ômega 3 e Ômega 6, bons para o coração." Os produtos são vendidos em lojas de naturebas e farmácias, com recomendação de nutricionistas.

A Córrego da Santa Cecília, com outro criatório de tabapuã, a Fazenda Água Milagrosa (do primo Carlos Arthur), e com um criatório de blonde d'aquitaine (Fazenda

O fragme
segundo logo v

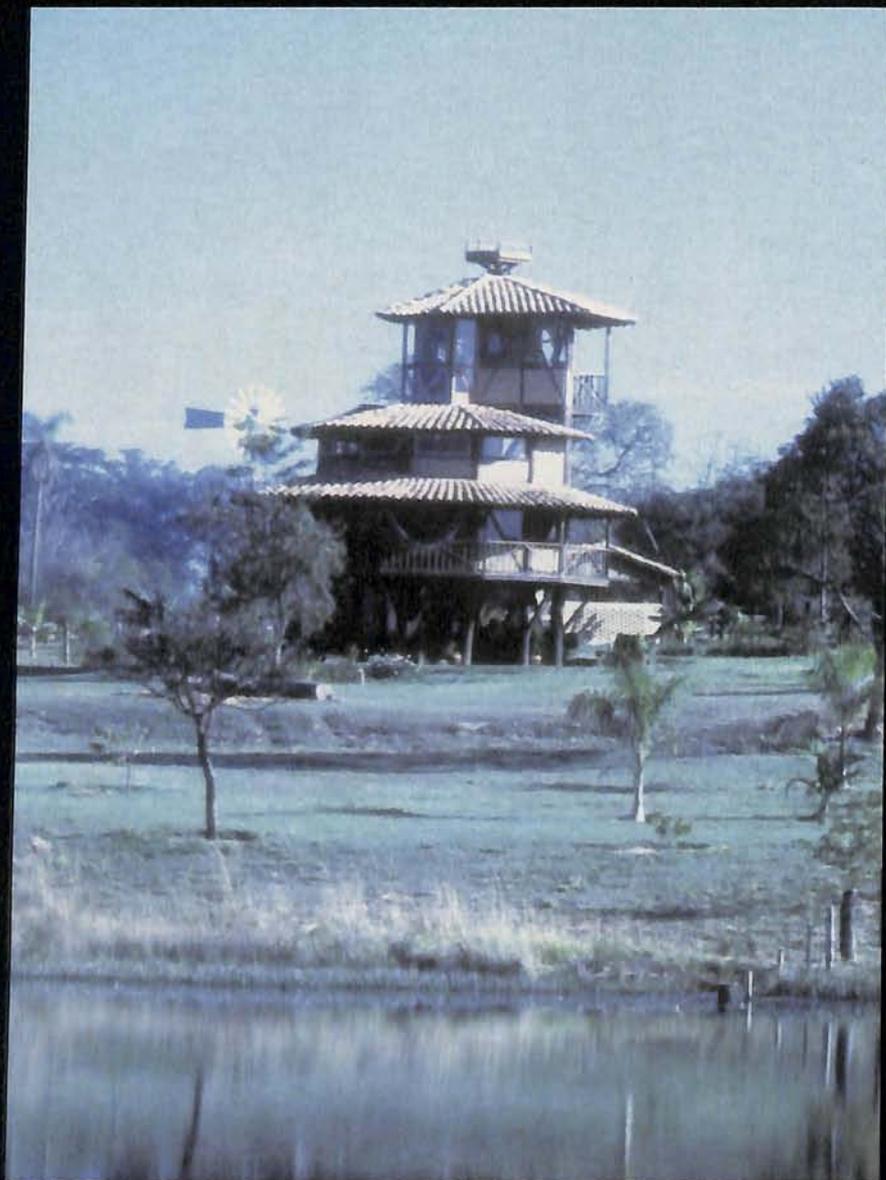
Betânia), desenvolve o projeto Tab 57, que avalia os custos de quatro cruzamentos diferentes, desde a concepção até o abate do bovino. "Vem preencher uma lacuna que existe para quem promove provas de performance. Não adianta boa performance com custos proibitivos."

Xeretinha. No início, a fotografia era uma brincadeira de jovem saído da faculdade, ávido e curioso por viver emoções diferentes das que tivera até então. Naquela viagem a bordo do **Heat Wave** (onda quente, ou ola caliente), a paisagem que contemplava em terra, mar e ar, não podia ficar perdida. Era preciso registrar. Não haveria imbróglio, já que levaria a tiracolo uma xeretinha, daquelas próprias para qualquer criança começar a fotografar. O problema era escolher ângulos e luz corretos. O próprio Capitão Neptune encarregou-se de lhe dar as primeiras e únicas lições, que valem até hoje, só que aplicadas em máquinas de gente grande. Rodolpho trabalha hoje (ou brinca) com duas potentes Nikon F3 e F4. O segredo são as várias lentes que acopla ao equipamento. Para fotos submarinas, usa uma Nikonos. "É um hobby caro. Tem o equipamento, os filmes, as revelações e as ampliações."

Rodolpho —que se inspira nos mestres distantes Roberto Linster e Araquém Alcântara (paisagem), e Sebastião Salgado, Marcos Prado e Klauss Mitheodorf (gente)— prefere fotos em preto-e-branco, que ele mesmo revela quando tem tem-



nto de um
ira eternidade



po, no laboratório de casa. O hobby já lhe rendeu trabalhos publicados em revistas de reconhecimento nacional, como "Trip", "Terra", "Arquitetura e Construção", "Cabelo e Estética" e "DBO Rural".

Livro. "Fotografar para mim é uma forma de questionar o distanciamento entre homem e universo", define. Rodolpho é mesmo um pecuarista diferente da média. O dom de selecionar e de produzir —herdado dos Ortenblad— ostenta, ao lado do dom de filosofar —herdado da mãe Lucilla e da observação da natureza— o pensamento que Rodolpho prefere expressar através da fotografia. Ele diz: "percebi que a imagem fotográfica sintetiza elementos profundos e totalmente presentes em toda e qualquer atitude". E ainda: "fotografia é a busca da luz com um objetivo preciso, descobrindo qual o melhor ângulo de abordagem, a forma de abertura e o envolvimento, sem perder o foco de onde pretendemos chegar". São frases assim que servirão de pano-de-fundo para o livro "Put Koi", de fotografias, que pretende publicar em breve. "É uma vontade que tenho em poder dividir com as outras pessoas tudo o que a natureza me deixa fotografar", justifica. A obra tem 180 páginas de fotos e poesias. "É um livro de reflexão e questionamento", adianta o artista da família Ortenblad.



Boi Verde é marca registrada da Tortuga, cedida para este evento.

VAGAS
LIMITADAS

3º Encontro Nacional do

BOI VERDE

A pecuária sustentável

Carne produzida a capim

Gestão do Agronegócio • Marketing da Carne • Rastreabilidade
Preservação Ambiental • Exigências Sanitárias • Exemplos de Sucesso
Dia de Campo

VISITE SITE:
www.boiverdehpg.com.br

O BRASIL PRODUZINDO CARNE PARA O MUNDO, NATURALMENTE.

23, 24 e 25 de Agosto de 2001

Center Convention • Plaza Shopping Hotel
Uberlândia - MG

Inscrições



(11) 257.4268 / 257.5241 • 3237.3626

Realização

Patrocínio

Apoio



- No dia 27 de maio o superintendente técnico-adjunto de Melhoramento Genético, Carlos Henrique Cavallari Machado, esteve em Araçatuba(SP), no campus da Unesp, para conhecer o sistema de análise de paternidade através de DNA.

- De 19 a 22 de junho, o diretor Luiz Humberto Carrião e o superintendente técnico-adjunto Carlos Henrique Cavallari Machado, estiveram nas cidades de Umbuzeiro e Alagoinha, na Paraíba conhecendo o trabalho de seleção dos gados gir, guzerá e sindi para a produção leiteira.

- O presidente Rômulo Kardec esteve em Belo Horizonte, no dia 4 de julho, acompanhado do diretor João Machado Prata Júnior, participando da solenidade de comemoração dos 50 anos da Federação da Agricultura de MG.

- Nos dias 6 e 7 de julho, o presidente Rômulo Kardec esteve em Barretos(SP), participando do leilão da fazenda Brumado.

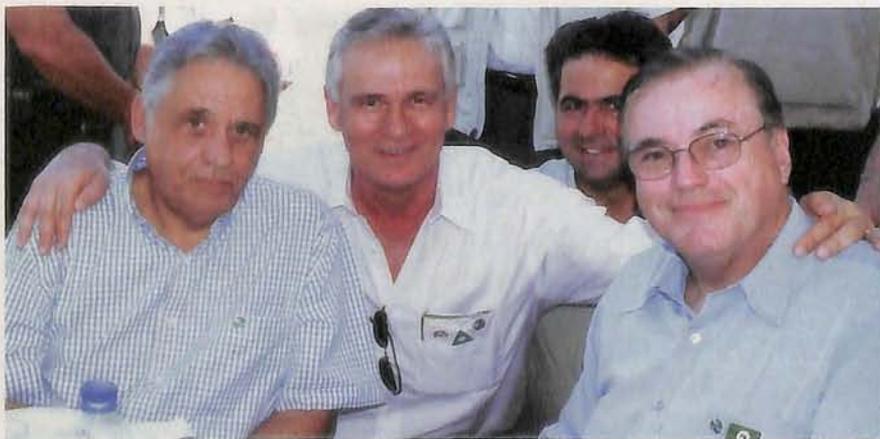
- De 14 a 18 de julho, o presidente Rômulo Kardec de Camargos, acompanhado do diretor Arnaldo Prata Filho, participou da 20ª Exposição e Feira Internacional de Ganadeira, Indústria, Agricultura, Comércio e Serviços, em Assunção, Paraguai.

- Entre os dias 21 e 25 de julho, o presidente Rômulo Kardec de Camargos, acompanhado do diretor João Machado Prata Júnior e do superintendente administrativo-financeiro José Valtoírio Mio, participou do lançamento da pedra fundamental da sede do ETR de Salvador(BA) e da Expo-rural.

- No dia 28 de julho, o superintendente técnico-adjunto, Carlos Henrique Cavallari Machado, esteve em Ituverava(SP), onde ministrou palestra sobre o projeto "Leite do Zebu".

- O superintendente-técnico Luiz Antonio Josahkian participou de julgamentos na Exposição de Formosa(GO), nos dias 2 e 3 de agosto.

- O presidente Rômulo Kardec de Camargos, acompanhado do diretor João Machado Prata Júnior e do superintendente-geral Sérgio Cunha Paiva, participou, no dia 4 de agosto em Miranda(MS), do lançamento do projeto "Vitelo do Pantanal". Na solenidade, o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, assinou ato que dá nova denominação ao Ministério da Agricultura, passando a se chamar Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).



FHC, Rômulo, Pratini e João Machado, em Miranda(MS), no anúncio do MAPA

Indubrasil recebe homenagem na BA

A indubrasil será a raça homenageada na Fenagro/2001, que acontece de 24 de novembro a 2 de dezembro no parque de exposições de Salvador. A homenagem é da Associação Baiana Criadores(Abac).

O presidente da Indubrasil, Paulo Lemos, considera o reconhecimento o "fruto do trabalho do núcleo dos Indubrasilistas Sergipe-Bahia, presidido por Eliezer de Cardoso Filho, em parceria com a associação".

Comunicação de dados

Já estão liberadas para os usuários do Procan da ABCZ (software de controle do rebanho) as comunicações (CDC, CDN, CDM) feitas aos órgãos executores de forma eletrônica. Os criadores que o fizerem serão beneficiados com um desconto de 10% nos serviços de registro genealógico de nascimento(RGN). Com o avanço, a ABCZ atinge um maior grau de domínio tecnológico e reverte para o criador os frutos colhidos. O banco de dados central está sendo modernizado e corrigido, já que a própria fonte dos dados é que o alimentará, minimizando eventuais erros de redigitação.

A captação dos dados fará com que a entidade trabalhe com outros serviços, aumentando as opções do criador. O processo de comunicação de dados ficou bem simples, bastando o criador ter o sistema Procan e optar em fazer via disquete ou pela internet. Recebidos os dados, o sistema fará automaticamente uma crítica e somente os problemas encontrados serão sanados. A implantação dos documentos é feita de forma eletrônica.

Leilão

Só Doadoras

Marcos Paulo Carneiro

Bilara - Uma história que faz sucesso!

*Oportunidade imperdível
5 filhas e 15 netas da Bilara
em um único leilão.*

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO

TORTUGA

ORGANIZAÇÃO



**03 de Outubro de 2001 - 20:30 horas
Durante a Expoinel 2001
Leilopez - Uberaba / MG**

**Transmissão
ao vivo pelo**



CANAL DO BOI

(67) 321 9098

Alerta vermelho

A raiva bovina causa estrago no Triângulo Mineiro. Doença traz prejuízos da ordem de US\$ 15 milhões anuais à pecuária brasileira

Marconi Lima

O ano de 2001 é um divisor de águas para a pecuária bovina no Triângulo Mineiro. Se por um lado o final do Século XX foi marcado na região pela decretação de área livre de incidência de febre aftosa pela Organização Internacional de Epizootias (OIE), por outro, as autoridades sanitárias ganharam uma preocupação: o rápido avanço de focos de raiva bovina. Está certo que a doença, do ponto de vista comercial, não atrapalha os planos de quem deseja entrar no mercado de exportação de carne, mas o pecuarista amarga prejuízos muito grandes, pois o índice de mortalidade dos bovinos é muito alto.

A difusão da doença deve-se principalmente ao morcego hematófago, também conhecido como "morcego vampiro", que não tem nada a ver com o personagem dos filmes de terror, a não ser o fato em comum de que, para sobreviver, se alimenta do sangue de suas vítimas. A proliferação da raiva bovina em Minas Gerais, especialmente no Triângulo Mineiro, como atesta relatório do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), está diretamente ligada à destruição indiscriminada da natureza. O morcego é obrigado a deslocar-se de seu habitat, geralmente cavernas localizadas em matas fechadas, para se esconder em bueiros ou casas abandonadas no campo. Nesse movimento, acaba espalhando a doença.

A única forma de evitar perdas no rebanho é vacinar os animais



contra a raiva, alerta o coordenador regional do IMA em Uberaba, Rony Adolfo Hein.

No primeiro semestre de 2001, o instituto registrou pelo menos 50 focos da doença no Triângulo Mi-

*De janeiro a junho
deste ano, foram
registrados 47 casos no
Triângulo Mineiro*

neiro (somando levantamentos das regionais de Uberaba e Uberlândia). O número já supera o índice do ano passado, com 47 casos confirmados na região. Para se ter uma

idéia da gravidade da situação, em 2000, a cobertura vacinal foi de 26% na região. Agora em 2001, aumentou o índice de vacinação, mas, o número de casos cresceu junto. De acordo com os cálculos de Hein, em cada foco registra-se pelo menos a mortandade de dez a 30 animais.

Até 1997, o coordenador do IMA lembra que não haviam sido registrados focos da raiva bovina em várias cidades da região, como

Araxá, Iraí de Minas, Monte Carmelo e Perdizes, que fazem parte da área de ação do escritório regional do IMA em Uberaba. Mas, em no curto período de um ano, o quadro sofreu uma brusca reversão. "Estamos intensificando as capturas e trabalhando também no sentido de convencer o pecuarista a vacinar, principalmente naqueles municípios que ainda não tiveram a doença, porque a evolução para o Pontal do Triângulo Mineiro poderá acarretar uma grande mortalidade haja vista que a região tem uma população bovina por quilômetro quadrado maior que outras regiões de Minas", ressalta Hein.

Levando-se em conta que os morcegos-vampiros, através do deslocamento, seguindo o leito dos rios e estradas numa velocidade de 40 a 50 Km por ano, vão contaminando os rebanhos, quando é notificado o foco num local, a doença já se encontra a 20 quilômetros de distância. Daí a necessidade da insistência em convencer o pecuarista a vacinar, antes que a doença chegue na região. A vacina é preventiva e como tal deve ser usada",

frisou Hein.

O responsável pelo IMA regional lembra que o morcego é o principal transmissor da raiva bovina. O homem também corre o risco de se infectar, caso seja mordido pelo morcego-vampiro, ou se tiver em contato com a saliva do bovino infectado. "Essa é uma preocupação muito grande. O criador ou o tratador, se colocarem a mão na boca do animal contaminado, pode contrair a doença. Por isso, em caso de suspeita, o criador deve chamar o veterinário, pois ele sabe como agir nesses casos", recomenda Hein.

US\$ 15 milhões. Apesar da raiva bovina não afetar diretamente o mercado da venda de carne, os prejuízos que o pecuarista terá, em caso de registro de focos no seu rebanho, são bem amargos. Segundo o IMA, somente na América Latina são jogados pelo ralo aproximadamente US\$ 40 milhões por ano, com a ocorrência de mais de um milhão de mortes nos rebanhos bovinos e eqüinos, devido à doença. No Brasil, os criadores amargam um déficit de US\$ 15 milhões anuais.

Para evitar a proliferação da raiva existem dois meios, um é o controle dos transmissores e o outro a vacinação dos rebanhos. "No controle dos transmissores somente

são exterminados os morcegos hematófagos —as demais 140 espécies existentes no Brasil, que através de seus hábitos alimentares (conforme a espécie), comem insetos, néctar, frutas, pólen, peixes, pequenos vertebrados são de grande benefício à natureza e são preservados", destaca Rony .

O IMA recomenda, de acordo com a Organização Mundial da Saúde(OMS) e Instituto Pasteur, o seguinte esquema de vacinação a partir de três meses de idade: área de foco(propriedade ou rebanho com exame positivo para raiva) e perifoco(aquela compreendida num raio de cinco quilômetros):

vacinação semestral; nas demais áreas, vacinação anual. Animais primo-vacinados, devem tomar nova dose 30 dias após a primeira. "É recomendável o uso de vacina inativada conforme indicação da OMS", reforça o coordenador do IMA.

O leitor pode estar imaginando que os veterinários do IMA vão a campo munidos de armas capazes de sacrificar o mamífero, como se fossem verdadeiros caça-vampiros. Quando preso, o morcego recebe uma camada de pasta vampiricida. Ao retornar à colônia, transmite a toxina, que será responsável pela morte de dez a 20 morcegos.

Número de casos positivos

Delegacia Regional	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001*
Uberaba	-	-	01	01	-	01**	32**	30**
Uberlândia	-	-	-	-	-	-	15**	15**
M. Claros	13	07	08	06	08	17**	14**	
BH	29	134	98	106	92	47**	22**	
Gov. Val.	06	12	04	26	13	05**	14**	
J. Fora	50	60	45	72	44	28**	15**	
Viçosa	03	07	22	39	31	17**	33**	

Fonte IMA - * Janeiro a junho - ** Somente em bovinos, nos outros casos soma-se também eqüinos, ovinos e caprinos.

Conheça os principais sintomas da raiva bovina

A raiva é uma doença infecto-contagiosa causada por um vírus neurotrópico(tropismo pelo sistema nervoso central), podendo acometer todas as espécies animais da classe *mammalia*, inclusive o homem, independente de sexo, raça e idade. A doença foi descrita pela primeira vez em 500 a.C. por Demócrito.

A raiva apresenta três fases distintas: fase podrômica, fase excitativa e fase parálitica.

A fase podrômica é de curta duração, caracterizando-se por sinais iniciais da doença como hipersensibilidade aos estímulos externos (luz, ruídos).

Nos bovinos, a fase excitativa nem sempre é perceptível .

O animal passa da fase podrômica à fase parálitica quando estiver com andar cambaleante, olhar fixo, mão aberta, queda do quarto traseiro, retenção de urina, prisão de ventre, desvio frequente

da cauda para um lado .

Os sintomas se agravam e o tenesmo é acentuado. Há paralisia dos quartos posteriores, prostração e o animal não consegue mais levantar.

O período de incubação da raiva pode levar de três a 15 semanas, e a morte ocorre geralmente entre dois a sete dias após a observação dos sintomas de prostração.

Fonte: IMA



Fazenda das Primas, que foi erguida no início da importação sistemática dos primeiros exemplares de zebuínos da Índia

Fazenda das Primas mantém sede do início do século XX

Márcio Cruvinel Borges*

O gado zebu começava a desembarcar no Brasil, vindo da Índia, quando teve início a construção da casa-sede da Fazenda das Primas, no ano de 1915. O primeiro proprietário foi o pecuarista Franklin de Andrade Cunha, que em seguida passou a propriedade para o seu genro Sérgio Amado Acedo, que continuou a obra. Atualmente, Reginaldo Andrade Cunha, neto de Franklin, é o dono do imóvel.

A Fazenda das Primas localiza-se no município do Prata e é banhada pelo Rio do Peixe. A princi-

pal atividade econômica é a recria e engorda de boi de corte. Sua sede é de estilo eclético. Possui varandas frontal e ao fundo sustentadas por colunas com capitéis regulares, adornadas por lambrequins e protegidas por balaustrada que se estende pela escada de acesso. Apresenta elementos decorativos em estuque na parte superior das fachadas e nos cunhais.

As janelas e portas possuem bandeiras e vidros coloridos. O jardim, foi restaurado no final dos anos 90, possui um imenso gramaço que lhe dá uma grande leveza.

Nele está instalado um chafariz com uma estátua em cimento. A sala de jantar possui parede com pintura decorativa.

O trabalho de restauração, realizado em 1998, foi feito pela esposa do proprietário, Ana Maria Nogueira Andrade, por suas irmãs Carmem e Renata e por sua amiga, a artista plástica Maria Felipa Veríssimo do Carmo N. Simão. A pintura apresenta pequenos conjuntos alternados de cachos de uvas e pêras com folhagens sobre um fundo sombreado. O forro da sala de visitas é um belo exemplar

do trabalho de composição de diferentes madeiras, com um formato de estrela de quatro pontas superpostas sendo que a estrela de fora apresenta um desenho arredondado em três cores.

O trabalho de restauração do forro foi feito por carpinteiro residente no Povoado do Rio do Peixe. O piso em ladrilhos de cimento do alpendre, da sala de entrada e da varanda do fundo, merecem também um destaque especial pela harmonia de cores e desenhos. O lustre da sala de visitas confeccionado em metal —provavelmente de origem inglesa ou francesa— compõe, juntamente com os móveis, um ambiente muito acolhedor. O hall ostenta peças de época, como o portachapéus. A mesa e os adereços colocados nas paredes dão uma nítida definição de uma casa de fazenda do início do século vinte.

Em 1987, a casa estava em um avançado processo de deterioração. A família decidiu recuperá-la principalmente para preservar a arquitetura que surgiu graças à introdução do gado zebu na região.

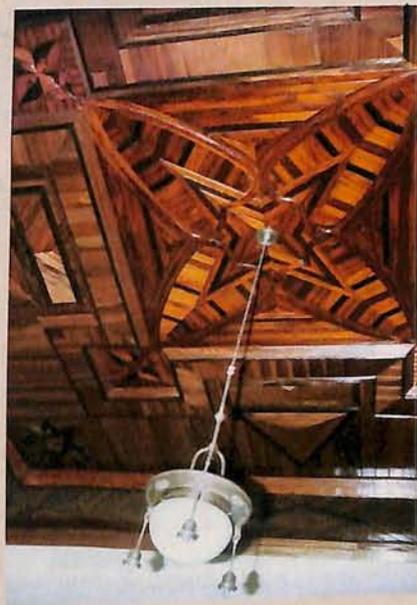
Com todo o encanto de uma época em que o “zebu não custava, valia”, a Fazenda das Primas é um retrato da história do início do século XX, mais precisamente do final de sua primeira década, e início dos anos 20, que foram considerados um divisor de águas na pecuária brasileira, com a chegada do gado indiano em terras tupiniquins.

Nas cercanias da Fazenda das

Primas existem outras propriedades muito bem conservadas e que continuam sendo o retrato mais fiel da própria história de Uberaba (considerada a capital brasileira do zebu), que começou no campo, onde os pecuaristas viviam com suas famílias. De lá, chegavam, depois, à cidade, com uma pujança de fazer inveja a qualquer homem moderno.

O Museu do Zebu, localizado no Parque Fernando Costa possui um grande acervo com a história e as fotos das casas-sedes de inúmeras fazendas do Triângulo Mineiro.

**Márcio Cruvinel Borges, presidente do Conselho Curador da Fundação Museu do Zebu “Edilson Lamartine Mendes”*



Detalhes do teto e do lustre revelam o luxo



Piso em tábuas corridas compõe o ambiente aconchegante e acolhedor da sala de jantar



Máquinas, móveis e armas antigos são impecavelmente conservados e complementam o bom gosto da decoração da fazenda

Mastite

Prejuízo causado também pelo produtor



* Alexandre Lúcio Bizinoto

A mastite sempre inspirou cuidados aos bovinocultores de leite, uma vez que induz a redução da produção e até mesmo o descarte dos animais contaminados. A partir de 2002, estas preocupações serão ainda maiores por causa das mudanças propostas pelo Ministério da Agricultura para o setor lácteo, que visam o pagamento pela qualidade do leite cru resfriado. Tal fato se viabilizará pelo processo da contagem de células somáticas, que avalia a sanidade das glândulas mamárias através da contagem das células de defesa e reparadoras dos tecidos secretores presentes no leite.

Também conhecida por mamite, é uma doença das glândulas mamárias, que provoca inflamação e morte dos tecidos que as compõem. Se não for combatida a tempo, a infecção leva ao comprometimento gradativo das atividades glandulares reduzindo a produção e qualidade do leite, podendo levar à perda total da glândula e, dependendo do grau de infecção, até à morte por septicemia.

Preocupados com a saúde pública, fácil proliferação e, por conseguinte, com os prejuízos causados ao produtor, os quais ultrapassam a

casa dos R\$ 700,00 por vaca ao ano no Brasil, vários profissionais envolvidos com a produção animal procuram desenvolver experimentos para aprimorar técnicas de prevenção e controle.

Torna-se importante lembrar que o primeiro passo para se estabelecer um bom plano de ação é conhecer quais são os possíveis agentes causadores, bem como suas respectivas formas de ação e contaminação. Segundo pesquisadores, estes agentes somam aproximadamente 137 microrganismos, os quais po-

71% das vacas leiteiras de MG sofreram com a doença em 1999

dem pertencer a grupos de bactérias, fungos, algas ou vírus. Dentre eles, destacam-se os bacterianos que podem ser descritos na seguinte ordem de importância: estafilococos, estreptococos e corinebactérias. O primeiro grupo, pela ordem, destaca-se por estar disseminado no ambiente e apresentar alta resistência a medicamentos.

A manifestação da doença pode se dar de forma subclínica, ou seja, presente na glândula mamária sem manifestar sintomas visíveis; e de forma clínica, que é percebida pelo inchaço, entumescimento e aquecimento da glândula afetada, ou ainda pelos grumos presentes no leite.

É alta a incidência dessa anomalia, que chega a atingir metade das matrizes bovinas dos rebanhos des-

providos de manejos adequados. Há também relatos oficiais, emitidos em 1999, apontando incidências em até 71% das vacas pertencentes aos rebanhos leiteiros do estado de Minas Gerais e São Paulo.

Existem ainda citações estimando existir entre 15 e 40 casos de mastite subclínica para clínico detectado. São consideradas mais susceptíveis as fêmeas com maior número de lactações, ou com úberes e tetas grandes, bem como as que apresentam o esfíncter, responsável pela abertura e fechamento do teto, relaxado. Considerando isoladamente a lactação, há relatos apontando maior número de casos no início e fim do processo, sem entretanto descartar a possibilidade da manifestação da doença em qualquer outra fase. Também não se pode excluir o período seco das matrizes, uma vez que, interrompido o processo de ordenha, ocorrem modificações nas glândulas possibilitando o desenvolvimento da doença e sua manifestação na lactação seguinte.

É notória a contaminação das glândulas mamárias através da ordenha, seja ela manual ou mecânica, pois mãos sujas, bezerro ao pé, higienização inadequada e uso de toalhas de pano, entre outros, são responsáveis pela maioria dos casos diagnosticados como positivos para a mastite.

Desta forma, a prevenção torna-se uma forte aliada, possibilitando menores custos de controle, maior longevidade das matrizes e melhor preço pelo produto.

Os cuidados começam pela instalação, devendo estas permitir a incidência de raios solares, boa ven-

tilação e fácil limpeza, possibilitando o combate natural aos germes, eliminação de sujeiras, redução da umidade interna e de insetos do local. Neste sentido, também destaca-se o manejo de ordenha, seja ela manual ou mecânica, o qual começa pela higiene dos equipamentos, que devem ser desinfetados com soluções anti-sépticas que não danifiquem o mesmo e nem apresentem efeitos residuais; passa pela ordem de entrada das matrizes na ordenha, dando preferência às vacas que nunca tiveram contato com a doença, posteriormente as sadias que já estão curadas e por fim as contaminadas, deixando o(s) quarto(s) infectados para serem ordenhados manualmente, caso a ordenha seja mecânica; chegando aos cuidados no pré e pós ordenha, que vão da coleta e análise visual dos primeiros jatos de cada teto em uma

caneca detectora de mastite clínica ou em recipientes adequados para detecção de mastite subclínica (através do teste do California Mastitis Test – CMT ou Wisconsin Mastitis Test – WMT), com posterior lavagem, secagem dos tetos (talhas descartáveis), colocação das teteiras (caso seja feito mecanicamente), ordenha e imersão dos tetos em solução desinfetante apropriada. Cabe ressaltar que na presença de bezerros ao pé, a desinfecção dos tetos deve ser feita após o repasse do bezerro, destacando também a necessidade de se verificar a presença de leite residual na ordenha sem bezerro. Propriedades com ordenha mecânica necessitam da aferição rotineira da pressão no sistema.

As glândulas positivas para mastite, devem ser ordenhadas manualmente e tratadas, não poden-

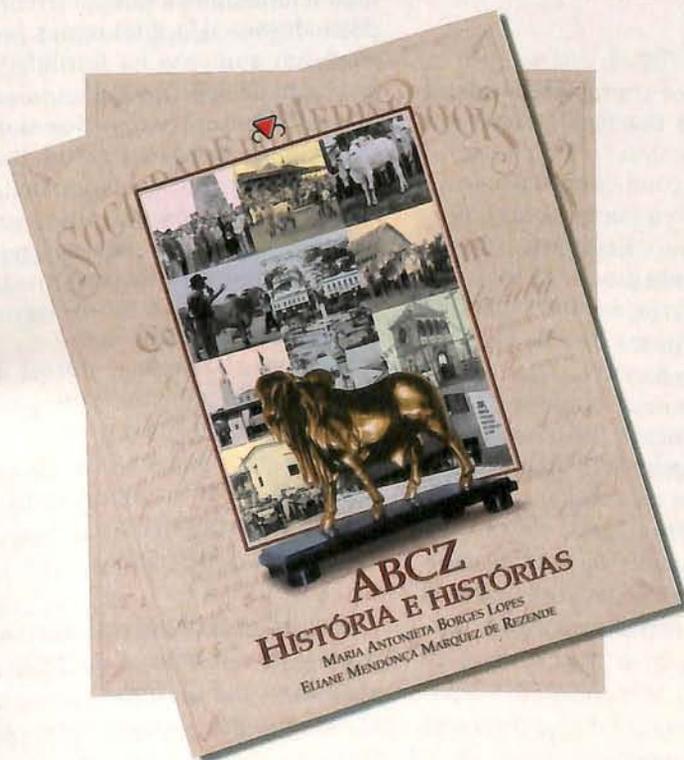
do ser repassadas pelo bezerro, pois o mesmo ao mamar nos outros tetos, atua também como transmissor. O leite contaminado, deve ser descartado desde sua detecção até 5 dias após o fim do tratamento.

Cuidados também devem ser dispensados para as matrizes na fase de desmame, justificando o uso de medicamentos preventivos, principalmente para aquelas com alta persistência de lactação.

É bom lembrar que, por fatores ligados a comportamento animal, habilidade materna e produtividade podem ter participação indireta na manifestação dessa anomalia, fato este justificativo para a provável menor susceptibilidade dos zebuínos.

** Alexandre Lúcio Bizinoto é coordenador do curso de Zootecnia da Fazu e conselheiro suplente do CRMV-MG -bizinoto@fazu.br*

Histórias e Histórias da ABCZ



Voce pode adquirir por apenas R\$ 60,00, o livro que conta a história da ABCZ, a maior entidade pecuária do Brasil.

A obra é uma seqüência ampliada e atualizada do livro "ABCZ - Histórias e estórias", das mesmas autoras, lançado no Cinquentenário da entidade, em 1987.

É fácil comprar

- Via internet, no site da ABCZ (www.abcz.org.br)
- Em todos os ETRs da ABCZ espalhados pelo Brasil
- Na sede da ABCZ em Uberaba
- Receba pelo reembolso postal em qualquer localidade do Brasil

Associação Brasileira dos Criadores de Zebu - ABCZ

Praça Vicentino Rodrigues da Cunha - Uberaba MG - Fone: (34) 3319 3900 - Fax 3319-3838

A vaca ideal

Para dar lucro, o peso ideal de uma vaca é o de 440 quilos, calculou um pesquisador



* Miguel da Rocha Cavalcanti

Todos os pecuaristas hoje procuram a produção com eficiência. E no Brasil, o melhor caminho para isso é o sistema a pasto. Para se conseguir um bom resultado no pasto, todos os fatores devem estar em sintonia. Um ponto muito importante é a vaca, pois representa 50% de todo o custo de produção.

A vaca ideal deve ter seu primeiro bezerro em uma idade jovem (menor ou igual a três anos), deve parir a cada doze meses e sempre desmamar um bezerro pesado. Uma vaca como essa dá resultado. Mas como tê-la no pasto, onde, por seis meses (período da seca), não há alimento suficiente?

Somente uma vaca de tamanho médio terá condições de desempenhar bem no pasto. Isto é, desmamar um bom bezerro a cada doze

meses. Isso é comprovado cientificamente no Brasil, EUA e Austrália.

Para as condições brasileiras a vaca ideal tem em torno de 450 kg de peso adulto. Essa vaca, por estar mais adaptada produzirá mais quilos de bezerros durante sua vida, do que uma vaca de 600 kg. Além disso, a vaca de 450 kg tem um custo menor, porque come menos.

Sempre fica a dúvida de como essa vaca menor será mais produtiva. Primeiro, ela come menos, logo tem um custo menor, e é possível ter mais animais na mesma área. Segundo: por ter tamanho compatível com a oferta de comida, consegue criar bem o bezerro e se manter com boa condição corporal. Assim, terá condições de entrar em cio novamente.

É bom lembrar que a taxa de prenhez é o ponto mais importante de uma criação. O aumento na fertilidade é o que dá mais retorno ao se intensificar a produção. O aumento de 1% na fertilidade tem resultado duas vezes maior do que quando se aumenta o peso do bezerro desmamado.

Em experimento na Flórida (EUA), com novilhas brahman, ficou comprovado como os animais de porte menor são mais eficientes. Em sua tese de doutorado, o pesquisador Antônio do Nascimento Rosa, da Embrapa, calculou a produção de quilos de bezerro por ano, por tamanho de vacas, e encontrou um tamanho ideal em torno de 440 kg.

A pecuária está precisando aumentar a sua produtividade. Adequar o tamanho da vaca ao sistema de produção vai facilitar muito, pois trará um aumento na fertilidade, produção de bezerros e diminuição do intervalo entre partos. No entanto, os programas de seleção no Brasil têm favorecido o aumento do tamanho em nossos rebanhos. Isso precisa ser mudado para que possamos aumentar nossa produtividade, nossa eficiência e nossos lucros.

Sugestões de site:

www.rurall.com.br – portal de agronegócios com excelente parte de cotações de insumos.

www.agrural.com.br – site de cotações de produtos agropecuários com atualizações diárias e comentários sobre o mercado.

Miguel da Rocha Cavalcanti, estudante de agronomia da ESALQ (Piracicaba), é da quinta geração de uma família que cria Nelore há 85 anos. mcavalcanti@yahoo.com

Associação decide investir no gir para a produção de leite

Criadores de gir decidiram direcionar a raça para o leite, com valor da carne agregado. O anúncio foi feito na primeira reunião da Diretoria da Assogir, no dia 29 de julho na sede da ABCZ em Uberaba. Os associados haviam referendado, por mais um mandato, uma das mulheres que mais se destacam hoje no segmento pecuário brasileiro. A selecionadora Lêda Góes foi reconduzida à presidência da Associação Brasileira dos Criadores de Gir (Assogir).

Durante a primeira reunião, ficou estabelecido que no triênio 2001/2004 algumas propostas apresentadas pela diretoria serão prioritárias. Outro ponto em questão, é trabalhar o gir dentro do projeto Leite do Zebu, desenvolvido pela ABCZ. A associação também pretende agregar novos sócios.

Mais um projeto para ser desenvolvido pela atual gestão, lembra Luiz Humberto Carrião, diretor de Marketing, Publicidade e Propaganda, é o incentivo ao melhoramento genético do gir. Os criadores estariam engajados nesse programa através da compra de sêmen ou fecundação "in vitro", com apoio da Central de Multiplicação Genética da Raça Gir.

A substituição de touros negativos das raças leiteiras, por filhos de mães e pais colaboradores do projeto Leite do Zebu, é mais uma meta prevista dentro do programa da nova diretoria. Carrião disse também, que um informativo men-



Gado gir, cuja associação quer evidenciar potencial produtivo de leite, sem relegar a carne

sal direcionado ao gir será criado, acompanhado de um jornal na internet além de um anuário em forma de revista relatando as ações da Assogir.

A Assogir pretende ainda realizar concursos leiteiros em todo o Brasil com vacas gir PO. A novidade, lembra Lêda Góes, seria o teste de paternidade e a distribuição de um formulário para que o criador forne-

ça informações sobre o tipo de alimentação utilizada em seu rebanho. A iniciativa deve começar por João Pessoa (PB) já no próximo ano. A Paraíba deve ganhar também um braço da Central de Multiplicação Genética da Raça Gir.

Integram a nova diretoria da Assogir: Beatriz Conceição Cansa-

do Cardoso, Alberto Pereira Nunes Filho e José Mariano de Andrade Lima (vice-presidentes). Marcello Moraes de Souza (diretor executivo), Maria Nina Rosa Mourão de Souza (diretora administrativa), Marcelo Cintra (diretor financeiro) e Luiz Antônio Figueiredo (diretor de eventos). O Conselho Técnico tem como membros efetivos: Domingos Marcelo Cenachi Pesce, Carlos Henrique Cavallari Machado, Cláudio Cândido de Oliveira. Os suplentes são: Sabrina Silva Everton Santos, Marco Elízio B. Cunha, Frederico Navarro da Cruz Neto.

O Conselho Fiscal tem como membros efetivos: Paulo Afonso de Campos, Inimá Garcia Leão e Luiz Antônio Leite Alves. Para a suplência foram eleitos: Antônio José Dourado de Oliveira, Leida de Aguiar Mendes Valadares e Reginaldo José da Silva.

Associação quer gir produzindo leite, e carne, como valor agregado

Técnico reforça, na Girolando 2001, a necessidade de reciclar a produção de leite

A nova diretoria da Associação Brasileira dos Criadores de Girolando encerrou a 12ª versão nacional da exposição da raça contabilizando um resultado que considerou "positivo". O presidente Renato Oliveira foi empossado poucos dias antes da exposição, promovida de 2 a 8 de julho em Uberaba. "Estamos fazendo uma raça produtiva e cada vez mais eficiente", comemorou o presidente, um dos expositores vencedores no

evento. A Associação de Girolando já registrou 450 mil animais em todo o país.

O prêmio de melhor expositor foi dado a Marcus Amaral Teixeira, que obteve 578,4. O de "Melhor Criador" foi entregue a Renato da Cunha Oliveira, que alcançou 761,20 pontos.

Pela primeira vez, a Girolando concedeu os títulos de "Expositor Revelação" e de "Criador Revelação", conquistados por Jorge Papazoglu e José Gil Júnior, respectivamente.

Presente ao encontro, o representante do ministro Pratini de Moraes, Júlio Puga, reforçou a tese de que o mercado moderno quer tecnologia e qualidade na produ-

ção de leite. Citou que a pecuária leiteira está passando por alterações, destacando-se exigência tecnológica e de qualidade. "A exigência é da sociedade brasileira e da sociedade mundial", reforça. Puga defende a necessidade, porque o leite é um dos alimentos mais nobre que se têm. E adverte àqueles que não entenderem a mensagem: "Isso, certamente, vai ferir quem não conseguir acompanhar essa qualidade". As novas regras de produção do leite entram em vigor em julho do ano que vem. "São normas de premiação a quem produzir com qualidade, mas que penalizará quem não se adequar às condições que o consumidor exige", explica Puga.



Girolando 2001, que reuniu em julho em Uberaba alguns dos melhores exemplares e criadores da raça no país

Touros do Futuro inicia segunda fase

Animais vão passar por prova de ganho de peso no Centro Nacional de Avaliação de Reprodutores, construído na Fazu

No dia 8 de maio deste ano, ABCZ, Fazu/Fundagri, Embrapa/Gado de Corte e ABS/Pecplan lançaram o programa Touros do Futuro, com objetivo de contribuir com a demanda de touros melhoradores da pecuária brasileira. O projeto é desenvolvido em quatro etapas, a primeira delas já vencida com a seleção de animais nascidos entre 17 de outubro de 2000 e 15 de janeiro de 2001, pelas DEPs em dias para 160 kg e DEPs em dias para 240 kg de seus pais.

Agora, está sendo finalizada a construção do Centro Nacional de Avaliação de Reprodutores, no campus da Faculdade de Agronomia e Zootecnia de Uberaba, com inauguração prevista para 13 de

agosto. No local, será desenvolvida a segunda etapa do Touros do Futuro, sob a coordenação do superintendente técnico da ABCZ, Luiz Antônio Josahkian, o superintendente técnico-adjunto da ABCZ, Carlos Henrique Cavallari Machado e o superintendente financeiro da Fazu, Fábio Melo.

No dia 16 de agosto, começa a segunda fase, que deve durar 168 dias. Uma prova, combinando ganho em peso, conformação e medidas de circunferência escrotal e deposição de gordura na carcaça, que vai selecionar os touros para a fase seguinte, no pasto, para avaliar a fertilidade dos tourinhos. "Essa etapa é conduzida pela Embrapa", explicou o presidente da ABCZ,

Rômulo Kardec de Camargos em seu discurso no dia do lançamento do programa touros do Futuro.

O Centro Nacional de Avaliação de Reprodutores tem 6,8 mil m² de currais construídos, com 952 m de cobertura.

"As instalações atendem aos padrões estabelecidos pela ABCZ para as provas de ganho de peso", ressaltou João Machado Prata Júnior, presidente do Conselho Curador da Fundagri.

Com o encerramento da Avaliação de Touros Jovens, os melhores serão conduzidos à ABS, para coleta e comercialização de sêmen. A central avisa que o material genético será comercializado a preços assimiláveis pelo mercado.



Centro nacional de avaliação: galpão construído no campus da Fazu, onde serão realizadas as PGP's do programa "Touros do Futuro"



Olésia Borges

Evento histórico

Em clima de comemoração do sucesso da Expozebu/2001, considerada a exposição dos recordes quebrados, além da expectativa da eleição e posse da nova diretoria da ABCZ, marcadas respectivamente para os dias

14 e 29 de agosto, a vitoriosa diretoria da entidade liderada pelo presidente Rômulo Kardec de Camargos, marcou, no último dia 26 de junho, mais um tento, na comemoração dos 67 anos da entidade.



Comemorações da milésima reunião da diretoria da entidade e dos 67 anos da ABCZ, com homenagem aos ex-presidentes e vários órgãos da imprensa do país

Tributo aos fundadores

Dentre as solenidades, os destaques ficaram por conta da inauguração do Templo Ecumênico no Parque Fernando Costa. Reinauguração do monumento aos fundadores, culminando com uma

bela festa, realizada no Centro de Eventos ABCZ. O registro histórico da reunião de número 1000 da ABCZ e as justas homenageados aos ex-presidentes da entidade e a órgãos de imprensa foram o ponto alto daquela significativa data.



O presidente da ABCZ Rômulo Kardec de Camargos homenageou também o ex-ministro da Agricultura Alysso Paulinelli

Visão Futurista

A atual diretoria da ABCZ entra para a história da entidade e de Uberaba com o diferencial do empreendedorismo, que marcou a gestão. A diretoria comandada pelo presidente Rômulo Kardec de Camargos deixa um valioso legado à pecuária nacional, além de obras definitivas incor-

poradas ao patrimônio de nossa cidade. A visão futurista do presidente Rômulo Kardec de estará marcada para sempre de forma concreta na entidade, através das obras realizadas por sua diretoria, como o majestoso Centro de Eventos ABCZ, inaugurado no início de abril.

Projeções visionárias

Os 67 anos da ABCZ foram marcados pela união do presente, passado e futuro. As comemorações e o marco histórico da reunião de número 1000 da entidade, resgataram as lutas e sucesso da associação, através da significativa homenagem prestada pela atual diretoria aos seus ex-presidentes e a vários órgãos

de imprensa do país. A urna lacrada foi colocada ao lado do mastro do pavilhão nacional no Parque Fernando Costa, contendo documentos e projeções para a ABCZ em 2034, (ano do centenário da ABCZ), é mais uma mostra da visão futurista da administração liderada por Rômulo Kardec de Camargos.

Presenças

Além dos diretores da ABCZ e das presenças dos ex-presidentes, representantes dos veículos de imprensa, familiares dos homenageados e dos dirigentes da entidade, destaque para as ilustres presenças do ex-ministro da agricultura Alysso Paulinelli, do presidente

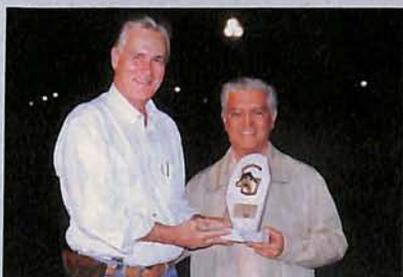
da CNA, Antônio Ernesto de Salvo, do diretor do Ministério da Agricultura e Pecuária Júlio Maria Puga, que na oportunidade representou o Ministro Pratini de Moraes, da presidente da Assogir, Lêda Ferreira Góes, das lideranças e autoridades da região, entre outros.

A força da parceria

A diretoria da Girolando, comandada pelo presidente Renato da Cunha Oliveira, comprovou durante a 12ª Exposição Nacional de Girolando, realizada no início de julho no Parque Fernando Costa, a importância e a força da parceria. Além da ABCZ, principal parceira daquela mostra, os dirigentes da Girolando reuniram durante aquele evento empresas e entidades que possibilitaram a organização em tempo recorde de uma exposição à altura da raça responsável por 80% do leite produzido no país.

Novidades

Além do 1º Workshop Girolando e da 1ª Mostra de Ovinos de Uberaba realizados paralelamente à Girolando/2001, aquela mostra contou pela primeira vez com uma grande participação feminina. Girolandistas de todo o país, entre criadoras e esposas de grandes criadores da raça, estiveram participando de todos os eventos daquela exposição de gado leiteiro. A primeira dama Girolando, Ilza Helena Kefalás Oliveira e suas companheiras não mediram esforços para receber em grande estilo em nossa cidade as girolandistas de vários cantos do país.



Os presidentes da ABCZ Rômulo Kardec de Camargos e da Girolando Renato da Cunha Oliveira com o seu troféu de Melhor Criador da Girolando/2001



O presidente e o vice presidente da Girolando Renato da Cunha Oliveira e Marcus Amaral Teixeira, principais responsáveis pelo sucesso da Girolando/2001

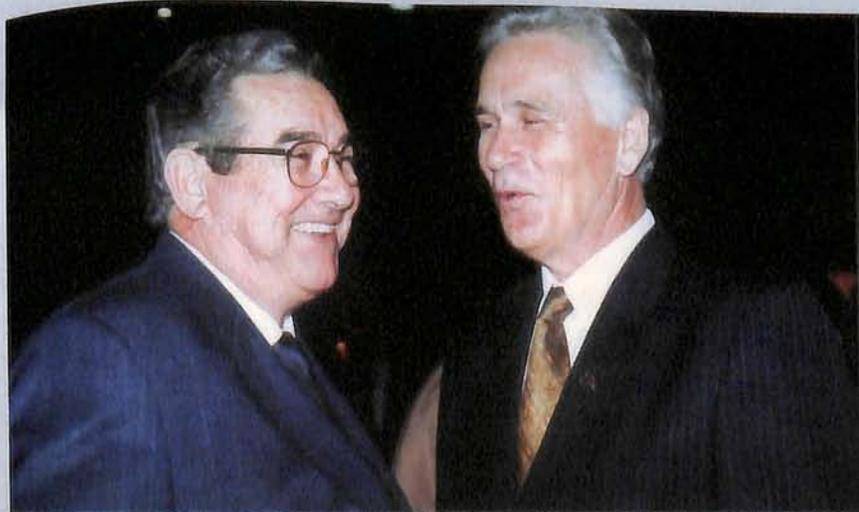


Nelma, Tereza, Ilza e Vânia anfitriãs das expositoras e visitantes da Girolando/2001

Café Colonial

Na tarde do dia 5 de julho, o salão Vip do palanque oficial do Parque Fernando Costa foi palco de um

descontraído encontro da ala feminina da Girolando, durante um Café Colonial organizado pela esposa do presidente da entidade e suas companheiras. Ilza Kefalás Oliveira, Tereza Cristina Prata dos Santos e a dinâmica equipe da Girolando contaram na oportunidade com a presença e a parceria da diretora da FAZU, Dionir Andrade, da presidente da BPW-Uberaba Ellen Gomes, Sueli Vasques do Escritório Regional do Sebrae, Ana Paula Borges do Shopping Center Uberaba, das representantes da ABCZ, Maria da Graça Martins de Camargos, Lucienne Machado Prata, Cíntia e Beia da Cozinha & Cia, além das expositoras e visitantes de várias partes do país, que participaram da Girolando/2001.



O presidente Rômulo Kardec de Camargos e o futuro presidente José Olavo Borges Mendes; a eleição e posse da nova diretoria da ABCZ acontecem em agosto

Motivar para a real precocidade sexual

“Com o desenvolvimento da automação e da produção de massa, vimos o aparecimento de um novo profissional, o homem que chega ao topo da escala, não pelo que é capaz de fazer com as coisas, mas pelo que pode fazer com as pessoas, por meio da comunicação.”



* Nelson Pineda

O empirismo no modelo de criação, as deficiências genéticas de nossos rebanhos, as precárias condições de exploração, o baixo nível tecnológico e a falta de uma política coerente de extensionismo e de fluxos contínuos de transferência de informação foram os principais motivos do fracasso de alguns dos modelos pecuários propostos nos últimos vinte anos. Os produtores a cada dia se conscientizam mais de que a eficiência e a qualidade do produto final condicionam o sucesso e o futuro da atividade pecuária.

O criador-empresário, que tem no seu rebanho a primeira fonte de renda, começa a perceber a diferença entre um animal excessivamente tratado e aquele apenas bem nutrido, porém com um potencial genético superior. Inicia-se o processo de decompor a eficiência do rebanho nos seus componentes: melhoramento ambiental, melhoramento genético e, sobretudo, a mudança de comportamento do criador, pois ele é a peça fundamental do processo. É ele quem vai gerar os dados, é a ele que devem retornar a informações, e é ele

quem deve tomar as decisões para cumprir o objetivo principal do processo: identificar os melhores indivíduos, em igualdade de condições, e tentar obter o maior número possível de filhos destes indivíduos.

Um grupo multidisciplinar

Um princípio básico, simples de entender e difícil de ser executado, deve condicionar toda a atividade do rebanho: seleção é comparar indivíduos geneticamente desconhecidos em igualdade de condições. Os animais devem receber o mesmo manejo e as mesmas oportunidades, para que as diferenças observadas sejam o mais próximo possível de diferenças genéticas e é o homem do campo que pode cumprir esta

exigência. Quando o criador compreende a importância deste conceito e aprende a trabalhar em grupos de manejo, entendendo o significado e a importância dos grupos contemporâneos, seus dados passam a ter qualidade e consistência. A motivação, através do convencimento sobre o retorno econômico do empreendimento, levará ao sucesso. O primeiro objetivo será transformar o melhorista em um aliado do selecionador, um

componente a mais para que ele obtenha sucesso. A subjetividade dos nossos peões, fruto do convívio íntimo com os animais, será transformada na ferramenta do dia-a-dia, através de uma rotina agradável, na qual o nosso homem do campo encontra na sua filosofia simples de seleção o porquê da necessidade de exatidão. Transformar a fazenda em um grupo multidisciplinar coeso, interativo onde cada elo — criador, peão, melhorista, zootecnista, agrônomo — tem uma função importante,

é sem dúvida uma grande tarefa de motivação.

A dura tarefa de motivar

A escolha de qualquer alternativa proposta exige o estudo de cada situação particular com

critérios que levem em consideração o mercado a ser atingido, as tendências sócioeconômicas, os níveis gerencial e operacional do empreendimento, a mão-de-obra disponível, o ambiente em que será implantado o projeto e os níveis nutricionais mínimos para o seu sucesso. Porém antes de iniciar o trabalho de melhoramento é necessário convencer o criador de que a seleção por fertilidade aporta um ganho econômico imediato.

*Mais importante que
um bezerro pesado
é um bezerro vivo.*

Uma vaca com intervalo entre partos de 12 meses produz em seis anos de vida produtiva seis bezerros. Outra, com intervalo entre partos de 18 meses, nos mesmos seis anos, produzirá quatro bezerros. É óbvio que a baixa fertilidade condiciona o sucesso econômico do empreendimento e reduz o número de indivíduos disponíveis para seleção, inviabilizando desta forma os programas de melhoramento. Aumentar a eficiência reprodutiva é condição indispensável para o melhoramento genético.

Taxa de desfrute do rebanho

Um sistema produtivo baseado na primeira parição aos quatro anos significa taxas de desfrute abaixo dos 15% e várias categorias de fêmeas vazias em recria. A primeira parição aos 36 meses implica duplicar a taxa de desfrute. Pensar em primeira parição aos 27 meses significa estar perto dos 40% de taxa de desfrute (Fries, 1995). Várias experiências têm mostrado que é

possível, em uma primeira geração de entoure(ato de entourar) precoce ao redor de 18 meses de idade, atingir taxas de prenhez entre 15 a 20%. As filhas dessas vacas "precoce", em um dos casos, tiveram uma taxa de prenhez entre 80-85% (Hill, 1995). É evidente que as condições ambientais dessas propriedades estão bem acima da média nacional. Sem pretender que esses níveis de produtividade possam ser generalizados a curto prazo, é tecnicamente possível recomendar o refugo das vacas vazias, fazer caixa, melhorar as pastagens e entourar as novilhas até os 24 meses de idade, o que significaria um impacto econômico imediato que dobraria a receita bruta pela duplicação da taxa de desfrute.

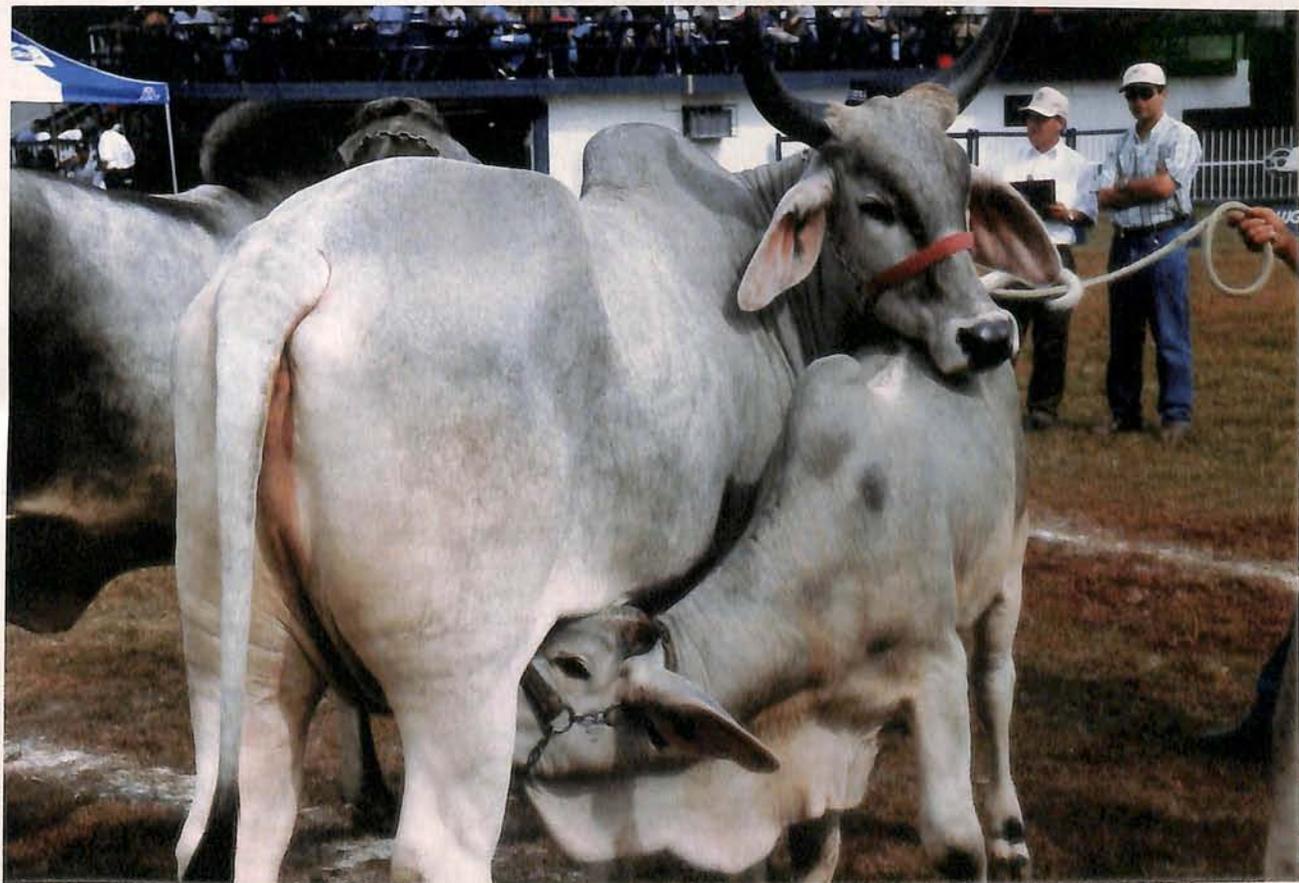
O desafio é selecionar fêmeas sem complicar o manejo e, depois, introduzir um sistema simples e eficiente de pesagens e medições, transformando dados em informação. Qualquer tentativa de seleção

de fêmeas para alta eficiência reprodutiva começa por um bom manejo sanitário e nutricional, com reservas alimentares conforme as exigências de cada categoria.

É necessário entender a importância do binômio mãe-filho, pois esta é a categoria mais exigente do ponto de vista nutricional e a que limita nossa produtividade. A melhor fêmea é aquela de menor idade ao primeiro parto, que emprega no início da estação de monta e que a cada ano desmama o bezerro mais pesado da propriedade.

Puberdade

A herdabilidade da idade na qual as fêmeas atingem a puberdade é alta; valores de herdabilidade de até 0.61 têm sido reportados. Cada fêmea tem sua própria idade à puberdade, que pode ser retardada por um ambiente desfavorável. A idade da puberdade em fêmeas é avaliada pelo primeiro cio fértil. É necessário que o criador dê oportunidade às novilhas para que esta



característica seja expressada, utilizando duas estações de monta curtas, a primeira no outono denominada *desafio da fertilidade* e decalada de alguns meses da estação de monta normal, quando as novilhas estão com 16-18 meses de idade. As novilhas vazias nesta primeira estação de monta teriam uma segunda chance na estação de monta normal da fazenda e as prenhes desta primeira estação de monta formariam um núcleo precoce de seleção, parindo fora da época normal na fazenda, e chegando à segunda estação de monta com o primeiro bezerro desmamado e em uma melhor condição corporal, resolvendo-se desta forma o grande problema de emprenhar a vaca primípara. Aumenta-se o intervalo entre partos da primeira para a segunda cria, porém ganha-se um bezerro a mais na vida produtiva da matriz pela diminuição da idade ao primeiro parto, como também se identificam as fêmeas mais precoces do rebanho. Alguns criadores pensam que a diminuição da idade ao primeiro parto poderia afetar a longevidade reprodutiva da vaca zebuína; nossa vivência de campo nos diz o contrário e também existem pesquisas que mostram que a seleção por puberdade determina a longevidade reprodutiva das fêmeas e o número potencial de crias a serem produzidas durante a vida útil da vaca.

Idade do primeiro parto

A seleção por peso quando bem conduzida do ponto de vista de manejo de fertilidade, deve concentrar no rebanho genes capazes de acelerar o início da vida reprodutiva. A consequência óbvia da puberdade tem que ser a idade ao primeiro parto. O aspecto nutricional é determinante: novilhas que recebem níveis nutricionais adequados e com maior potencial de ganho de peso pós-desmama, devem ser mais precoces e, em consequência, parir mais cedo. Mesmo com herdabilidade de

média a alta de 0.41 em zebu (AYALA, 1990), a resposta à seleção por idade ao primeiro parto está fortemente condicionada pelos níveis nutricionais da propriedade. Em condições precárias de alimentação não é possível exercer uma pressão de seleção sobre este parâmetro. A condição corporal da vaca primípara é fundamental para o sucesso na segunda estação de monta. Dentro de uma propriedade bem manejada, com estação de monta curta, com monta natural de touros jovens oriundos de rebanhos que trabalham com dados de produção, com uma equipe motivada, DEPs para idade ao primeiro parto poderiam estar disponíveis quando ainda os touros estão jovens.

Primeira data do parto (PDP)

A idade ao primeiro parto poderia não ser uma boa característica de seleção por precocidade a ser utilizada em países tropicais, como o Brasil, quando esta ocorre tardiamente e em geral é atrasada deliberadamente pelo criador. Segundo Bergmann (1998), a primeira data do parto pode ser uma característica de seleção de fêmeas que envolve o complexo precocidade-fertilidade. Ela é definida como o número de dias compreendido entre a data do início da estação de parição e a data do parto para determinada fêmea. Além de não apresentar as limitações do intervalo entre partos a data do parto apresenta herdabilidade entre 0,11 a 0,28 e repetibilidade de 0,11 a 0,34. Gressler reportou em 1988 em gado nelore uma herdabilidade de 0,11 da data do primeiro parto, evidenciando a existência de variabilidade genética para esta característica.

Um futuro certo para o melhoramento

Ao longo dos anos os criadores têm ouvido uma linguagem complicada, precisando de muita fé quando chegam a suas fazendas, para pesar, informar, preencher

papel e receber relatórios. Completaríamos a frase de Bergmann, (1997), assim: **“não compliquem, facilitem”, nos dêem lucro rápido e verão como o melhoramento faz sucesso.** Dentro deste contexto o programa de melhoramento deverá apresentar no mínimo algumas das características básicas definidas no Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ), ABCZ,1993:

1. Simples: requerendo apenas as informações e esforços imprescindíveis.

2. Eficiente: na extração das informações contidas nos dados coletados, sistemas robustos de processamento e rapidez no retorno desta informação ao criador.

3. Modular: permitindo atender os diferentes critérios de seleção.

4. Rentável: através do aumento da produtividade do rebanho e valorização comercial dos reprodutores com valores genéticos superiores.

5. Factível: Objetivos reais e metas a serem atingidas em condições que traduzam a realidade de nossos sistemas de produção.

Este conjunto de características conferem à informação obtida fácil aplicabilidade e contornos sócio-econômicos, pela maior produção de carne que vai ser transferida à próxima geração através da utilização e da venda de produtos geneticamente superiores, agregando valor aos nossos produtos, tornando-os mais competitivos. Dentro do contexto e das condições expostas, a frase de Fries (1997) já é uma realidade: **“O melhoramento genético deixou de ser um assunto puramente acadêmico para se tornar um catalisador de muitas mudanças que estão acontecendo e, ao mesmo tempo, um insumo tecnológico necessário e aplicado.”**

* Nelson Pineda é proprietário da Faz. Paredão, em Oriente (SP).
pineda@mii.zaz.com.br

Assado de panela francês com molho de vinho tinto

* Alberto Sternick



Bufett Michel
(34) 3313-3353

Ingredientes:

3 maminhas
2 xícaras de cebolas picadas
3 xícaras de cenoura em rodela
s
2 xícaras de alho porró em rodela
s
½ xícara de vinagre de vinho tinto
s
1 ½ xícara de aipo picado
2 dentes de alho espremidos
3 ramos de salsinha
1 saquinho de ervas de provence
4 a 5 xícaras de vinho tinto seco
¼ xícara de farinha de trigo
2 colheres de sopa de óleo
sal, pimenta do reino moída na hora

Modo de preparar:

Na véspera

Colocar a carne em uma panela. Em outra panela, misturar o vi-

nagre, 1 ½ xícara de cebola, 1 ½ xícara de cenoura, 1 xícara de aipo, alho porró, alho espremido e a salsa junto com as ervas de provence. Mexa sempre, até levantar fervura. Depois, derrame a mistura sobre a carne. Acrescente vinho suficiente para cobrir a carne. Temperar com sal e pimenta. Tampar bem e pôr na geladeira por uma noite.

No dia seguinte

Retire a carne, escorrendo a mistura. Reserve o líquido em três xícaras, descartando o restante e os legumes. Acerte o tempero com sal e pimenta. Doure a carne em uma panela por todos os lados. Retire e reserve-a em lugar quente. Na panela em que foi dourada a carne, coloque o restante da cebola, cenoura e aipo. Cozinhe mexendo até a cebola amolecer. Junte a farinha

de trigo e mexa para misturar bem. Junte o caldo de carne e as três xícaras do caldo reservado. Quando a mistura engrossar um pouco, pôr a carne e tampar. Cozinhe em fogo baixo por uma hora e meia, ou até que a carne tenha amaciado bem. Após o cozimento, retire a carne e mantenha em lugar quente. Apure o molho até a consistência desejada. Fatiar a carne e servir com molho.

Rendimento: uma porção para seis ou oito pessoas.



* Alberto Sternick, engenheiro-civil, é ex-presidente do Clube Gourmet de Minas Gerais, sediado em Belo Horizonte. - albertosternick@uol.com.br



Associação Brasileira dos Cr
Superintendência de Melhoramento Ge
Melhores Matrizes Produtoras Particip

RAÇA: GIR**CATEGORIA: PO**

Proprietário	Fazenda	Município/UF	Nome da matriz	RG
Adherbal Góes Controlador : (Credenciado) Cláudio Cândido de Oliveira	Canaã D'Gal	Goianira / GO	Xandara da Fav. Viola da Fav. Nitria	AA6214 AA1395 U9258
Alberto Pereira Nunes Filho Controlador : (Credenciado) Cláudio Cândido dev Oliveira	São José	Trindade / GO	Bastilha da São José Nandaia Te Brasília Ligeira da Cal	ANF 3160 AB4011 CAL 4209
Ângelus Cruz Figueira Controlador : (Sede/ABCZ) Vanderley Alves Andrade	Terras de Kubera	Uberaba / MG	C. A. Grosélia ST TE Efalç Pampa Lageado FB Sacada	V4560 EFC 224 FBGA 5179
Bráulio Queiroz Pinheiro Controlador : (Sede/ABCZ) Vanderley Alves Andrade	Nova Estiva	Buritizal / SP	Orquídea da Poty VR Hialita da NE Narda da Poty VR	VRPG 1012 BQP 479 VRPG 975
Dirceu Azevedo Borges Controlador : (Sede/ABCZ) Vanderley Alves Andrade	Milenium	Uberaba / MG	Opala TE Brasília Fábrica da Cal Hortência Cal	RRP 4191 AA6996 AB3967
EMBRAPA Controlador : (Cred.) Augrizônio dos Santos Bacalhau	Campo Exp. João Pessoa	Umbuzeiro / PB	Habena Umbuzeiro Habanera Umbuzeiro Formosa Umbuzeiro	V52 V41 U2571
EMEPA Controlador : (Cred.) Augrizônio dos Santos Bacalhau	Campo Exp. João Pessoa	Umbuzeiro / PB	Joaninha Umbuzeiro Jéssica Umbuzeiro Jaya Umbuzeiro	V60 V56 V68
Fábio André Controlador : (Credenciado) Cláudio Cândido de Oliveira	Estância Royal	Hidrolândia / GO	Ravana FAN Fragata FAN Dozada FAN	X3823 FAN 1288 AB4680
Guilherme de Melo Masci Controlador : EMATER / Curvelo / MG	Flores e Mangabeiras	Morro da Garça / MG	Casaca Saracura Belga	GMMA 89 AB1754 AA7092
Hilton da C. Peixoto Controlador : ETR / São Luiz / MA	Uraim	Paragominas / PA	Belga Eve. II TE HCP	HCP 70
João Feliciano Ribeiro Controlador : EMATER / Paraopeba / MG	São Bento	Paraopeba / MG	Gorakia Florinda Fragata	JFR 1364 AB2186 AB2214
João Machado Prata Júnior Controlador : (Sede/ABCZ) Vanderley Alves Andrade	Aprazível	Água Cumprida / MG	Kalua DP Babayara DP Babangida DP	DPJ 107 DPJ 119 DPJ 122
Joaquim Domingos Roriz Controlador : Assoc. dos Criadores de Zebu do Planalto	Palma	Luziânia / GO	Muamba de Bras. Hilária Abide Cal. Buba da Palma	AB3070 AB3969 AB7804
José Francisco Junqueira Reis Controlador : (Credenciado) Antônio Araújo da Costa	São Francisco de Assis	Lins / SP	Sonata S. Humberto Sequoia S. Humberto Expande da Sto. Humbe	JFSA 406 JFSH 158 AA6264
José Maria de Souza Controlador : (Credenciado) Marcos Luiz Vieira Soares	Santa Edwiges	Açucena / MG	Época TE Pati Cal Oliveira TE Brasília Caçula S. Edwiges	AA6983 RRP 4176 RIG 37

criadores de Zebu - ABCZ
gênético - Serviço de Controle Leiteiro
antes do Controle Leiteiro da ABCZ 2000

Crêterios de seleção:

Foram selecionadas de cada proprietário participante do C.L. até 03 (três) matrizes de cada raça e categoria, que tiveram suas lactações encerradas no período de 01/01/00 até 31/12/00 e que atingiram no mínimo 2.000 kg de leite até aos 305 dias de lactação.

Idade da matriz no parto	R A	Data do parto	Data da secagem	Per. lact.	Produção até aos 305 dias	% M.G.	Produção até aos 365 dias	% M.G.
8 anos/ 6 meses	2	02/05/00	30/03/01	332	4.084,54	-	4.268,22	-
9 anos/ 9 meses	2	27/05/00	25/02/01	274	3.257,35	-	-	-
16 anos/ 10 meses	2	15/04/00	25/01/01	285	2.865,07	-	-	-
4 anos/ 4 meses	2	06/02/00	05/01/01	334	6.155,37	-	6.470,78	-
5 anos/ 3 meses	2	16/03/00	05/01/01	295	5.206,10	-	-	-
3 anos/ 6 meses	2	13/05/00	10/02/01	273	4.468,30	-	-	-
2 anos/ 11 meses		15/03/00	04.04.01	385	5.796,08	3,8	6.705,13	3,5
4 anos/ 10 meses		05/02/00	07.02.01	368	5.500,64	3,9	5.999,95	3,9
2 anos/ 2 meses		04/05/00	04.04.01	335	2.962,81	3,5	3.098,04	3,6
4 anos/ 10 meses	2	16/06/00	26/04/01	314	3.248,43	-	3.321,74	-
3 anos/ 5 meses	2	24/05/00	29/03/01	309	3.101,37	-	3.127,13	-
6 anos/ 1 mês	2	18/05/00	26/04/01	343	3.026,85	-	3.279,78	-
4 anos/ 8 meses	2	12/04/00	04/05/01	387	5.467,32	3,6	6.182,22	3,5
8 anos/ 11 meses	2	28/03/00	04/05/01	402	4.496,65	3,7	4.946,20	3,7
6 anos/ 3 meses	2	17/03/00	10/03/01	358	3.809,34	3,8	3.957,12	4,0
7 anos/ 2 meses	2	30/01/00	27/01/01	363	5.072,81	4,6	5.393,09	4,7
7 anos/ 6 meses	2	19/06/00	15/06/00	361	5.006,74	4,5	5.401,87	4,4
9 anos/ 10 meses	2	26/04/00	23/03/01	331	4.018,75	4,7	4.137,43	4,8
5 anos/ 9 meses	2	29/05/00	15/06/01	382	4.698,47	4,9	5.072,57	4,7
6 anos/ 1 mês	2	03/04/00	23/03/01	354	3.519,84	5,2	3.800,62	5,3
5 anos/ 7 meses	2	02/06/00	15/06/01	378	2.730,28	4,9	3.011,20	4,7
13 anos/ 7 meses	2	02/07/00	02/04/01	274	3.961,94	-	-	-
4 anos/ 1 mês	2	20/06/00	02/04/01	286	3.564,84	-	-	-
5 anos/ 8 meses	2	28/06/00	02/04/01	278	3.521,50	-	-	-
6 anos/ 9 meses	2	22/04/00	23/05/01	396	4.940,66	3,5	5.501,56	3,6
6 anos/ 8 meses	2	06/06/00	28/02/01	267	3.041,88	3,4	-	-
10 anos/ 4 meses	2	10/07/00	28/02/01	233	2.895,72	2,9	-	-
3 anos/ 7 meses	2	03/02/00	15/02/01	378	3.540,39	-	4.241,37	-
5 anos	2	01/02/00	22/02/01	387	3.863,04	6,0	4.391,34	5,9
7 anos/ 6 meses	2	16/06/00	18/05/01	336	3.758,37	5,6	3.916,95	5,7
7 anos/ 7 meses	2	06/07/00	18/05/01	316	3.592,62	3,8	3.656,46	3,9
2 anos/ 9 meses	2	01/09/00	26/05/01	267	2.819,49	3,7	-	-
2 anos/ 2 meses	2	10/08/00	26/05/01	289	2.658,46	4,7	-	-
2 anos/ 1 mês	2	12/08/00	26/05/01	287	2.393,14	3,3	-	-
6 anos/ 11 meses	2	08/07/00	03/04/01	269	3.472,84	-	-	-
6 anos/ 11 meses	2	20/05/00	03/04/01	318	3.300,03	-	3.396,29	-
5 anos/ 6 meses	2	10/07/00	11/05/01	305	3.294,75	-	-	-
6 anos	2	18/06/00	16/06/01	363	3.706,27	1,6	4.188,42	2,0
5 anos/ 6 meses	2	21/04/00	18/04/01	362	3.605,15	2,0	4.034,75	2,3
10 anos/ 9 meses	2	28/06/00	18/05/01	324	3.204,87	1,3	3.276,15	1,5
9 anos/ 11 meses	2	14/08/00	17/05/01	276	4.835,76	-	-	-
5 anos/ 1 mês	2	18/08/00	18/04/01	243	4.252,12	-	-	-
3 anos/ 8 meses	2	28/06/00	18/04/01	294	4.189,92	-	-	-

PMGZ

Proprietário	Fazenda	Município/UF	Nome da matriz	RG
Léo Machado Ferreira Controlador : Assoc. dos Criadores de Zebu do Planalto	Mutum	Alexânia / GO	Safira 3R B. Monte Olaria 3R B. Monte Preciosa 3R B. Monte	S6497 AB1292 U9783
Lúcio Rodrigues Gomes Controlador: (Credenciado) Antônio Luiz da Costa Oliveira	Valão do Cedro	Itaperuna / RJ	Inajá Griffe Cal Impoméia Cal. Safira da Sil.	AB3979 AB3999 EFC 331
Luiz Antônio Figueiredo Controlador : (Credenciado) Cláudio Cândido de Oliveira	Olhos D'Água	Goiânia / GO	Dindra O. D'Água Babilônia O. D'Água Essência O. D'Água	LAF 66 AB2701 LAF 104
Luiz Antônio Peres Flores Controlador : (Credenciado) Cláudio Cândido de Oliveira	Taquaral de Cima	Vianópolis / GO	Doçura Faísca da GB Hélíce da GB	AB514 X9280 AB2768
Lutz Viana Rodrigues Controlador : (Credenciado) Antídio dos Reis e Silva Neto	Cinelândia	Lajedão / BA	Alfenas da Cinel. Portela da Vit. Ginga da Cinel.	AB47 V9545 AB52
Marcello Moraes de Souza Controlador : (Credenciado) Cláudio Cândido de Oliveira	Bom Sucesso	Abaeté / MG	Circe Laguna Alvorada	AB1753 MMS 409 AB5042
Marco Antônio Andrade Barbosa Controlador : (Sede/ABCZ) Vanderley Alves Andrade	Rancho 1000	Uberaba / MG	Matutina da Cal Leide Cal	CAL 4255 CALL 755
Omar Murta de Andrade Controlador : EMATER / Marilac / MG	Do Bugre	Marilac / MG	Íbis do Bugre Índia do Bugre	AA8214 AA8220
Org. Mamede Mussi Controlador : (Cred.) Marcos Sampaio de Almeida Prado	Estância 2M	Barretos / SP	Duqueza da RN Klarissa da 2M	X7373 AB953
Paulo Horta B. Silva Controlador : Assoc. dos Criadores de Zebu do Planalto	Hermínia	Brasília / DF	Dinastia da Esteio	AB7813
Saul Vilela Controlador : EMATER / Governador Valadares / MG	Vitrine Valadares / MG	Governador	Deusa da Vit. Clarinetta da Vit. Lanterna da Vit.	AA6957 X6642 AA3165
Sílvio Queiroz Pinheiro Controlador : (Sede/ABCZ) Vanderley Alves Andrade	Alto da Estiva	Buritizal / SP	Heroína A. Estiva Herança A. Estiva Honraria A. Estiva	SQPA 151 SQPA 153 33
Walter Alves Controlador : EMATER / Carangola / MG	Sítio Boa Sorte	Tombos / MG	Pecadora Soberba Águia	MAN 125 AA1415 15
RAÇA: GIR	CATEGORIA: LA			
Adelmo Carneiro Leão Controlador : (Sede / ABCZ) Vanderley Alves de Andrade	Sítio Paraíso	Conquista / MG	Poesia da EPAMIG Sueta da EPAMIG Reforma da EPAMIG	D180 D4537 C3758
Agropec. Ponte Alta Ltda. Controlador : ETR / Belo Horizonte / MG	Ponte Alta	Ponte Alta / MG	Boneca da CMS Canária da CMS Estimada da CMS	D8583 D8581 D8577
Ângelus C. Figueira Controlador : (Sede / ABCZ) Vanderley Alves de Andrade	Terras de Kubera	Uberaba / MG	FB Mancha	D789
Bráulio Q. Pinheiro Controlador : (Sede / ABCZ) Vanderley Alves de Andrade	Nova Estiva	Buritizal / SP	Extrema da NE Galena da NE Flauta da NE	BQP 363 BQP 421 D4601

PMGZ

Idade da matriz no parto	R A	Data do parto	Data da secagem	Per. lact.	Produção até aos 305 dias	% M.G.	Produção até aos 365 dias	% M.G.
5 anos/ 1 mês	3	12/07/00	16/06/01	339	7.768,55	-	8.175,85	-
7 anos/ 10 meses	2	14/06/00	16/06/01	367	4.954,41	-	5.669,67	-
6 anos/ 5 meses	2	01/06/00	24/03/01	296	4.881,59	-	-	-
6 anos	2	08/06/00	01/04/01	297	4.942,18	0,8	-	-
5 anos/ 5 meses	2	07/06/00	02/05/01	329	4.336,08	0,8	4.585,68	1,1
2 anos/ 10 meses	2	14/07/00	01/06/01	322	3.313,43	-	3.454,81	-
4 anos/ 8 meses	2	30/05/00	21/03/01	295	3.712,93	-	-	-
6 anos/ 3 meses	2	31/03/00	21/03/01	355	3.501,48	-	3.846,81	-
3 anos/ 5 meses	2	07/05/00	21/03/01	318	3.288,30	-	3.383,68	-
9 anos/ 4 meses	2	01/04/00	28/02/01	333	4.109,29	-	4.379,17	-
7 anos/ 10 meses	2	20/05/00	07/04/01	322	2.447,38	-	2.547,26	-
5 anos/ 7 meses	2	06/06/00	07/04/01	305	2.234,28	-	-	-
5 anos/ 11 meses	2	13/09/00	14/06/01	274	3.212,73	-	-	-
11 anos/ 1 mês	2	24/07/00	15/04/01	265	2.621,71	-	-	-
5 anos/ 4 meses	2	13/05/00	14/01/01	246	2.482,69	-	-	-
6 anos/ 5 meses	2	10/04/00	20/03/01	344	4.116,40	-	4.364,88	-
5 anos/ 8 meses	2	28/06/00	20/03/01	265	3.465,06	-	-	-
6 anos/ 6 meses	2	29/06/00	20/03/01	264	3.237,67	-	-	-
3 anos/ 2 meses	2	12/06/00	11/06/01	364	4.202,46	-	4.942,47	-
4 anos	2	24/10/00	05/05/01	193	2.667,93	-	-	-
7 anos/ 9 meses	2	07/06/00	12/05/01	339	2.797,40	4,8	2.966,08	4,9
7 anos/ 4 meses	2	13/05/00	14/04/01	336	2.221,92	4,6	2.358,30	4,9
11 anos/ 5 meses	2	13/02/00	04/02/01	357	4.956,18	-	5.441,51	-
6 anos/ 1 mês	2	02/06/00	04/06/01	367	4.847,67	-	5.501,23	-
3 anos/ 3 meses	2	28/05/00	13/06/01	381	9.289,58	-	10.716,00	-
8 anos/ 5 meses	2	04/07/00	12/04/01	282	2.348,78	4,9	-	-
2 anos/ 8 meses	2	28/06/00	11/05/01	317	2.254,41	5,9	2.304,86	6,0
11 anos/ 4 meses	2	25/06/00	08/03/01	256	2.241,13	5,1	-	-
5 anos/ 4 meses	2	15/07/00	07/06/01	327	3.359,02	-	3.445,72	-
5 anos/ 2 meses	2	18/05/00	27/04/01	344	2.871,33	-	3.147,18	-
5 anos/ 2 meses	2	28/06/00	07/06/01	344	2.868,24	-	3.048,69	-
4 anos/ 1 mês	2	24/07/00	16.05.01	296	5.277,42	-	-	-
12 anos/ 2 meses	2	19/05/00	17.02.01	274	5.161,36	-	-	-
8 anos/ 2 meses	2	30/05/00	15.04.01	320	4.443,72	-	4.566,80	-
7 anos/ 3 meses	2	26/09/00	30/05/01	246	3.068,20	2,4	-	-
5 anos	2	24/05/00	15/02/01	267	2.843,38	1,8	-	-
6 anos/ 2 meses	2	28/08/00	21/03/01	205	2.841,25	3,0	-	-
7 anos/ 4 meses	2	21/07/00	15/05/01	298	2.521,86	-	-	-
7 anos/ 8 meses	2	03/07/00	11/04/01	282	2.487,71	-	2.388,67	-
6 anos	2	08/04/00	13/03/01	339	2.258,17	-	-	-
7 anos/ 8 meses	3	06/06/00	02/05/01	330	4.914,87	3,5	5.002,45	3,7
6 anos/ 8 meses	2	18/06/00	26/04/00	312	3.082,12	-	3.135,39	-
5 anos/ 1 mês	2	03/06/00	26/04/00	327	2.979,37	-	3.142,37	-
5 anos/ 6 meses	2	26/05/00	26/04/00	335	2.975,74	-	3.168,64	-

PMGZ

Proprietário	Fazenda	Município/UF	Nome da matriz	RG
Dirceu A. Borges Controlador : (Sede / ABCZ)	Milenium Vanderley Alves de Andrade	Uberaba / MG	Oficina 3R B. Monte	D4501
EPAMIG Controlador : (Sede / ABCZ)	Experimental Getúlio Vargas Vanderley Alves de Andrade	Uberaba / MG	Lagarta da EPAMIG Najuna da EPAMIG Loessa da EPAMIG	D452 D6045 D453
Joaquim Domingos Roriz Controlador : Assoc. dos Criadores de Zebu do Planalto	Palma	Luziânia / GO	Havana da Palma Escrita Zagua Cal. Jornada da Palma	D7030 D1265 D2059
Joé Carlo Viana Valle Controlador : Assoc. dos Criadores de Zebu do Planalto	Malunga	Brasília / DF	Itália Arca Gilda PH	D7025 D7053 D2014
José Francisco Junqueira Reis Controlador : (Credenciado)	São Francisco de Assis Antônio Araújo da Costa	Lins / SP	Oliveira TE da SH Novidade Sto. Humberto Mimosa S. Humberto	D3384 D3391 D1878
Marco A. A. Barbosa Controlador : (Sede / ABCZ)	Rancho 1000 Vanderley Alves de Andrade	Uberaba / MG	C.A. Sauva-LA 2	KCAK 902
Sílvio Queiroz Pinheiro Controlador : (Sede / ABCZ)	Alto da Estiva Vanderley Alves de Andrade	Buritizal / SP	Darroberta A. Estiva Escuna A. Estiva Hospedeira A. Estiva	D711 D773 SQPA 159
RAÇA: GIM	CATEGORIA: PO			
Joaquim Domingos Roriz Controlador : Assoc. dos Criadores de Zebu do Planalto	Palma	Luziânia / GO	Balarda do EV Calada da Palma Canção da Palma	KB1679 KB4952 KB4950
Luiz Antônio Peres Flores Controlador : (Credenciado)	Taquaral de Cima Cláudio Cândido de Oliveira	Vianópolis / GO	Beleza Dama das Flores Gamela das Flores	K7091 KB1547 KA9286
RAÇA: GIM	CATEGORIA: LA			
EPAMIG Controlador : (Sede / ABCZ)	Experimental Getúlio Vargas Vanderley Alves de Andrade	Uberaba / MG	Todalha da EPAMIG Urcana da EPAMIG	Z3190 FGVM 2
Joé Carlo V. Valle Controlador : Assoc. dos Criadores de Zebu do Planalto	Malunga	Brasília / DF	Mamona Briza	Z5104 Z5112
RAÇA: GUZ	CATEGORIA: PO			
EMBRAPA Controlador : (Cred.) Paulo	Campo Exp. de Alagoinha Leonardo Correia Guedes	Alagoinha / PB	Lisboa de Alagoinha	I7609
EMEPA Controlador : (Cred.) Paulo	Campo Exp. de Alagoinha Leonardo Correia Guedes	Alagoinha / PB	Mimosa de Alagoinha Moeda de Alagoinha Lenda de Alagoinha	I7682 I7660 I7623
Palestina Agropast. Ltda. Controlador : (Credenciado)	Palestina Leonardo de Castro Peixoto	Unai / MG	Camurça PEAC Castanhola PEAC	PEAC 33 PEAC 36
Sinval Martins de Melo Controlador : (Cred.o)	Taboquinha Marcelo Joaniz Vieira Abrantes	Itambacuri / MG	Hungria TE Taboq. Jade TE Taboquinha Intrusa Taboquinha	TABO 632 TABO 741 TABO 730
Teotônio Agropecuária Ltda. Controlador : ETR / Fortaleza / CE	Teotônio	Quixeramobim / CE	Violada da Teot. Xenomania da Teot. Xapana da Teot.	TAL 2221 2284 2235

PMGZ

Idade da matriz no parto	R A	Data do parto	Data da secagem	Per. lact.	Produção até aos 305 dias	% M.G.	Produção até aos 365 dias	% M.G.
7 anos/ 9 meses	2	23/03/00	10/02/01	324	3.524,87	3,8	3.623,35	4,0
10 anos/ 8 meses	2	01/03/00	23/03/01	387	4.787,07	-	5.265,07	-
8 anos/ 6 meses	2	04/04/00	01/06/01	423	4.294,89	-	4.841,19	-
11 anos/ 2 meses	2	30/04/00	21/04/01	356	4.253,18	-	4.635,06	-
5 anos	2	25/08/00	16/06/01	295	2.941,59	-	-	-
9 anos/ 3 meses	2	28/02/00	11/05/01	438	2.675,22	-	3.141,87	-
14 anos/ 9 meses	2	11/05/00	11/05/01	365	2.291,36	-	2.683,54	-
5 anos/ 8 meses	2	26/04/00	17/03/01	325	2.597,10	-	2.671,50	-
8 anos/ 2 meses	2	31/05/00	17/04/01	321	2.524,49	-	2.592,97	-
9 anos/ 9 meses	2	26/05/00	17/04/01	326	2.409,43	-	2.490,81	-
9 anos/ 8 meses	2	21/06/00	16/06/01	360	5.025,55	1,8	5.611,08	2,0
10 anos/ 9 meses	2	01/05/00	18/05/01	382	4.698,97	2,1	5.330,57	2,1
11 anos/ 5 mese	2	14/03/00	16/03/01	367	3.779,95	2,1	4.309,91	2,2
4 anos/ 1 mês	2	05/07/00	11/06/01	341	5.595,83	-	6.117,34	-
8 anos/ 2 meses	2	24/03/00	02/03/01	343	2.590,69	-	2.807,07	-
8 anos/ 4 meses	2	06/07/00	27/04/01	295	2.461,18	-	-	-
4 anos/ 11 meses	2	23/03/00	02/03/01	344	2.369,22	-	2.590,73	-
10 anos/ 9 meses	2	01/05/00	11/05/01	375	2.708,10	-	3.133,25	-
4 anos/ 8 meses	2	25/05/00	11/05/01	351	2.614,31	-	3.121,12	-
5 anos	2	10/08/00	11/05/01	274	2.333,38	-	-	-
13 anos/ 2 meses	2	30/03/00	28/02/01	335	4.027,74	-	4.256,57	-
8 anos/ 8 meses	2	01/06/00	07/04/01	310	3.274,83	-	3.307,88	-
5 anos/ 8 meses	2	30/03/00	28/02/01	335	3.021,66	-	3.223,56	-
4 anos	2	08/05/00	21/04/01	348	2.970,41	-	3.189,27	-
3 anos/ 4 meses	2	05/08/00	21/04/01	259	2.699,59	-	-	-
5 anos/ 11 meses	2	02/05/00	17/03/01	319	2.627,17	-	2.677,71	-
7 anos/ 8 meses	2	08/06/00	17/04/01	313	2.412,67	-	2.451,08	-
6 anos/ 3 meses	2	04/09/00	01/06/01	270	2.266,80	-	-	-
4 anos/ 9 meses	2	28/05/00	29/06/01	397	3.852,72	-	4.434,22	-
4 anos/ 10 meses	2	10/04/00	09/03/01	333	3.260,27	-	3.408,43	-
6 anos/ 3 meses	2	03/09/00	06/04/01	215	2.937,28	-	-	-
3 anos/ 2 meses	2	30/06/00	17/05/01	321	3.256,03	-	3.358,19	-
3 anos/ 2 meses	2	10/07/00	23/06/01	348	2.543,18	-	2.690,14	-
4 anos	2	22/06/00	23/06/01	366	3.508,36	-	4.055,13	-
2 anos/ 11 meses	2	10/07/00	17/05/01	311	2.526,53	-	2.552,15	-
3 anos/ 1 mês	2	30/06/00	17/05/01	321	2.423,24	-	2.493,25	-
5 anos/ 6 meses	2	03/07/00	05/05/01	306	4.036,68	-	4.046,99	-
4 anos/ 9 meses	2	23/01/00	02/01/01	345	3.649,98	-	3.961,44	-
5 anos/ 9 meses	2	25/10/00	10/06/01	161	2.240,55	-	-	-

• **Fotografar seu gado ou fazenda** Rubens Sales (Rubinho) fotógrafo profissional especializado em fotografias de animais de elite para anúncios em revistas especializadas e catálogos. Fone: (34) 9990-0164

• **Novilhas, Matrizes** e reprodutores gir leiteiro Fazenda Nova Estiva, cria e seleciona gir ("Aqui o gir é leiteiro") com controle leiteiro oficial ABCZ/Embrapa. Temos à venda matrizes e novilhas com controle leiteiro oficial e reprodutores com ascendência leiteira. Venha e conheça os nossos animais. www.brp.vet.br/novaestiva Telefone: (016) 3729.3870 E-mail: rbpinheiro@hotmail.com

• **Moreira Pena Abecedário e jogos de números** (em aço inox e ferro comum - conforme padrão do SRGRZ). **Tinta para tatuador**, letras e marcas avulsas, sacolas para marcas. Antônio Moreira. Uberaba (MG). (034) 3313-4390; 9972-0086

• **Vende-se** afiadores de faca EZ Sharpener e outros produtos do gênero. **Carlúcio. Uberaba (034) 3336-6915; 9972-2017**

• **Ponto de Negócios**, compra e venda de bovinos para abate com representação de frigoríficos. Comércio de gado para cria, recria e engorda. Compras à vista e a prazo. Telefone: 0**343312-0314 e 99780088

• **Pônei** e mini pônei de diversas pelagens para lazer e criação. Telefone: (034) 3312-0314 e 99780088

• **Curso de confinamento** a Land Camp Tours oferece cursos de confinamento de gado, realizados em Amarillo-Texas, o maior centro de pecuária dos Estados Unidos. www.landcamp.com.br telefone: 19 3256 3486 Fax: 19 3256 3486 E-mail: jhawk64@mpc.com.br

• **Nelore RKC** tourinhos e no-

vilhas de qualidade, filhos de campeões, por ins. art., participantes do PMGZ ABCZ. Uberaba. Rômulo Kardec de Camargos. (34) 3312-4333. Fazenda Ouro Verde, c/ José Antônio - (34) 9972-8788.

• **Girolando RKC** - novilhas registradas nos graus de 1/2 sangue e 3/4 de sangue, com prenhez positiva ou vazias para receptoras. Uberaba. Rômulo Kardec de Camargos (34) 3312-4333. Fazenda Linda Flora, c/ José Antônio - (34) 9972-8788

• **Sêmen gado simental** campeões internacionais 50,00 dólares - sêmen e embriões dos campeões nacionais dos EUA gado simental criado a campo com ganho de peso 600 kilos em 12 meses especialista disponível para consulta do melhoramento do seu gado. Telefone: 407 5215937 Fax: 4075215937 E-mail: Molinari_import_export@hotmail.com

• **Sêmen Jaipur** RGD A5559 vende-se ou troca-se sêmen do touro Jaipur-A5559-filho de Marajá-A1648 e Cora I-F8520 Touro POI fechado na linhagem Taj Mahal. Henrique Martins Gomes (062)444 1011 (062)-99662011 email: faz.matazul@netmaxi.com.br

• **Controller de propriedade rural** faça da sua propriedade rural uma empresa, estabelecendo métodos e tecnologia compatíveis com a atividade vislumbrando lucros. Com experiência no campo há doze anos, estou apto a assumir um cargo para tal finalidade, sendo que concluí o curso de Economia em novembro de 2000. Telefone: (14) -68223928 E-mail: econed@bol.com.br - Edgar

• **Sêmen nelore** vendo sêmen do Ludy (30 doses) e do Gim (100 doses com nota. Informações Telefone: 65-5315041 E-mail: jpmaues@terra.com.br João

• **Touros Nelore** Reprodutores

R\$ 1.000 - Necessito vender touros nelore reprodutores. Aproximadamente 1000 cabeças. E-mail: jmacarrao@bol.com.br

• **Agrolida = Experiência.** Consultoria e assessoria de técnicos especializados em pecuária de corte, melhoramento do nelore e agricultura sustentável pelo plano direto. Consultor Engº Fernando P. Cardoso (fundador e ex-presidente da Manah), telefone: (11) 3064-8776 agrolida@ig.com.br

• **Identifique seu rebanho** Jogos de números - Abecedário, Tintas para tatuador - Tatuadores, marcas e letras avulsas - 100% Inox Fone (034) 9972-0086 - Telefax (034) 3313-4390

• **Novo site Balanças Acores** <http://www.balancasacores.com.br> Conheça o tronco metálico móvel, curral metálico móvel, creep feeding, embarcadouro e nossos demais produtos: balanças para bovinos, suínos, rodoviárias, industriais, rodoferroviárias, ferroviárias, balança eletrônica de barras, roçadeiras de arrasto. BALANÇAS AÇORES a garantia da marca. fone/fax: (43)254-1331

• **Administrador rural e inseminador.** Oferece para trabalhar na região ou em qualquer parte do país. Evanohe Ruvier. Uberaba (34) 9968-9705

• **Compra e venda de bovinos para abate.** Representação de frigoríficos. Comércio de gado para cria/recria e engorda. Compras à vista e a prazo. Galeria De Ville. Uberaba (MG). (34) 3312-0314 e 9978-0088.

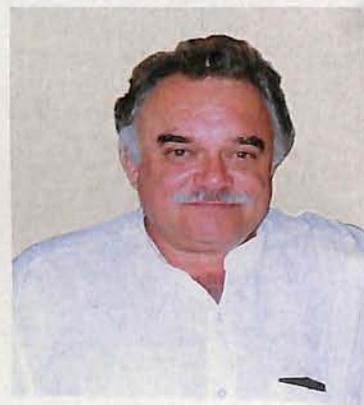
• **Zootecnista autônomo,** credenciado ABCZ/ACNB para todas as raças zebuínas. Organizador de exposições e leiloeiro rural. Odilmar da Silva Vargas. Caldas Novas (GO). (62) 9983-9801. Fax: (62) 453-3340 e 453-1868.

NOVOS SÓCIOS

- Adaldio José de C. Filho nº 10999**
Novo Horizonte MG
- Ademir Antônio Ghiggi nº 11781**
Imperatriz MA
- Adinalte João Beltrame nº 11809**
Vila Velha ES
- Agrop. Cunha da Câmara nº 11819**
Rio Verde GO
- Agrop. Pinguim S/A nº 11763**
Belém PA
- Agrop. Santa Inês Ltda nº 11825**
Rancharia SP
- Agropecuária Stilco Ltda nº 11771**
Jangada MT
- Alex Schatkin Cukier nº 11759**
Rio de Janeiro RJ
- Almor Paulo Antonioli nº 10711**
Brasília DF
- Altair Antônio Scariot nº 11765**
São João PR
- Angelo Lucciola Neto nº 11824**
Camaçari BA
- Antônio Alfeu do N. Jr nº 11754**
Uberaba MG
- Antonio C. Gomes Jr nº 11804**
Uberaba MG
- Antônio F. de Araújo nº 11526**
Ananindeua PA
- Arédio José dos Santos nº 11813**
Santa Terezinha de Goiás GO
- Arnoldo Wald Filho nº 11751**
São Paulo SP
- Carlos A. R. Romero nº 11780**
Porto Nacional TO
- Dagmar José dos Santos nº 11758**
Uberlândia MG
- Daniel Teixeira Dias nº 11766**
Ananindeua PA
- Dante Emílio Ramenzoni nº 11795**
São Paulo SP
- Dercy Jorge Gouveia nº 11782**
Tangará da Serra MT
- Edmilson Dias Duarte nº 11783**
Marabá PA
- Edvaldo José Pascon nº 11777**
Santa Gertrudes SP
- Fábio Alves Costa nº 11798**
Belo Horizonte MG
- Fábio Neves Guimarães nº 11265**
Brasília DF
- Fazenda Garcia Ltda nº 11663**
Rio de Janeiro RJ
- Fischer S/A Agropecuária nº 11767**
Matão SP
- Francisco José F. Jacintho nº 11830**
Presidente Prudente SP
- Francisco Piccolotto e Cond. nº 11815**
Campinas SP
- George E. R. Ellis Jr. Cond. nº 11784**
Presidente Venceslau SP
- Geraldo Natividade Tarallo nº 11829**
Campinas SP
- Giciola Silva de Mello nº 10375**
Aparecida do Rio Negro TO
- Granja Courotex Ltda nº 11822**
Feira de Santana BA
- Guilherme S. Del'Arco nº 11762**
Uberaba MG
- Hugo Tosi nº 11768**
Jaboticabal SP
- Humberto Rubens C. Neto nº 11805**
Maceió AL
- Ingá Agro Florestal S/A nº 11800**
Palmas TO
- Iron Gomes G. Júnior nº 11770**
Goiânia GO
- Jadson Michel Pesconi nº 11799**
Ourilândia do Norte PA
- João Augusto P. Toesca nº 11786**
Umuarama PR
- João Batista S. Araújo Jr nº 11827**
Rancharia SP
- João Batista Duarte nº 10780**
Curitiba PR
- João Cruz Barochelo nº 11833**
São Paulo SP
- João Luiz Mella nº 11811**
Nova Andradina MS
- João Vitor de Melo Jr nº 11803**
Uberaba MG
- Jonas Pinheiro da Silva nº 11812**
Rosário Oeste MT
- Jonathas Borges Soares nº 11764**
Cotia SP
- Jorge Papazoglu nº 11779**
Belo Horizonte MG
- Josaphat P. de A. Neto nº 11757**
Belém PA
- José da Silva N. Filho nº 10243**
Maceió AL
- José Langerci Adriano nº 11590**
Goiânia GO
- José Odemir Spaggiari nº 11776**
Orlândia SP
- José O. R. de Almeida nº 11835**
Campo Grande MS
- José Osório de A. Júnior nº 11826**
São Paulo SP
- José Ricardo Benato nº 11785**
Piracicaba SP
- José Valdeci Silva nº 10468**
Pedreiras MA
- Kátia Regina de Abreu nº 11074**
Palmas TO
- Laerte Nelli V. e Cond. nº 11831**
Presidente Prudente SP
- Lêda Ferreira Góes nº 11773**
Goianira GO
- Leonardo Moura Vilela nº 11836**
Goiânia GO
- Lúcia Helena C. de Freitas nº 11775**
Itumbiara MG
- Luiz Antônio Garcia nº 11228**
Jaboticabal SP
- Manoel Carlos Antunes nº 11608**
Belém PA
- Manoel Messias Veiga nº 11816**
Bacabal MA
- Marcelo L. Martins e Cond. nº 11834**
Porto Esperidião MT
- Marcos Ferreira Moraes nº 11294**
Campo Grande MS
- Marcus Vinícius S. L. Abreu nº 11654**
Barreiras BA
- Maria Lúcia Duarte Bourg nº 11828**
São Paulo SP
- Mauro Raso Assumpção nº 11802**
Belo Horizonte MG
- Milton Carlini nº 10093**
Uberaba MG
- Nilson Carlos Silveira Moreno nº 11611**
Camapuã MS
- Nilton Soares dos Reis nº 11787**
Goianésia do Pará PA
- Nivaldo Alves Pereira nº 11788**
Belo Horizonte MG
- Omar Resende P. Filho nº 11806**
Rio de Janeiro RJ
- Osmar Honorato Borges nº 11818**
Taguatinga TO
- Paulo de Sordi Neto nº 11774**
Ilha Solteira SP
- Regina F. A. C. Iglesias nº 11550**
Maracaju MS
- Ricardo Marques Coury nº 11789**
Goianésia GO
- Ricardo Oliveira Selmi nº 11794**
Sumaré SP
- Rogério Feletti nº 11823**
Teixeira de Freitas BA
- Sebastião Naves Júnior nº 11335**
Curionópolis PA
- Sérgio Motta Mello nº 11665**
São Paulo SP
- Silvio Peçanha Paes nº 11790**
Campos dos Goitacazes RJ
- Urgel Montes Pereira Filho nº 11796**
Palmas TO
- Venceslau Bizinoto nº 11820**
Anápolis GO
- Virgílio B. de A. B. Camargos nº 11761**
Uberaba MG
- Virgílio José L. Abreu nº 11772**
Uberaba MG

Histórias de Tiãozinho Cunha

Liberdade de papagaio



* Luiz Humberto Carrião

Estava num dia daqueles. Chateado por não haver conseguido publicar, durante a maior feira zebuína do mundo, o Sumário Nacional de Touros Zebuínos Leiteiros da Raça Gir, cabisbaixo, descia a Rua Sete, no centro da capital, conversando sozinho quando fui interpelado:

— Tá ficando doido ou é impressão minha?

— Por quê? Retruquei ao reconhecer a voz de Tiãozinho Cunha.

— Quem fala sozinho, rasga nota de cem e acredita em economista, só pode estar doido.

— É bem provável que eu esteja doido.

— O que de tão grave aconteceu para tão triste destino?

— É que estávamos numa expectativa muito grande com o lançamento do Projeto Leite do Zebu em Uberaba, todavia, fomos frustrados porque o pesquisador que deveria preparar o sumário de touros,

não cumpriu com o acordado.

— E qual a justificativa para isso?

— Segundo ele, dependia apenas de alguns pequenos detalhes técnicos, mas na verdade, acredito que ele tenha recebido ordens superiores para procrastinar a publicação.

— Por que essa desconfiança?

— Não é desconfiança, meu amigo. É que pelo dito na reunião, o touro que se encontra em primeiro lugar no sumário nacional de touros a ser publicado pelo Projeto Leite do Zebu, não corresponde ao touro que ocupa o primeiro lugar no ranking elaborado por uma associação de criadores.

— Como? Não Entendi.

— Não dá para entender mesmo. Dados de criadores do país inteiro, que fazem controle leiteiro oficial, são remetidos para uma base maior, onde é elaborado um sumário nacional de touros. Nesse sumário, são identificados os touros

em teste por aquela associação, deletam-se os demais, e publica-se um novo sumário.

— Pelo que me relatas, o sumário de touros dessa associação é o Sumário Nacional de Touros adulterado.

— Entenda-se como quiser, meu amigo.

— Você acredita que o pesquisador que omitiu o sumário esteja por trás disso?

— Não. É peixe pequeno.

— É meu filho, ainda continua no Brasil a liberdade de papagaio!

— Como?

— Fala o que eu te ensino e vá somente até onde a corrente alcança.

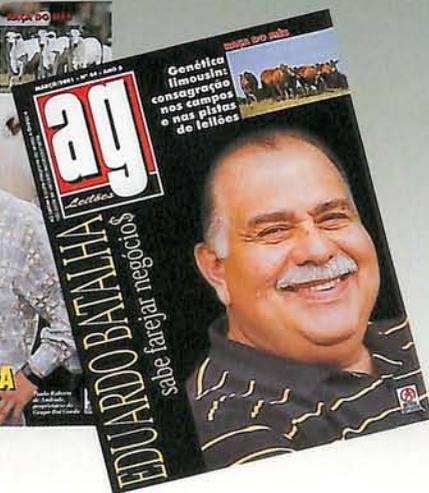
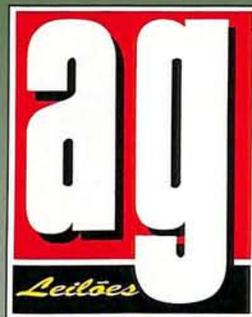
* Luiz Humberto Carrião, professor em Goiânia, é diretor da ABCZ.

Assine

a granja

A REVISTA DO
LÍDER RURAL

+



E receba GRÁTIS



IVOMECC GOLD ou EPRINEX da MERIAL

É isso mesmo, você assina a principal revista de agronegócios do país, recebe AG Leilões, a publicação mais quente da pecuária brasileira, e leva GRÁTIS Ivomec Gold ou Eprinex da Merial.

Ligue agora mesmo **(51) 233-1822**

PROMOÇÃO POR TEMPO LIMITADO

BRAHMAN é PILAR - AAAA

Programação Genética por Computador: sempre em busca de rendimento, sempre para satisfação de nossos clientes.



**SEGUNDO
LEILÃO QUERENÇA**
1º de setembro - sábado às 19h
Fazenda Querença

Sêmen
R\$ 8,00
a dose

Lagoa
da serra
30 Anos de
Sucesso

MR PILAR POI 169

RECORDISTA NACIONAL DE GANHO DE PESO - RAÇA BRAHMAN

1.786 gr dia/1ª PGP Brahman do Brasil

DADOS DA 1ª. PGP BRAHMAN NO BRASIL - set. / dez. 99

	RGD na ABCZ	GMD em gr/dia	Ganho em 112 dias	Idade ao Final da PGP	Peso ao Final da PGP
1º.	AAAA 169	1,786	200 kg	412 dias	504 kg

Paí: Grande Campeão Americano 91: 1250 kg

Mãe Importada: Campeã Nacional EXPOZEBU 97: 650 kg



BRAHMAN: Nasceu para ser comparado!

Brahman Denominador Comum no Cruzamento Industrial!

FAZENDA PILAR: Tel/Fax (11) 5538. 3971 (21) 2523.9621
sergio@brahmanpilar.com.br

LAGOA DA SERRA: Tel (16) 645.2299
www.brahmanpilar.com